FICÇÕES

NEWTON SAMPAIO

Sozinho, Newton Sampaio fez a semana de arte moderna no Paraná. Mas não teve solenidade nem evento. O escritor paranaense foi o primeiro a incorporar o legado modernista. A sua produção passou praticamente despercebida por aqui e, somente no final da década de 1940, o legado do autor começou a ser reconhecido.

"O maior contista do Paraná foi um moço chamado Newton Sampaio." A frase é de Dalton Trevisan e está no texto "Notícia de Newton Sampaio", publicado na edição 11 da revista *Joaquim* — um marco da cultura local e, por que não?, nacional.

A afirmação do "Vampiro de Curitiba" não tem nada de exagero. Sampaio escreveu contos com uma linguagem moderna: frases breves, praticamente sem adjetivos, apenas quando imprescindíveis. Frases breves, praticamente sem adjetivos, apenas quando imprescindíveis. A psicologia dos personagens é revelada por meio das ações. O prosador praticamente segue a cartilha, não escrita, do que muitos definem como escrever bem.

No entanto, apesar da força e expressividade de sua obra, Newton Sampaio não é muito conhecido, sobretudo entre gerações mais recentes. É para recuperar a produção deste autor que o selo Biblioteca Paraná publica esta antologia, que reúne os livros *Irmandade* (1938), *Contos do sertão paranaense* (1939), contos publicados em jornais e um texto veiculado nas páginas da revista *Joaquim*.

O crítico literário Wilson Martins (1921-2010) afirmou que para quem era jovem e interessado em literatura na década de 1930, "no ambiente literariamente anacrônico do Paraná", Sampaio representava um herói cultural. "O que nele admirávamos, antes de mais nada, era a irreverência com relação aos nomes consagrados. O estilo nervoso e ágil, a inteligência aguda e a integração nas correntes vivas do pensamento", escreveu Martins.

Agilidade, inteligência e diálogo com o que há de mais instigante no mundo das ideias é um pouco do que o leitor vai encontrar nos textos reunidos nesta obra. E, como profetizou Marques Rebelo (1907-1973), em 1938: "Seu nome [Newton Sampaio] não será esquecido. É um verdadeiro contista".

FICÇÕES

NEWTON SAMPAIO

FICÇÕES

NEWTON SAMPAIO

Biblioteca Paraná

Beto Richa
Governador do Estado do Paraná

Paulino Viapiana
Secretário de Estado da Cultura

Valéria Marques Teixeira
Diretora Geral da Secretaria de Estado da Cultura

Rogério Pereira
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Ivens Moretti Pacheco
Diretor da Imprensa Oficial do Paraná

Núcleo de Edições
Marcio Renato dos Santos
Omar Godoy

Edição
Luiz Rebinski Junior

Preparação de originais
Melissa R. Pitta

Revisão
Vanessa Rodrigues

Capa
Osvalter Urbinati

Projeto Gráfico e Diagramação
Clarissa Menini

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável: Mara Rejane Vicente Teixeira

Sampaio, Newton, 1913-1938.
Ficções Newton Sampaio. - Secretaria de Estado da Cultura : Biblioteca Pública do Paraná, 2014.
226 p. ; 21 cm.

ISBN 978-85-66382-14-3

1. Ficção brasileira – Paraná. I. Biblioteca Pública do Paraná. II. Título..

CDD (22ª ed.)
B869.35

SUMÁRIO

Newton Sampaio: contista em tempo de romance 9

IRMANDADE

Irmandade 17
Seu Fidélis vai viajar 21
O cântico 29
Castigo 35
Quinze minutos 39
Tragédia das mãos 41
Trem de subúrbio 47
Inspiração 51
Tríptico 55

CONTOS DO SERTÃO PARANAENSE

O ideal do clarinetista Valério 63
Retorno à fazenda 71
O atrapalhador de noivados 81
Delírio do Zé Carijó 85
Bomba de Santo Antônio 91
Desvario 95
Pesadelo 99

Caco de gente 105
Zico 111
Desencanto de gente rústica 117

ESPARSOS

Carnaval de camelô 125
Família 131
Dois homens feios conversam 135
Noite quente, noite quieta, da cidade inútil 139
Capítulo das vozes noturnas 143
Simples diálogo 147
O puritano 149
Sonho verde 155
Festa de S. Antônio 167

CRIA DE ALUGADO

Damião 175
Vontade ser canalha 179
Inspiração 185
Funeral 189
Trem de subúrbio 195
Espetáculo 199
Noturno 203
Pensão familiar 211

Um cego subiu no bonde 215
Estio 219

JOAQUIM

Um texo de Newton Sampaio 225

NEWTON SAMPAIO CONTISTA EM TEMPO DE ROMANCE

LUÍS BUENO

Na década de 30, um tempo em que o romance dominou a literatura brasileira como se fosse o único gênero literário possível, Newton Sampaio dedicou-se insistentemente ao conto. Seu primeiro artigo de crítica, publicado no jornal *O Dia*, de Curitiba, já tratava, com propriedade e conhecimento de causa, de um livro de contos de um jovem paulista radicado em Curitiba, O. Emboaba. Nesse texto, aos dezenove anos, Newton Sampaio apresentava uma visão bastante clara do que seria um bom conto, além de demonstrar já àquela altura ter conhecimento consolidado sobre o conto brasileiro. Vejamos o que diz ele sobre o livro:

Sucuruju consta de 16 contos. Todos eles sertanejos. Na urdidura e nos cenários. Todos eles curtos. Rápidos. Sem o horror das descrições intermináveis. Sem o *parti-pris* de traçar psicologias. De criar tipos.

O autor tem imaginativa relativamente fácil. Sabe preparar o final de cada conto. O que, aliás, é qualidade essencial em qualquer contista. O desenrolar dos entrechos é bem leve. Não cansa. Porque há a leveza do tema, como no conto "Um crime", cujo final é interessante. E há também, às vezes, um traço de tragédia como na "História dos

4" e na "Maldição do além-túmulo". A página descrita que começa "A vingança de um morto" é boa.[1]

A principal característica que ele defenderá como elemento central do gênero é a objetividade, sem descrições excessivas — o que não quer dizer que deva abrir mão das descrições, como se deduz pelo elogio final — e sem desejo de caracterizar extensamente a psicologia das personagens. As ações das personagens, portanto, é que devem estar no centro do conto, o ambiente e a caracterização psicológica nascendo delas ao invés de serem atribuídas.

O enredo, para ele, deve se desenvolver tendo em vista o impacto do final. O que ele defende aqui é a concepção clássica de que o conto, por ser breve, deve se concentrar num momento, num aspecto da vida, de maneira que seu desfecho venha a ser uma espécie de culminância ou revelação máxima. Valoriza, na construção desse enredo, o elemento trágico, também sem exageros, como algo a ser explorado.

Durante toda sua curta carreira — interrompida pela morte precoce em 12 de julho de 1938, antes de completar 25 anos — ele se dedicaria ao conto. Assim que teve oportunidade, entrevistou Marques Rebelo, escritor que, naquela altura, era o modelo de contista brasileiro e perguntou-lhe por que o conto estava em decadência, "em anemia", no Brasil. A resposta foi a de que o brasileiro não tem simpatia pelo gênero já que só considera sério algo volumoso como o romance, e, pela mesma razão, o volume, andariam vazios os recitais de música de câmara e cheios as apresentações de ópera. Mas não se contentou com a explicação do mestre, já que em artigo posterior ele reafirmaria que "na atual literatura brasileira, não sobrou margem para o conto. Maupassant, se residisse ali no Botafogo, certamente

1 SAMPAIO, Newton. Surucuju. In: *O Dia*. Curitiba, 14/06/1933.

morreria de fome..."[2]. Propõe a criação de uma "cruzada nacional de educação" para recuperar o conto e lembra a explicação de Rebelo, para perguntar: "Será tão fácil assim a explicação? Tão fácil, tão simplista?".

Se não chegou a lançar uma improvável cruzada de educação a favor do conto, tratou pelo menos de fazer a sua parte, publicando contos com regularidade. Fez também experiências em narrativas mais longas, mas, com a exceção da novela *Remorso*, foram todas interrompidas e seus capítulo muitas vezes convertidos em contos.

Neste volume que, pela primeira vez, reúne todos os contos conhecidos de Newton Sampaio — é possível que haja outros ainda a descobrir nas revistas e jornais cariocas — essa dedicação pode ser percebida melhor do que nunca. Até mesmo os fragmentos de novela ou romance *Cria de alugado* contribuem para essa percepção ao mostrarem como é pensado como conto aquilo que deveria fazer parte de uma narrativa maior, com principalmente o cuidado em fazer tudo desembocar num final significativo: ligeiramente revistos, transformam-se efetivamente em contos que se bastam em si. Para perceber como isso acontece, é só comparar o efeito dos capítulos de *Cria de alugado*, "Inspiração" e "Trem de subúrbio", quando compondo a trajetória de um único personagem, Damião, e quando, lidos como contos em *Irmandade*, funcionam como narrativas independentes.

Irmandade, como todos os livros de Newton Sampaio, foi publicado postumamente, lançado em novembro de 1938, apenas quatro meses depois da morte do autor. Mas é o único de seus livros que ele planejou e finalizou, com o objetivo de concorrer a um prêmio da Academia Brasileira de Letras. Ele terminaria por ganhá-lo, ainda postumamente, em setembro de 1938 — e, como um prêmio da Academia pode deixar muita gente desconfiada, é sempre bom lembrar

2 SAMPAIO, Newton. Coqueluches da literatura moderna. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 15/08/1937.

que um grande livro, *Viagem*, de Cecília Meireles, seria o vencedor do ano seguinte, em que o gênero contemplado foi a poesia. Em 1939 outro de seus livros seria publicado, *Contos do sertão paranaense*, trabalhos coligidos por seus amigos de Curitiba, e, muitos anos depois, em 2002, foram recolhidos em volume os contos que estavam dispersos em jornais e revistas do Paraná e do Rio de Janeiro.[3]

Irmandade é, portanto, o trabalho mais maduro do autor, e por meio de sua leitura podemos ver como evoluiu sua percepção sobre o conto em relação àquilo que ele explicitou no início de sua atividade intelectual. O mais importante se manteve, e é fácil perceber que a valorização da objetividade jamais seria relativizada. Se, aqui e ali, nos contos de temática regional, seguindo a tradição do gênero, ele talvez tenha se demorado um pouco nas descrições, em *Irmandade* elas estão reduzidas ao necessário.

A presença de algo que podemos chamar de um elemento trágico ele também manterá, convertendo-o mesmo em marca registrada sua. Em um conto como "Caco de gente", a tragédia se avulta, atingindo a todos, a começar pela infeliz personagem-título. Em "Seu Fidélis vai viajar" o trágico se mistura a um leve humor. Esta aliás se tornaria uma marca registrada sua, que Mário de Andrade chegou a apontar em um dos raros artigos críticos a se ocuparem, ainda que rapidamente, do escritor paranaense, ao dizer que ele era "autor de páginas tão expressivas do humour amargo e ridículo das coisas"[4]. Trata-se de um conto mais longo, em que também se nota o quanto Newton Sampaio reviu, na prática, parte de sua concepção inicial. Aqui, ao invés de se focar num momento especialmente dramático, o enredo percorre a vida de um homem, da infância à maturidade, até

3 Ver: SAMPAIO, Newton. *Contos do sertão paranaense*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1939 e SAMPAIO, Newton. *Remorso* – Ficção dispersa. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.

4 ANDRADE, Mário. A Palavra em Falso. In: Vida Literária. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993, p. 91.

um desfecho que, sem ser impactante como ele antes havia prescrito, tem como função dar acabamento a esse clima de, por assim dizer, suave tragédia que percorre a vida de seu Fidélis.

O escritor passa a ver as possibilidades do conto para além de sua conformação mais clássica, percebe que o conto pode explorar algo menos concreto, um clima, uma sugestão. E ele exercitaria isso de maneiras diferentes. Em "Simples diálogo", por exemplo, o que um casal de personagens conversa, coisa da mais absoluta banalidade, é capaz de fazer crescer, na mente do leitor, a sensação da tensão sexual entre aquelas duas criaturas e as frustrações do amor — em todas as criaturas. Em "Tríptico" a escrita chega a ser pungente, no acompanhamento de três destinos que não se relacionam entre si exceto pelo desencanto.

O conto "Irmandade" mostra, mais claramente que qualquer outro, esse amadurecimento do jovem escritor. É, sem exagero, uma pequena obra-prima do moderno conto brasileiro. O enredo é mais sugerido do que contado. Embora o final tenha impacto, é difícil dizer que o conto se desenvolve para prepará-lo. Ele está mais a serviço da criação daquela atmosfera que Newton Sampaio foi mestre em obter, o da pequena tragédia das vidas comuns. A intimidade de uma família nos é mostrada de perto, sem que saibamos dela mais do que o mínimo para nos fazer respirar aquela atmosfera.

Antes de ler as histórias de Newton Sampaio, talvez valha a pena, para terminar esta apresentação, conhecer uma pequena história sobre ele. História com final muito ao seu gosto, feito do humor amargo que encontramos nas pequenas tragédias da vida que ele soube tão bem criar.

Seu último artigo crítico saiu no *Diário de Notícias*, do Rio, no mesmo mês em que deixaria o Rio de Janeiro para buscar tratamento para a tuberculose na cidade da Lapa, no Paraná. Nele se observa a mesma língua afiada que se pode ver no texto final desta antologia, que ficaria inédito por dez anos até aparecer na revista *Joaquim*. Aqui

o alvo não são os escritores da província, mas sim os famosos, da capital, incluindo até seu ídolo Marques Rebelo:

> E lamentemos, para terminar, que certos felizes cultores do moderno romance e do conto sejam tão insípidos colaborando em jornal. Percebe-se, *verbi gratia*, em lendo um trabalho avulso do sr. Marques Rebelo, que ele não tem nada a dizer fora do seu gênero, precisando comumente recorrer ao expediente do "Depoimento" para encher duas ou três laudas sem nenhum interesse...[5]

Ele se refere aos textos que Rebelo publicava quinzenalmente no influente jornal cultural *Dom Casmurro*, do qual era redator-chefe. O que não poderia saber é que, assim que *Irmandade* fosse publicado, ele próprio seria o objeto de um desses depoimentos sensaborões. O contista carioca descreve a noite em que Newton Sampaio foi entrevistá-lo em sua casa e acabou tomando café numa xícara antiga de fina porcelana de Sèvres, herança de uma tia e jamais utilizada até aquela noite. Depois disso, todas as vezes em que se encontravam, Newton perguntava: "Como vão elas?", referindo-se às xícaras. E a resposta era a mesma todas as vezes: "Muito bem, muito obrigado. Continuas o único!"

Como tudo que diz respeito a Newton Sampaio acaba em conto, ele próprio acabaria num, já que Marques Rebelo depois de rever o texto e tirar o nome de Newton, transformando seu protagonista em um homem sem nome, publicou-o como conto, com o título "Um morto" no livro *Stella me abriu a porta*, de 1946.

5 SAMPAIO, Newton. Articulistas. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 03/04/1938.

IRMANDADE

Irmandade

O moço de cinzento abriu os olhos. Espiou a folhinha.

No alto, bem negro, um nome.

— Dezembro.

Mais abaixo, em encarnado, um algarismo.

— 4.

Leu. E repetiu baixinho:

— Quatro...

Caminhou na diagonal do aposento. Deteve-se, frente à luxuosa secretária.

Dezembro... Quatro...

Espetou o dedo no ar.

— O que é isto?

(O espelho copiou o gesto, com absoluta fidelidade).

— O que é isto, moço do espelho?

O moço do espelho estava de cinzento também. E tinha o cabelo loiro, encaracolado, bonito.

Fitaram-se longamente.

— Então, nada?

Pôs a mão no bolso. Tirou-a, rápido. O outro repetiu, simultaneamente, ambos os gestos.

— Você é louco?

O do espelho mexeu os lábios.

— Você é louco?

Virou-se sobressaltado. Que voz seria aquela?

Reparou que a janela estava aberta. Por ela entrava o sol medonho do verão.

Contemplou a rua. Algum movimento. Na calçada fronteira, três crianças coradinhas, trêfegas, brincando de roda. Na casa vizinha, a velha de chinelos de couro despachava o vendedor de frutas com dois desaforos. Um gato indolente não quis saborear os desaforos. E foi esfregar o dorso na areia morna.

Alguém parou embaixo da janela. E a velha de chinelos, na porta da frente:

— Glorinha. Pode me dizer que horas são?

— Onze e pouco. Saí da missa neste instante.

— Já? Virgem Maria! Como atrasei o almoço!

Fez tenção de se recolher. Arrependeu-se em tempo.

— Sabe? Espero hoje o primo Justino, aquele do norte.

— Ahn!

Arriscou ainda:

— Como vai o mano, Glorinha?

Glorinha levantou os olhos desalentados até a janela.

— Naquilo mesmo.

— Coitado!

A velhota entrou correndo, bradada pelo cheiro ruim de cereal estorricado.

As crianças pararam de rodar, suadas, coradinhas.

O gato ali de perto sentiu a quentura da areia da rua. E rosnou, contente.

A moça, ainda uma vez, subiu a escada, com bandeja tomada inteira por novo almoço.

Norberto não percebeu logo a entrada da irmã. Continuou de cócoras, a remexer a comida derramada.

— Vamos almoçar?

Levantou-se, possesso. Num segundo, porém, teve a fisionomia mais serena deste mundo.

— Como não, Glorinha? Deixe-me ajudá-la.

— Sente-se aí. Assim, quietinho.

Serviu-o, com imensa brandura.

— Glorinha...

— Diga.

— Quem foi que sujou o soalho, ali?

— Não sei. Desde ontem que o soalho está manchado...

— Ontem? Não estava, não. Eu apalpei... É comida quente.

— Talvez.

E acrescentou, amável:

— A negrinha vem cá limpar, logo mais.

— A negrinha pode vir. O que eu não quero ver dentro do quarto é o Ciro...

— Descanse. O Ciro não virá nunca mais. O Ciro já morreu.

— Porque, se ele vier, rasgo-lhe o pescoço com esta faca. Deste jeito. Veja.

E ensaiou o ato no ar, com os olhos brilhando.

— Sim. Estou vendo.

Glorinha compôs melhor a cama. Cerrou um pouco a janela, por causa do sol.

— O dia hoje está bonito, não?

— Muito.

Tomou um dos pratinhos.

— Quer mais disto?

Norberto não respondeu. Não respondeu, mas perguntou:

— Vamos passear hoje?

— Mais tarde.

— Só nós dois?

— Só nós dois.

— E mais ninguém?

— Mais ninguém.

— E Ciro?

— Ora bobo! O Ciro está viajando.

— Viajando?! Você me disse que ele morreu...
— É a mesma coisa. Morrer. Viajar...
Disse e foi saindo. Desceu a escada, desoladíssima.

Na varanda ensombrada, dona Guiomar acariciava o filho Ciro.

Seu Fidélis vai viajar

| I |

Evero! Si non fusse I'etá, io facceva parti du ugrupo du Garibaldi, du grande Garibaldi, bra a conquistare la Sicilia in tre mesi. In tre mesi, eh, hai capito! Com Garibaldi era cosi. In tre mesi!

E ficou com os três dedos espetados no ar, gozando o efeito.

— Mas, seu Pascoal! Você não é Siciliano?

Disse que sim com a cabeça.

— E queria brigar contra seu povo, invadir sua própria casa?

— *E perche no? Scuso, amico Proença. Tu gompreende di chiropi, elixire, eh! Ma da a storia italiana, non capisci niente. Garibaldi lavorava pruma coza bona: I'unione d Itália. E quando uma coza bona cosi, pra noi italiani... — que famiglia! que niente! tutto via...*

— Garibaldi não passava de um aventureiro. E daqueles bem ordinários...

Dr. Laurindo aprovou a palavra do farmacêutico. Gastou um sorriso pouco sibilino, sentenciando:

— O Pascoal queria, mas era barulho. Do que ele gosta é mesmo de espetáculo.

O italiano fez-se de desentendido, voltando ao tom narrativo.

— *In sessanta-sete, io era uno dus voluntário di Garibaldi.*

— Por isso o gringo foi derrotado...

— Derrotado? *Garibaldi non stato derrotato mai, dottore!*

— É o que dizem os jornais, os livros...

— *I libri, i libri... Qual lu libri qui potteva sabere meglio di io, qui ô brigato djunto du u Garibaldi, qui adjudei I'unificazzione da mia Batria?*

— Grande adjutório, mesmo... Imaginem aqui o Pascoal, herói nacional, soldado de um ambicioso sem escrúpulos...

— *Amico Proença. Non mi provocate! Respetta pelomeno lo signalo qui porto incopa de la esquina, eh, vedi! vedi!*

Os outros desrespeitaram a cicatriz e o portador da cicatriz. Razão suficiente para que o Pascoal saísse fulo de raiva, de chapéu rebatido na testa.

— *Terra d'ignoranti! Non si puo nem meno parlare com libertá!*

Esbarrou numa lata enferrujada. Deu-lhe violento pontapé e algumas terríveis maldições.

— *Terra maladeta! Me ne vado imbora oggi mesmo.*

Entrou em casa como um furacão.

— *Natalina! Ó Natalina! Dove stá, malatesta!*

Natália respondeu do fundo do quintal:

— Aqui, homem de Deus!

Continuou a ensaboar a roupa, enquanto Pascoal xingava o farmacêutico, o Dr. Laurindo, a população da cidade, o povo brasileiro. Ela nem ligou. Porque se habituara à cena, repetida todo o santo dia.

— *Non me posso piú! Terra maladeta!*

Pôs-se a caminhar em volta do tanque, espiando o serviço da mulher. Natália mergulhava a roupa na água, torcia, torcia, dependurava-a no varal. O sol batia em cheio nas bolhas de sabão, na cabeça do italiano, no riacho que corria de mansinho. O sol brilhava bem quente, secava depressa demais as roupas de Natália, deixava o homem com muita preguiça. Natália torcia, torcia. O voluntário de Garibaldi procurou a sombra da laranjeira, esborrachou-se no gramado de barriga pra cima, defendeu os olhos com o velho chapéu, caiu no sono.

Fidelis pulou de contente quando soube que iam viajar. Até aborreceu a mãe de tanto abraço.

— Diabo de guri! Bem se vê que é filho do pai.

No fundo, porém, Natália se entristecera. Afinal de contas, tão bem viviam naquele lugar! — ela batendo roupa de segunda a sábado, Pascoal com suas parolagens sem fim nas esquinas e na farmácia do Proença... Talvez, na capital, as coisas melhorassem. Mas tudo era hipótese, incerteza. E, na cidade grande, não poderia Pascoal ficar pior? Que homem impossível! Sempre ansiado, querendo viajar, correr mundo. Bem lhe aconselhara a avó: "Não case com esse italiano, menina. Estrangeiro que não acerta a vida até os trinta anos, é criatura de má sina. Não vê logo? Nunca esquentou lugar, não tem trabalho certo, vive contando histórias". A velha se lastimava da responsabilidade que lhe conferira a morte da filha e do genro, mas a neta não atendia. Gostara do adventício, tinha mesmo de casar.

A notícia correu depressa. Não a levou a sério, entretanto, o grupo da farmácia.

— Vai embora? Que nada! Há cinco anos, aí dessa porta, ele ameaça se mudar daqui. É só a gente falar mal de Garibaldi...

Proença socorreu a opinião do Dr. Laurindo:

— Conheço o Pascoal. Tudo fogo de palha. Logo eles se encontram, o Cel. Graciliano olha pro gringo, o gringo olha pro coronel, os dois se abraçam... e pronto! Acabou-se a festa.

— Tal e qual.

— Pascoal não é mais homem de aventuras. Bastam os trinta anos em que ele andou rolando por esse mundão de Deus, antes de encontrar a tonta da Natália. Voltem aqui amanhã e darão de cara com o gringo nesse mesmo lugar, falando alto, mexendo os braços sem necessidade.

Esperaram. Mas inutilmente. Porque o estrangeiro nunca mais apareceu pra contar as façanhas de Garibaldi e discutir com o far-

macêutico. Botou pernas no mundo, de madrugadinha, deixando a família à sorte, sem vintém.

O guri chorou. Não de saudade, mas por decepção. Decepção e solidariedade com a mãe que não tirava os olhos da velha mala, da mala intacta, — as roupinhas do Fidélis em cima, as camisas do Pascoal logo embaixo, muito passadas a ferro, dobradas a capricho, com todo o carinho.

| II |

Quando Natália morreu, Fidélis servia de caixeiro ao filho mais velho do Cel. Graciliano. Não aguentou a solidão, pediu que a namoradinha o aceitasse por marido.

Adelaide ficou embevecida, sonhou coisas lindas a noite inteira, o noivado foi apregoado pelo vigário no domingo da Páscoa.

— Delaide! — dizia o rapaz. — Logo depois do casamento nós vamos viajar, não é mesmo? Conhecer a capital, que é muito bonita, cheia de casas enormes. Já estou juntando dinheiro. Tudo quanto é mês separo um pedaço do ordenado. Até o fim do ano que vem, vamos ter o disponível.

— Que jeito tem a cidade? Você já foi lá?

— Eu nunca fui. Mas os outros me contam. Há cada sobrado, menina, tão grande, tão grande, que a casa do Cel. Graciliano perto é mesmo que nada. Coisa formidável!

— Ahn!

Deixava a noiva suspirando pelo casamento e se perdia nas ruas esburacadas. A imaginação do filho do Pascoal também não descansava...

Inevitável, o dilema. Ou comprar a casinha, ou realizar a viagem. Não chegava, o dinheiro, para os dois triunfos.

Falou, por Adelaide, a voz da futura mãe. E a capital continuou virgem aos olhos de Seu Fidélis...

| III |

Seu Fidélis progredia, passou de interessado a chefe de firma. Perdeu aquele modo turbulento ("Este guri tem bicho carpinteiro no corpo", costumava Natália dizer), adotou gestos serenos, só pensava na Carmenzinha.

Estava, a filha, quase mocinha, quando o sangue do Fidélis se mexeu como dantes.

— Delaide. Precisamos mostrar a civilização à menina. Ela não pode crescer, toda a vida, num lugar atrasado como este. O mundo é grande, há muita coisa que se ver. Nunca saí daqui, mas não quero que os outros sejam como eu.

— Viajar, em tempo de guerra?

— Que importância? Nós não vamos pra França nem pra Alemanha. Quero é conhecer São Paulo. Em São Paulo não há granada, nem trincheira, mulher.

— Acho extravagância, agora. Mais tarde a gente vai.

Seu Fidélis não discutia nunca. Comeu o resto da goiabada, voltou pro balcão a examinar, com o cometa da Battos, Santos & Cia., o custo das chitas e dos brins, e conversar interessadíssimo sobre o progresso da capital do Estado.

À tardinha, porém, cachimbando na calçada, sentiu a mesma tristeza, aquela saudade absurda.

— Esquisito! Saudade de quê, eu tenho?

Foi o novo viajante da fábrica de calçados quem lhe virou a cabeça. Tanta vantagem contara, o Antunes, afirmando tanta maravilha, que a pequena família logo iniciou a equipagem.

— Que tem Seu Fidélis que anda tão contente? — perguntavam os fregueses ao caixeiro.

— Não é nada. Seu Fidélis vai viajar.

(Essa resposta fez carreira na praça).

A mala da filha encheu-se de vestidos, enfeites, cosméticos. A Casa Aurora de Fidélis d'Angelo (fazendas e armarinhos; chapéus, calçados e ferragens; secos e molhados) tinha de tudo.

O espirro de Carmenzinha assustou a velha.

— Menina! Não faça barulho assim.

— Desculpe.

E continuou a passar a ferro o colarinho do pai.

Fidélis, nesse momento, empurrava a porta, de volta da sessão maçônica, inteiramente convencido da vitória dos aliados.

O simples espirro abriu caminho para a dor de cabeça, a fadiga, a febre, positivando-se o terceiro caso de espanhola no município.

— Se a Proença ainda vivesse — gemia o Fidelis — ela se salvaria. O Proença levantava a pobrezinha, tenho certeza.

— Conforme-se, homem! Em toda parte o mesmo desastre aconteceu.

— Horrível, hein, parceiro? A cidade está um cemitério. Só se vê gente de preto. Mesmo que fim de mundo...

— Nunca vi coisa igual.

— Coitado do Cel. Graciliano! Tão velhinho, pode-se dizer que ajudou a fundar isto aqui, e foi o primeiro a bater as botas.

Noite alta, percorrida de ventania. Céu borrascoso, com a lua em minguante rebatida por detrás das nuvens.

Seu Fidelis já descansou a lamparina na mesa forrada com toalha muito alva, e está agora de olhos úmidos. Porque apalpa, mansamente, pela décima vez, o vestido de organdi dobrado na mala, a capricho, pelas próprias mãos de Carmenzinha.

| IV |

Nos dezoito anos que se seguiram, a família não conheceu terceira pessoa. Talvez tenha concorrido, esse isolamento, para os cabelos brancos do Fidélis.

O proprietário da Casa Aurora desaprendeu o jeito de sorrir, só sabe cachimbar na calçada até tarde.

Adelaide respeita sempre o silêncio do companheiro. Senta-se ao lado, trabalhando nuns bordados que não têm fim.

Certa vez anima-se a indagar:

— Por que você não dá um passeio? O Antoninho toma bem conta do negócio, sozinho.

(O velho amassa o fumo, com o polegar).

— Viagem distrai muito.

(Seu Fidélis leva o cachimbo à boca).

— São Paulo, por exemplo. Quanta gente você não conhece lá? Esse pessoal de quem se compra todo o sortimento, a família do Dr. Figueiredo... São Paulo deve estar um colosso.

(Ele nem se mexe).

— Que fim levou o Antunes? Está vendendo agora para quem?

— Acho que pra mesma fábrica. Mas na zona norte.

— Gostava muito dele. Sabia contar cada história engraçada, que só vendo. Também... viajando, viajando dia e noite, desde mocinho.

No fim da vida podia até escrever um romance.

Foi o filho do Pascoal quem puxou conversa, na outra vez.

— Se eu não fosse tão velho, acabava visitando São Paulo. Afinal de contas, moro aqui há mais de cinquenta anos, sem arredar pé, sempre no mesmo lugar, sempre na mesma rua, todo o dia, todo o dia.

— Pois é muito simples. A estação é perto, não custa nada.

Reflete alguns segundos. Depois dá de ombros.

— Qual! Não sou mais homem disso. Já se foi o meu tempo!

| V |

Os óleos santos visitaram outra vez a casa de Fidélis d'Ângelo. Foi em junho desse ano. A geada cobria os cafezais, o sol não esquentava nada, aparecia muito tarde, se recolhia cedo.

Dona Adelaide morreu em paz com Deus, serenamente, quase sorrindo. A sala se encheu de flores, até o juiz de direito esteve presente, o novo médico lamentava a sua estreia na clínica da cidade. Não funcionou, o balcão, durante uma semana, permitindo ao caixeiro-chefe uma folga para visitar a noiva.

Ao regressar, Antoninho encontrou o patrão mexendo no depósito.

— Bom dia, seu Fidélis.

O velho não respondeu. Continua apalpando o couro, experimentando as chaves de todas as malas. Há uma coleção delas, atrás da escada. Seu Fidélis despe o casaco, executa sozinho todo o serviço. As malas se dispõem em fila, grandes e pequenas, quadradas e cilíndricas. As malas ocupam o ângulo direito da Casa Aurora (fazendas e armarinhos; chapéus, calçados e ferragens; secos e molhados) estão manchadas de tinta fresca. A notícia faz carreira na praça, enche a cidade como um fantasma. Porque Seu Fidélis vai viajar. SEU FIDÉLIS VAI VIAJAR...

O cântico

| I |

Eu amo a luta, transfiguradora e fecunda, em seus agudos instantes de plenitude.

Eu amo, eu amo a luta como se me apresenta, quando a vida me sorri, e quando a vida me castiga. Porque a luta tem a beleza intrínseca, como a fonte tem a água e o sol tem a luz.

| II |

Eu não gosto do céu nessas noites macias em que a lua romântica vai tecendo madrigais a seu amante milenário.

Eu gosto do céu quando o sol faz doer os olhos dos homens atrevidos.

Eu gosto do céu quando o céu enche o mundo de claridades que deslumbram.

| III |

Eu não gosto do mar quando as ondas só fazem carícias à praia brancacenta.

Eu gosto do mar quando o mar é fúria desencadeada enchendo o ar com estrondejamentos de apocalipse.

| IV |

Eu não gosto do vento quando a folhagem apenas baila um bailado pequenino.

Eu gosto do vento quando os cedros descrevem curvas penosas, e toda a floresta fica gemendo na devastação absoluta.

| V |

Eu vejo refrações magníficas na pele de trabalhadores que suam em trabalhos rudes.

Eu me sinto orgulhoso quando minha própria fronte é um só porejar abundante.

Eu bebo meu suor sem nojo, como os selvagens deglutem religiosamente os restos de seus guerreiros mortos.

| VI |

Eu bendigo o rosário de inquietações que o destino me concedeu, porque por essas contas se há de medir a força de minha mocidade.

Eu bendigo os golpes com que o mundo me faz sofrer, porque esses golpes estão pondo à prova as energias de meu espírito.

Eu bendigo, eu bendigo a sanha dos que me combatem e a impiedade dos que me odeiam, porque, com esse ódio e com esses combates, incendiarei substâncias novas do meu ser.

| VII |

Eu abomino as horas longas e largadas; porque nas horas largadas e

longas, não se erguerão as catedrais imperecíveis.

Eu fujo do silêncio porque o silêncio é mensagem da noite e a noite é ausência do Sol.

| VIII |

Eu não quero morrer na posição que todos ensaiam, no fim do dia.

Eu quero morrer varando o azul em saltos incríveis. Ou rasgando o chão pela força de velocidades inauditas. Ou sentindo, no fundo da vida, onomatopeias de sangue gorgolejando, de todas as carnes se abrindo...

| IX |

Porque o cântico do homem novo é um cântico de guerra.

Escreve a última frase, larga a caneta. Chega-se à janela e respira fundo, deliciado.

Consulta o relógio.

— Tão cedo! Podia passar tudo a limpo, agora.

Reflete.

— Não. De noite é melhor

Arruma o cabelo, prepara o nó da gravata, enquanto relê os períodos mais importantes.

— Modéstia à parte, esse negócio está bem passável. Só que me saiu um tanto bolchevista. Mas não faz mal. De vez em quando se deve assustar os burgueses...

Veste o paletó. Examina-se ao espelho. Sai do quarto assobiando um samba vitorioso.

Na sala de jantar, Clarita estuda um figurino.

— Que é isso? Tomando vento nas costas? Não tem medo de uma pneumonia?

— De uma não. Só de duas.

— Engraçadinha!

Fecha a porta do corredor.

— Onde está meu guarda-chuva?

— Pra que guarda-chuva?

— Ora, pra quê...

— Com esse tempo firme?

— Tempo firme, nada! Então eu não conheço este Rio de Janeiro?

Mira-se no espelho da *étagère*. E recomenda:

— Não discuta mais com seu Gonçalves, ouviu? Não quero nenhuma encrenca com vizinhos.

(Eu amo a luta, transfiguradora e fecunda...)

— Mas o rádio do português é insuportável, Raimundo.

— Embora.

— Você fala assim porque não passa o dia inteiro em casa, como eu.

Não retruca. Faz o último exame no traje.

— Bem. Vou indo.

— Há mais tempo.

Ganha a rua. Um automóvel passa chispando. Tapa o nariz com o lenço, por causa da poeira.

— Maluco!

Espera que o sinal fique bem aberto, antes de atravessar.

— Vou eu aí quebrar a cabeça, por imprudência...

(Eu quero morrer varando o azul em saltos incríveis).

Perto do poste de parada, os homens da Companhia trabalham ruidosamente. Um negro exibe ao sol o dorso nu. Sua em bica.

— Xexéu safado!

(Eu vejo refrações magníficas na pele de trabalhadores...)

O veículo não tarda.

— Fazem um barulho, estes bondes...

(Eu fujo do silêncio porque...)

Procura lugar, pedindo licença a meio mundo. Senta-se.

A perspectiva de mais um inútil dia de repartição lhe dá certa melancolia. Conforta-o, entretanto, o acontecimento da nova página.

O bonde faz a volta da rua Bambina, e Raimundo dos Santos Filho começa a recapitular, inteiramente absorto, o "Cântico do Homem Novo".

Castigo

Andava, o Esteves, nos últimos tempos, com a vista piorando cada vez mais. Não sabia o que vinha a ser aquilo. Foi ao Hospital de Caridade. O médico lhe falou em uma porção de coisas que ele não entendeu bem: — cristalino, opacidade, catarata... — recomendando ao pobre velho que não saísse muito de casa, que evitasse a luz forte, que isto, que aquilo.

Esteves, na manhã da consulta, veio para casa profundamente desanimado. Que boa espiga lhe arranjara a vida!

A mulher, a Sinhana, Deus já a levara há muitos anos. Só ficara uma filha, a Lila, que não tardaria a arranjar marido, porque se pusera mulher, de uma hora pra outra.

Tinha enorme pena de sua menina. Ainda bem que Lila era muito cordata, muito disposta a tudo. Mas aquilo lhe doía fundo. Pela felicidade que não lhe poderia dar, jamais.

Na semana santa ninguém foi trabalhar. E Esteves se deixou também ficar em casa. Ruminando, fazendo planos.

Era na sexta-feira maior. O velho estendeu-se na tarimba, sufocado de calor.

— Que horas são, Lila?

— Já passa das duas, pai.

Lila ia e vinha, arrumando coisas, com os chinelinhos fazendo reque-reque sem parar. Combinara ir à procissão com umas companheiras. E não queria sair sem deixar tudo em ordem.

Passava, a todos os momentos, pela porta do quarto do pai. E, de vez em quando, chegava-se pra perto do velho, a ver se Esteves precisava de água, de café.

— Não, filha. Pode ficar descansada.

Esteves, sem querer, se pôs a observá-la. Lila estava com as formas bem definidas. Busto cheio, ancas nítidas.

Deu uma sacudidela na cabeça.

— O que é isso, diacho?

As mesmas imagens, porém, teimavam. Teimavam cada vez mais fortes.

Quis disfarçar.

— Que horas é a procissão do Senhor Morto?

— O seu vigário marcou pras seis. Mas eu quero sair antes. Por causa da Lurdinha, que me espera.

Lila, no canto da salinha, enfiava a meia na perna bem torneada. Do lugar em que se encontrava, Esteves a via perfeitamente.

E murmurava:

— Credo! Deus até pode me castigar...

O relógio da igreja badalou três vezes.

— Foi nesta hora que Jesus morreu — refletiu — Bem nesta hora. Ele estava lá em cima, na cruz, perdoando os nossos pecados. De repente, o sol começou a escurecer... Tudo começou a ficar assim esquisito, cheio de sombras...

Esfregou os olhos.

— Ora dá-se! E isto agora?

Dilatou as pupilas, para enxergar melhor. Mas a porta começou a ficar embaciada. A filha se foi rodeando de um sombreado indefinido. E as pernas da filha cresceram, logo se misturaram, se misturaram as

pernas da filha numa só mancha que ia diminuindo, lentamente, que ia diminuindo, que desaparecia.

Esteves, angustiado, deu um salto violento na cama. Procurou um apoio. Não o encontrou.

Quinze minutos

Para falar verdade, a ruazinha é bem insignificante. Mas é simpática. Simpática, comprida, estreitíssima. É comprida e vai terminar nos fundos de uma igreja muito velha. O que, aliás, não tem importância, porque, desgraçadamente, eu não sei mais entrar em igrejas. Não sei entrar nas igrejas nem pela porta grandiosa, nem pela porta dos fundos. Por isso, eu entro, mas é no estabelecimento *Élite*, muito embora o meu sangue seja bem ordinário e provenha de um cabo da polícia pernambucana que se casou de supetão com a filha de uma quitandeira baiana muito gorda. O estabelecimento *Élite* é campeão no gênero, põe saltinhos em cinco minutos e meias-solas garantidas num simples quarto de hora. O freguês entra, esconde só as pernas no cubículo, dá o sapato pra o italiano proprietário, o qual distribui o serviço pra os brasileiros sapateiros. Eu agora estou preso em um dos cubículos, e fico espiando o movimento, desde que não tenho um só jornal vespertino cheio de grandes títulos onde possa conhecer a mais recente cena de sangue de qualquer subúrbio abandonado. A meu lado, um homem de imensos bigodes pitorescos recebe o sapatão de cano alto, acha que o serviço não prestou, paga só quatro mil e quinhentos, vai embora pisando duro. Estamos em março (quer dizer que, até fins de junho, não precisarei voltar aqui), pergunto que horas são, me respondem que são duas horas e quinze.

Os sapateiros brasileiros suam sem parar, o ambiente continua abafado, cheirando a couro, a suor, a tinta. Todos os três cheiros são fortes e nenhum deles me é agradável.

Presto atenção e concluo que o dono do estabelecimento usa ca-

misa preta. Sinto ganas de dar um *viva* à Abissínia (só para anarquizar a geografia) mas tenho medo de ser posto na rua descalço e de meia furada.

Entra uma radiosa mocinha, que põe o embrulho em cima do balcão e dá instruções ao homem. Um dos artífices conhece a mocinha e diz:

— Como vai, sérrgipana? (abre o *e* e carrega no *r*).

Ela sorri, olha pra mim não sei por que, me acha simpático. Eu lhe pergunto:

— Conhece o Tobias Barreto?

A mocinha fala:

— Em que time joga esse bicho?

Dou uma bruta gargalhada, fico sério de uma hora pra outra, todos pensam que eu sou louco, mas eu não sou louco não. O que eu sou é um homem triste, desesperado, desesperadíssimo, porque minha mulher geme com pneumonia, meu garoto sofre com sarampo, meu sapato está cheio de buracos. Eu sou um homem desesperado, desesperadíssimo, que quer sair do cubículo, que está doente de amor pela mulher pneumônica, pelo filho sarampento, que não aguenta mais o calor, nem o estabelecimento *Élite*, nem a rua comprida e estreitíssima.

A sergipana foi embora, não sei nada do que se passou, todos estão agora me olhando, o italiano proprietário até me vem ajudar, mas eu não aceito o favor e enfio sozinho a botina consertada. Não digo até logo, piso a rua comprida.

A rua é comprida, vai dar no fundo de uma igreja muito velha, mas isso não tem importância porque eu não sei mais entrar nas igrejas. Nem pela porta gloriosa, nem pela porta dos fundos.

Tragédia das mãos

— Maria!

Nada.

— Mariiia!

Nem assim.

— Mariiiiia!

Atira longe o bagaço, salta em três tempos da laranjeira.

— Já pra dentro, coisa-ruim!

Vai se chegando, desconfiada.

— Potranquinha ardida!

O beliscão é aplicado com dignidade. Deixará marca no mínimo por dois dias.

A menina se morde toda, pisca os olhos repetidamente, não diz palavra. Vence num instante a escada do sótão.

— Que fim levou a coalhada daqui?

— Não sei não, dona Orsina.

— Foi você, negrinho?

— Juro por Nosso Senhor.

— Quem foi, siá Chica?

— Não sei dizer.

— Quero saber, já.

(Tem uma ideia).

— Maria!

Nada.

— Mariia!

A filha continua virando a folhinha, na sala.

— Mariiiia!
— Sinhora...
— Quem mexeu no armário?
— Eu.
— Não sabia que a coalhada era pras visitas?
— Sabia.
— E comeu tudo assim mesmo?
— Comi.
(Desta vez o beliscão pega só o braço direito).

Dona Orsina não aguenta mais. Diz que a filha é pior que saci, e nem tem mais inocência para andar aí com os moleques, trepando nas árvores, destripando sanhaços e tico-ticos. Opta por um colégio de freiras, daqueles bem fechados.

Indalécio concorda vagamente. Só para não destemperar a mulher.

| II |

Maria da Luz Fonseca.
— Presente.
— Os exercícios...
— Não fiz.
— Outra vez?
— Outra vez. É a quarta...
— Ainda tem o desplante de confessar?
— Tenho.
(Passa mais uma semana sem marmelada no jantar).

— Maria da Luz...
— ...
— Ma-ria-a da Luz.

— Não sou surda.

— Compareça ao Gabinete da Madre Superiora.

— Já vou.

Acaba de arrumar o cabelo, desce ao pátio de recreio, displicentemente.

O brinquedo não dura cinco minutos. Porque a vigilante a distingue no centro do grupo.

— Já foi à Madre Superiora?

— Ainda não.

A disciplina leva um choque...

No Gabinete da Diretoria — bonito, arrumadinho, com um enorme a óleo do Santo Padre Pio XI — o encontro com o pai a surpreende.

O abraço de Indalécio é longo, sentido. Maria apanha, num relance, o significado daquele terno escuro, da gravata preta. Começa a soluçar, baixinho, agarrada ao velho.

Consola-a, como pode, a Madre Superiora. Passada a crise, retoma a severidade habitual. E diz que Maria da Luz era extremamente rebelde, estava em ponto de ser eliminada. Entretanto, a nova situação da família exigia um pouco mais de tolerância.

Pergunta-lhe se modificará a conduta, a partir daquele momento. Não obtém resposta.

(Os dentes da colegial fazem um barulhinho).

| III |

A professora de geografia tira os óculos, zangadíssima.

— Quem jogou a bolinha?

Ninguém informa.

— Quero saber, imediatamente. Foi a senhora, dona Maria da Luz?

— Não.

— O quê? Perdeu também a coragem de confessar?

(Recebe o castigo, sozinha).

O relógio da igreja anuncia duas horas.

Maria da Luz afunda a cabeça no travesseiro, aperta bem os olhos. Inútil.

Vira-se do lado esquerdo, encolhe as pernas, põe as mãos no peito. As mãos sobem e descem com a respiração.

(O sono aonde foi não chegou).

Levanta-se. Vai à única janela aberta do dormitório. A camisola com monograma azul se lhe encosta melhor à pele.

Fica pensando, um tempão. Depois atravessa o corredor, desce cuidadosamente a escada, procura o salão de estudos.

Acende a vela clandestina, sente logo um cheiro de igreja, começa a escrever:

"Querido papai.

Saúde e felicidades.

Escrevo estas mal traçadas linhas para perguntar como vão todos aí. Tenho muitas saudades de todos. O negrinho já sarou da mordida da cobra? O Gabriel da nhá Chica já voltou do serviço militar?

Quanto a mim, ando muito triste. Não quero mais ficar aqui, por causa da Irmã Teresa, que não me deixa sossegada nunca, me chamou hoje de nervosa e de um nome feio que não entendi bem. Escrevi uma carta ontem, mas elas não quiseram botar no correio e me proibiram de escrever outra vez, mas agora de noite eu resolvi escrever outra, só de raiva, porque me acham culpada de tudo, toda a vida. Juro que não fui eu que roubei o dinheiro da Josefina, mas a irmã não quer acreditar e bateu em mim com a palmatória uma porção de vezes. Isso é demais, eu chorei bastante, chorei, porque nunca neguei minhas feitorias mas agora não tenho culpa, juro por Deus.

Tenho chorado muito; às vezes, não sei por que, começo a chorar".

O vento fresco agita a chama da vela, e sombras informes tremem na parede, como um aviso.

A menina sente cãibras nos dedos, por isso repousa a caneta até passar o incômodo.

Continua:

"Minha mão ficou doendo por demais, inchou mesmo, parece que cresceu, sabe papai?"

Larga a caneta, outra vez. Contrai os dedos, inquieta.

"Agora eu estava é com medo. Mas isso é impressão, acho, todo mundo está dormindo, sozinha no salão de estudo a gente tem medo. Tive a impressão de que minha mão crescia mesmo, isso é cãibra".

A impressão não desaparece. Ao contrário, se torna mais nítida.

"Credo, papai. Acho que vou parar, minha mão..."

De fato, interrompe a carta, solta um grito:

— Jesus!

A mão direita cresce ainda, cresce mais, cresce sem parar, esbarra na vela de cera com cheiro de igreja, a chama treme, aumentam na parede as sombras informes, terríveis.

A mão vai à janela, volta à carteira colegial, mergulha nos cabelos de Maria da Luz, alcança a porta, é capaz de tocar os sinos da torre, está agora caminhando no espaço, furando as nuvens, furando tudo histericamente.

Trem de subúrbio

Calixto interrompe a discussão, enterra o chapéu na cabeça, cai no mundo.

Esbarra nos homens que passam.

O bonde apinhado também esbarra nele. Por um triz teria os pés esmagados.

Procura um cigarro. No bolso não há cigarros.

Procura o relógio. O relógio mostra o ponteiro pequeno bem em cima do número 3. Chega à estaçãozinha. Só o tempo de entrar e o trem sair.

O maquinário rodando lhe dá o gosto longínquo de desaparecimento, de evasão.

Evasão... Longo tempo lhe dança no cérebro, o termo. Evasão... Fugir da vida...

Mas a vida florescia em tudo, feito milagre permanente. Florescia na paisagem se mexendo sem parar. E no cheiro da máquina vomitando fumaça. E na promiscuidade do vagão, — do vagão cheio de gente se abanando, de cores se exibindo, de perfumes baratos se misturando como os donos.

Ao lado, volumosa ruiva tem os quadris maltratados pela cinta apertadíssima. Perto da ruiva, um velhote percorre as letras de um vago pasquim suburbano. O velhote lê. Mas não fala.

Quem fala toda a vida é aquele rapaz de bigode lustroso. Transmite, ao companheiro, imaginárias peripécias do último jogo de futebol. O companheiro guarda um interesse imenso na história. Não é como a moça de boina azul que não dispensa atenção a nada.

Ela é bonita, está no segundo banco, e olha, e olha.

No mundo existem milhares de moças — de boininha azul ou sem boina — que fazem a mesma coisa. Que têm esse jeito triste, distante. Que espiam silenciosamente. Com vontade de segurar nas mãos aquilo que corre do lado de lá das janelas. Mas as janelas têm vidraças que separam o corpo das moças dos apelos que correm e se sucedem.

É cheia de vidraças, a vida das moças. Por isso há moças de boina espiando, tristinhas. Espiando com olhos parecidos com os de Calixto. Os olhos de Calixto estão vermelhos e molhados. Por causa de uma faísca impertinente. A faísca obriga-o a esfregar as pálpebras, muitas vezes.

Esfrega, esfrega. A ruiva pensa que o rapaz havia chorado. Será que as matronas gordas pensam coisas exatas? Gravíssimo é o problema, cidadãos!

Apesar do problema, o garoto louro do primeiro banco continua chupando o seu caramelo. E se sujando também. Até o fim. Depois, a mãe limpa o rostinho dele. Como agradecimento, o garoto começa a fazer travessuras. Salta no corredor. O trem dá uma sacudidela violenta, e o teria fatalmente derrubado se a moça de boina não o tivesse amparado em tempo.

Cresce um rebuliço. A mãe fica muito pálida, o rapaz de bigode lustroso acha graça, o velhote interrompe a leitura. E a senhorita guarda o menino. Passa-lhe a mão na cabecinha.

— Como se chama?

— Roaldo.

— Quantos anos tem?

A mãe intervém.

— Já fez três. Foi no último agosto.

— Crescidinho, não?

— E ladino! — completa o orgulho materno.

O cabelo do menino tem a cor do sol. Desse sol que atravessa a vidraça e a deixa intacta. Mas a senhorita do segundo banco não tem

mais esses pensamentos. Porque uma criança loura quase sempre resolve o silêncio das moças de boina...

Calixto, infelizmente, não se lembra disso. Continua a meditar em torno da discussão com a noiva. Enquanto o trenzinho corre, corre. Vomitando fumaça como um demônio.

Inspiração

O grupo ficou estatelado com a saída absurda de Damião. Que diabo acontecera ao rapaz? Corria a prosa tão animada, e eis que ele se levanta e zarpa, sem pedir licença.

— Ora, já se viu?

O Silvino engole violentamente o resto do cafezinho, em sinal de protesto. Mas o Damião caminha, na rua deserta, indiferente à fúria do Silvino. Nem sente direito o vento que corta a cidade de ponta a ponta.

— Eta invernão!

A caminhada não é longa. Damião sobe a escada de três em três degraus, fecha a porta à chave. Toma posição, sem mesmo despir o sobretudo.

Maciazinha, a pena do bico de pato! Uma beleza, de macia... Compraria meia dúzia delas, no dia seguinte.

Imediatamente, porém, expulsa, do cérebro em faiscações, essa ideia mesquinha de *compra* e de *meia dúzia*. Urge encetar a obra. Por isso escreve devagarinho.

Tudo passa. O destino, esse fatal desvelador.

Bota uma vírgula bem caprichada, no fim da linha. E repete, em voz alta:

— Tudo passa. O destino, esse fatal desvelador.

Bem esse, o começo que idealizara.

— Fatal desvelador. Fatal... Bonito adjetivo. Só que parece um pouco trágico. Mas não. Quem manda no verso é o desvelador. Desvelador... Vai bem. Vai bem.

Precisa de um complemento para *destino*. O destino tem que fazer qualquer coisa. Escreve:

Que prevalece na paixão e predomina no amor.

— Muito comprida, essa linha.

Resmunga e olha o teto, vagamente.

— Pre-va-le-ce... Pre-do-mi-na.. Vá lá.

(Pausa).

— Amor... Paixão... Estas palavras significam o mesmo? Será o tal pleonasmo?

Corre ao dicionário.

"Pleonasmo, s.m. (gr. *Pleonasmos*)"

— Vem do grego, hein?

Sentencia o Dicionário Prático Ilustrado (edição revista, com 6000 gravuras, 110 quadros, 90 mapas e um suplemento extremamente útil sobre "tradução e aplicação das principais locuções latinas e estrangeiras" — *ab imo pectore, abyssus invocat, alea jacta est, a quelque chose malheur est bon, etc., etc.*):

"Repetição de ideias ou de palavras que têm o mesmo sentido; viciosa, quando inconsciente ou devida à ignorância; legítima, quando propositada, para dar maior força à frase".

— Legítima, quando propositada. É esse o meu caso. Exatamente. Eu repeti, para dar maior força à ideia. À ideia... Que ideia? O que eu queria era falar da Ofélia. Comecei com *tudo passa* para lembrar que tudo já passou.

Cresce, dentro de si, a imagem de Ofélia. Até parece um sonho.

— Ah! Um sonho... Direi que sonhei com ela. Isso mesmo.

A pena bico de pato trabalha febrilmente. Risca tudo, tudo, tudo. É o seguinte, o novo texto:

Eu te sonhei assim, Ofélia querida.

— Assim, de que jeito?

Cata uma ideia. Uma, duas, três vezes. Nada! Quase desiste. Então se lembra de que o casaco pesadão poderia ser o culpado do en-

guiço. Saca-o fora, incontinenti. Tem movimentos mais livres. E é com verdadeiro júbilo que encontra:

Dama então pra mim desconhecida.

— Querida, desconhecida. Boa rima. Será que o primeiro verso pode rimar com o segundo? Acho que pode.

Corre dificílimo, o parto. Em todo o caso, sempre dá para terminar assim, a primeira quadra:

Em cujo olhar todo cheio de candura.

Não lia a causa da minha desventura.

— Candura... Desventura... Está rimado. A candura é dela. A desventura é minha.

Trabalha mais duas horas. De repente, exclama:

— Pronto!

Não parece mau, o verso final:

Foi assim que te sonhei, Ofélia querida. Foi assim... Foi assim...

Só então nota o cansaço. Os rins estão doendo.

Relê a obra, em voz alta, passeando no quarto, em diagonal. Depois, escreve o título, a lápis vermelho, em admirável cursivo:

Eu te sonhei assim...

Nessa noite, Damião dormiu como um bem-aventurado.

Tríptico

I. Botequim

Era um botequim. Muito triste, muito desajeitado. Perdido lá no fim daquele beco de luzes tímidas. Enfurnado no bairro mais esquecido da cidade.

Era um botequim. Triste, desajeitado, miserável. Bem como o rapaz de azul-escuro que ia entrando. Que ia entrando e pedindo um trago bem forte. O trago mais forte daquele comércio.

O portuga amansou a bigodeira e procurou a garrafa que era branquinha. O trio da mesa do fundo se virou sem discrição. O casal do lado direito se beijocou publicamente. Ele pegou na coxa dela, ela soltou um palavrão, os dois soltaram uma gargalhada enorme que fez eco e mais parecia uma vontade de se amarem ali mesmo, só pra divertir a vizinhança e matar de inveja o marinheiro de blusa encardida. O marinheiro fechou a cara, lembrou-se de quando esfaqueara um parceiro em qualquer porto sem importância do estrangeiro, afogou a raiva no copo de cerveja ordinária. Nem percebeu o agrado que lhe queria fazer um cachorrinho de cor inexplicável. O animal ficou mexendo o rabo, o qual era curto e quase sem pelo. De repente tomou coragem, lambeu-lhe a perna, saltou-lhe ao colo. Foi a conta. O marinheiro descarregou nele o que desejaria jogar sobre o rival. Socos, pontapés, e substantivos obscenos. Como convém a marinheiros solteiros em noite de feriado nacional...

Todos riram. Com exceção do portuga, por nobre prudência comercial. E do moço de azul-escuro, porque este tinha o pensamento

muito longe. Tão longe que ia até saindo sem pagar a despesa. No que foi imediatamente impedido pela mesma prudência lusitana. Sentou-se outra vez, como represália à própria distração. E pediu um trago ainda mais carregado. O trago mais forte de todos os comércios.

Pediu, enquanto o casal da direita se entortava todo nos assentos, para que as mãos peludas do homem continuassem a fazer viagens proibidas...

II. Coreto

Era um coreto. Redondo, pequeno. Erguido numa pracinha sem nome glorioso. Na pracinha em que, aos domingos e feriados, as mulatas costumavam brilhar exuberantemente. Sobretudo quando a banda da polícia chega pra executar suas valsinhas enlanguescentes e aqueles trechos tão bonitos de operetas velhíssimas. Há, até, uma valsa em si menor cuja terceira parte consegue nutrir o pessoal de romantismo para todo o resto do mês. Nesse momento, ficam os olhares menos furtivos, e as palavras adquirem intenções mais perigosas, e os fins de noivado parecem infinitamente mais doloridos.

Era um coreto pequeno e redondo. Que sequer possuía bom teto. Porque a chuva atravessa aquela fenda antiga, e está caindo logo em cima do segundo banco. Nesse mesmo lugar que o clarinetista semanalmente ocupa, para a exibição (aliás comentadíssima) do seu grande talento suburbano.

Por causa da chuva, a praça permanece abandonada, sem cabrochas namoradeiras nem trigueiros galãs invencíveis. E o coreto está úmido, sem luz, silencioso. Silencioso, sem personalidade.

Porque a personalidade dos coretos das pracinhas existe em função das valsas em si menor. Dessas valsas e de quaisquer trechos de operetas velhíssimas...

Nos postes solitários, a chuva, que é fininha e impertinente, escorre mansamente e põe, nas bordas das lâmpadas, refrações instantâneas. Ao mesmo tempo, substitui a banda da polícia, executando, na cobertura do coreto, certa música esquisitíssima. A cobertura é de zinco e a água faz, sobre ela, um chiado monótono, desafinado, sem fim, capaz de adormecer todos os homens inquietos da vizinhança.

Então ele chega. Devagar, devagarinho. De mãos enterradas nos bolsos. Com os cabelos empastados na grande cabeça. Com os olhos brilhando em terríveis brilhos ignorados.

Ele chega, ladeia os postes, pisa as poças da pracinha adormecida, sobe ao coreto, senta-se no segundo banco, violando o privilégio do clarinetista. Continua de mãos nos bolsos, deixa que a água chegue pela fenda do teto de zinco e encharque ainda mais seus cabelos, e caminhe mansamente em seu rosto cheio de sombras.

Então, ele fica sendo, na noite quieta do bairro inútil, o homem mais triste, mais úmido, mais abandonado do mundo.

III. Cais

Encostou-se ao cais. Afundou olhos ansiados nas águas tão serenas, nelas procurando a solução para o mistério dos seres. Mas as águas continuaram serenas, não responderam nada.

Era úmido, o frio. Um frio que entrava nas carnes, que punha manchas, que punha discretas manchas arroxeadas no livre rosto do homem triste.

A luz das lâmpadas — das lâmpadas dispostas sem nenhuma regularidade — se refletia, tremelicando. Os reflexos não tinham sentido, mas eram fiéis, não cessavam.

Jogou as pernas no lado do poente. Caminhou até o fim. Até o pon-

to em que desaparecia o cais, rebatido pela montanha. Olhou-a, de frente. Pareceu-lhe mais inimiga, a montanha, protegida pela noite, dilatada pelas sombras. A lâmpada, que assinalava aquela fronteira, pendia de um poste carcomido, desnivelado, distante dos companheiros.

E a sua luz era fraquinha, agonizante, medrosa do vento de mar alto que chegava de vez em quando.

Debruçou-se no ângulo da terra com as águas. E sentiu ímpetos absurdos. O mistério crescia, crescia a angústia. As dúvidas se repetiam, renovando-se as torturas. A tortura de penetrar a misteriosa fundura dos destinos. De dominar o significado inicial das coisas. De compreender o sentido daquele coração pulsando magnífico, daqueles nervos que tanta sutileza sabiam colher.

O vento cresceu, o mar engrossou, ficou violentando o cais estrepitosamente. As águas perderam a serenidade, mas guardavam – os olhos do homem – o mesmo brilho ansiado. Os olhos então se fixaram na lâmpada da fronteira, na lâmpada distante da grande curva iluminada do cais. A luz era fraquinha, parecia agonizar. Mas o homem não queria que ela morresse. Desejou, com todas as forças, que o poste carcomido adquirisse a segurança dos companheiros, e não tentasse tanto o amparo da montanha dilatada pelas sombras.

Lampadazinha solitária, não se apague, não se apague não! Porque aquele homem está desesperado, só lhe resta essa luzinha da fronteira, todas as outras luzes, todos os outros postes se anularam na tormenta.

A tormenta se declarou como nunca, o mar invadiu o cais, a cerração domina a cidade, todos os seres se recolheram ao abrigo mais próximo. Por isso não se apague, lampadazinha, não se apague não. A montanha já desapareceu, a água também perdeu a compostura, não sabe o que faz, sobe na terra, volta pro mar, gesticula no ar, doi-

damente. Só a luzinha da fronteira não fugiu aos olhos do homem. O homem não quer que ela se apague, porque então seu desespero não terá remédio. Luzinha, luzinha do poste carcomido! Vá resistindo, vá resistindo sempre, sempre, sempre. Mas, talvez não resista, a luzinha. Talvez acompanhe o coro das trevas, abandone o homem do cais. Agora está piscando. Piscando duas vezes, três vezes, quatro vezes. Ameaça desaparecer, começa a agonizar.

Um grito agudíssimo parte do peito do homem, daquele peito abrigando um coração que pulsava magnífico. O grito se perde, não encontra resposta, não ecoa na montanha nem ecoa no mar.

A luz ainda não morreu de todo, vai diminuindo, devagar.

Mas o homem pede que não o abandonem tanto. Por isso, luzinha do cais, não se apague. Não se apague, não, pelo amor de Deus!

CONTOS DO SERTÃO PARANAENSE

O ideal do clarinetista Valério

Valério sentia-se imensamente jubiloso.

— Arre! Que hoje vou ser pago de todos os meus esforços.

E ia de um lado a outro, apressado.

De minuto em minuto, quase, sacava do bolso um velho relógio, envolto em surrada capa de couro, que punha a descoberta apenas o mostrador.

— Sete e meia! Já era tempo de estarem aqui.

E percorrendo nervosamente a saleta em diagonal:

— Daqui a pouco a campainha começa a tocar.

A impaciência aumentava:

— Que diabos estarão fazendo os rapazes?

Uma voz de mulher partiu do quarto:

— Valério, não está na hora, já?

— Está sim, Nhana. Mas ninguém chegou ainda. Pipocas!

E adoçando a voz:

— Venha cá, Quinzinho. Pegue o pacote e fique esperando sentado.

Aquele que atendera por Quinzinho desencostou-se do umbral donde, chupando um caramelo qualquer, olhava, as largas passadas do outro. E obedeceu à indicação. Era um menino de quatro anos e tanto, de pele trigueira, barrigudo por causa das bichas. Trajava roupinha de brim, e, no cocuruto, um boné avermelhado.

Valério tinha cor mais carregada que a criança. O ventre também lhe sobressaía no corpo agigantado. Por alguns instantes, em silêncio,

contemplou o filho, com bondade, com doçura.

Chegou-se depois à porta da rua. Pôs a cabeça para fora e, esfregando as mãos:

— Aí vêm eles.

Quinzinho demonstrou alegria por aquela notícia. Enterrou um pouco mais na cabeça o bonezinho modesto.

— Boa noite, seu Valério. Demoramos um pouco, não?

Os recém-vindos penetraram na sala.

— Falta alguém?

— O Juca e o Benedito. Mas eles já vêm.

Minutos depois transpunham a porta mais dois rapazes.

— Sabe por que nós atrasamos, Valério? Estivemos ouvindo uma conversa ali na esquina.

— Que foi?

— O seu Otávio dizia aos companheiros que era preciso pagar alguma coisa p'ra nós depois do cinema.

Chegou nesse momento até a saleta o retinir incessante de longínqua campainha.

— Eh! Rapaziada. Toca a andar.

Quinzinho pôs-se de pé em três tempos.

— Pai. É só isto p'ra levar?

— Só, menino. Não vá derrubar nenhuma folha.

Movimentaram-se todos imediatamente.

Com presteza foram tirando de cima da mesa os instrumentos de música que cada qual executava. Um, o trombone. Outro, o bombardino de larga campana. O terceiro, o pistão luzidio com seu minúsculo bocal.

Valério, de seu turno, empunhou o clarineto.

Nhana surgiu do quarto.

— Já fechou a casa, Nhana?

E, sem esperar resposta, virou-se para os companheiros:

— Olhem lá. Não façam feio, hein? Se hoje nós tocarmos direito,

estamos feitos.

— Ah! Isso vai ser uma barbaridade. Calculem só: a "furiosa" do mestre Valério...

E o Benedito soltou uma risada gostosa.

Um a um foram saindo os rapazes, enquanto Valério pontificava:

— Logo que se acabe a novena, subiremos a rua, tocando. O Quinzinho vai levando ali as partituras das peças mais importantes.

— Seu Valério, que é que vamos tocar?

— O meu dobrado, primeiro. Mas, Durvico, preste atenção. Não se esqueça daquele trecho do si bemol. Atenção, todos. A terceira parte é bem mansa. Só eu e o Juca faremos o dueto. Os outros reforçam o acompanhamento.

Minutos depois os que saíam da novena ouviram uns acordes de marcha e, em pouco tempo, a filarmônica do Valério estava envolvida em um círculo de curiosos.

Cessada a peça, adiantou-se um rapaz.

— Parabéns, Valério. Gostei de ver.

E outro:

— Para você ver que os moços da terra não são ingratos, nós lhe queremos fazer surpresa depois da função.

Valério atarantado pela felicidade com que fora executada a marcha (nem mesmo o Durvico destoara a harmonia no pedaço encrencado, como de costume), não sabia o que fazer. Sorria e, apenas enrugava a comissura dos lábios, adquiria já expressão séria. Tentava agradecer. Vinha-lhe à flor da boca uma fartura de palavras contentes. Mas, qual! A emoção fora tanta que até a voz não queria sair.

É que, naquela noite, experimentava o mulato uma sensação inigualável. Conseguira apresentar ao povo de Tomazina o fruto de seus esforços titânicos — uma banda musical.

Tempos atrás o mulato Valério aparecera ali. Originário não se sabe donde, pelo nomadismo de sua vida, precedia-o, contudo, insistente fama de exímio clarinetista.

Mal dele, nunca ninguém falara. Espírito humilde, adaptável, jamais dera serviço às línguas viperinas do lugarejo. Apenas uma ou outra comentava com benevolência o temperamento boêmio do Valério, que não fazia outra coisa senão assoprar o instrumento.

Procuravam-no constantemente os rapazes, para serenatas. E, nisto, o mulato ganhava apenas conhaque ou cachaça.

Onde colhia os meios com que pudesse atender às despesas de pequena família, ele, a mulher e o Quinzinho, era nos bailes.

— Uma noitada de música? Vinte mil réis!

A respeito de sua vida particular pessoa alguma criara hipóteses menos favoráveis. Ao chegar, já viera acompanhado do filho e da Nhana.

Se bem que não houvesse certeza de serem casados legalmente, a aparência de pacata vida conjugal repelira, às profissionais do fuxico, a ideia de qualquer pesquisa. Sabia-se apenas que a Nhana brigava com o Valério, por alguns minutos, quando ele voltava bêbado, depois de uma tocata noturna.

Ao tempo que ali aportara Valério, o lugar sofria flagrante decadência. E, retrogradando, ia perdendo todas as provas do antigo progresso. Até a banda musical (outrora respeitada em todos os municípios vizinhos), perdera um a um os elementos, e o instrumental azinhavrado, sem lustro existente nas épocas passadas, lá repousava, coberto de pó, nos armários toscos da Prefeitura.

Logo de chegada, Valério reclamou:

— Onde já se viu uma cidade como esta, sem banda nem orquestra? Falta de vergonha...

E, sem mais demora, se pôs a atalhar o "abuso", como dizia. Arranjou violonistas aqui, tocadores de cavaquinho ali, e em poucas semanas exibia o pequeno conjunto muito bem ensaiado em valsas e sambas. A estreia foi de sucesso. Desde então o "chorinho" do Valério começou a ser procurado por toda a parte.

Personalizou-se assim o mulato. Adquiriu nome. Tocando mais pelo gosto à música que por interesse, caiu na simpatia dos rapazes.

E rara a noite em que não ganhassem os ares os sons vagabundos do velho clarineto.

Depois deste primeiro passo, Valério almejou mais ainda. Quis ressuscitar a banda. Onde arranjar, porém, músicos e instrumentos? Estes últimos, conseguiu-os do prefeito. Mas, os tocadores? Sem desacorçoar, Valério convidou alguns rapazes para estudar música. Foi tiro e queda. A ideia triunfou imediatamente. Por cúmulo de sorte, um moço do lugar, chamado Otávio de Morais, muito bem apessoado, dava-lhe todo apoio, animando-o constantemente.

Iniciou Valério, pois, as modestas lições. Depois de inumeráveis esforços, de dias e noites passadas em contato com mínimas e semínimas, com claves e campanas, percebeu que sua ideia surtira efeito. Todas as tardes reunia, na sala humilde de sua morada, os oito companheiros, cada qual mais entusiasta que outro.

Meses depois estava preparada a corporação. Pronta para mostrar-se em público. E naquele domingo, o Valério resolvera exibir o fruto de seus esforços.

Já muito tempo antes a notícia percorrera a cidade. E acrescida, ainda, de outra circunstância. A marcha escolhida para a estreia seria uma composição especial do Valério, composição que lhe custara várias semanas de pertinaz trabalho e na qual pusera o charadístico título de "Boi lavrado".

Vitorioso, Valério afeiçoara-se ao lugar. Ali não precisava cuidar de outra coisa, a não ser da música.

Quando não tinha contratos para tocar, metia-se, apesar das iras da Nhana, em barulhentas serenatas.

Em certos dias da semana, entretanto, minguavam os companheiros de estroinice. O mulato, então, dispensava os ensaios e deixava-se ficar em mangas de camisa, pacatamente assentado à porta da casa.

Nessas ocasiões era seu maior contentamento pôr ao colo o Quinzinho, acariciar-lhe os cabelos muito levemente encarapinhados,

pousar-lhe no rosto olhares impregnados de imensa ternura, e com voz brandar-lhe dizendo:

— Quinzinho. Daqui a dois anos você vai começar a aprender. Começando cedo, quando você estiver com quinze anos já será cuera na execução. Quinzinho, logo que inteire as economias, vou mandar buscar no São Paulo um instrumento bem novinho, de double dó. Você deve saber, antes de pôr calça comprida, variações difíceis como o do "Girimeu". E deve também tocar todas as semicolcheias melhor que o Cláudio Barroso. E quando você souber contraponto, comporá um dobrado bem bonito, pondo-lhe o nome do pai, ouviu, Quinzinho?

O menino abria desmesuradamente os olhos. Depois fitava o pai, sorrindo.

Valério considerava aquele olhar e aquele sorriso com a prova irrefutável de que o Quinzinho seria, no futuro, um homem acorde com o seu ideal. E com maior ternura ainda punha-se a afagar-lhe a cabeça, continuando a balbuciar nos ouvidos do filho tudo o que lhe ditava o amor de pai.

Foi em uma tarde dessas que o Otávio Morais resolveu dar um tico de prosa com o Valério. Eram ambos muito acamaradados. Otávio percebia em Valério acentuada bossa musical, atrofiada embora pelo desregramento da vida e viciada falta de cultura, e não escondia sua simpatia, com resquícios visíveis de compaixão, ao humilde clarinetista.

Apenas parou em frente à casa de Valério, foi dizendo:

— Então, mestre? Boa vida, hein? E depois dizem que a música não dá em nossa terra.

O outro sorriu, tirando Quinzinho do colo e trazendo uma cadeira da sala.

— Não se incomode. Estou de passagem.

E puseram a conversar.

Quinzinho olhava ora para um, ora para outro, mudamente, mui-

to tristinho, coçando o nariz de vez em quando e pondo as mãos sobre a barriga, que se lhe desenvolvera bastante. A conversa recaiu sobre ele, num dado momento. Dizia com orgulho o pai:

— Seu Otávio, este meu filho é ladino como só ele. Assiste a todos os ensaios com atenção. E só o senhor vendo a alegria dele quando alguém me vem contratar. Fica de prontidão, disposto a me seguir e a carregar as partituras. Não vai também às serenatas porque a Nhana faz pé firme. Senão... Calcule o senhor que um dia destes o Quinzinho me disse: "Pai. Por que não compõe uma valsa com o meu nome?" E eu, que remédio!, tive que comprar mais papel pautado e apertar a cabeça.

E concluiu, ufano:

— Dentro de poucos dias vou ensaiar a valsa "Quinzinho".

— Bravos. O seu menino demonstra ter gosto pela música. O senhor deve instruí-lo o mais cedo possível. Quem sabe lá, Valério, não será ele no futuro um grande compositor ou, pelo menos, um ótimo executor?

O outro tentou uma pilhéria:

— E como é que não? Pois na noite em que o Quinzinho nasceu, eu estava tocando na serenata mais histórica que fiz em Itaberá...

Ao despedir-se, Otávio quis fazer uma carícia ao Quinzinho. E reparou:

— Valério. Dê algum remédio ao menino. Veja como está pálido e pançudo. São as bichas, pode crer.

O mulato agradeceu a indicação daquela amizade que o lisonjeava e, apenas o moço ganhou a rua, mergulhou na sala em penumbra, escarafunchando a papelada que estava sobre a mesa.

Antes de dobrar a esquina, Otávio ouviu sons estrídulos de clarineto. Era o Valério que examinava a combinação de acordes em alguns trechos da sua nova composição.

Alguns dias depois a humilde morada de Valério regurgitava de gente.

De dentro, vinham lamentos de cortar o coração.

Descia, nesse momento, a rua, seriamente, o Otávio de Morais. Chegou-se à porta.

Apenas o viu, Valério, sem paletó, mal presos os suspensórios, os olhos marejados de lágrimas que lhe molhavam o rosto trigueiro, abriu largamente os braços. E estreitando o amigo, foi dizendo com voz entrecortada de soluços:

— Seu Otávio. Vejo só que desgraça! Agora que o Quinzinho estava nas vésperas de completar cinco anos... agora que eu queria ensinar o meu filho... as bichas o atacaram, sem dó nem piedade. Bem que o senhor me tinha dito noutro dia, seu Otávio... mas eu me esqueci, por causa de tanta tocata... eu me esqueci de procurar o remédio... e hoje o coitadinho do Quinzinho foi-se embora pro céu. Ah! Que desgraça! Agora, quando é que eu vejo um filho meu tocando clarineto? Quando, meu Deus? Que desgraça, seu Otávio! Que desgraça...

E Valério chorava como criança, sentando-se no banco e pondo o rosto entre as mãos.

De tempos a tempos, aumentando o pranto espalhafatoso, levanta os olhos para pousá-los no pequeno cadáver posto à mesa — o Quinzinho, o corpo inocente velado por quatro círios modestos, as órbitas muito dilatadas, a pele brilhante, o ventre formando um bojo enorme nos lenços sem luxo que cobria, o Quinzinho, que levava para o túmulo o grande e único ideal do mulato, carregando consigo, também, os últimos acordes do surrado clarineto.

Valério, na verdade, nunca mais tirou a boquilha do instrumento, desistindo por completo de fazer serenatas. E devolveu ao prefeito, além do instrumental, de novo condenado a azinhavrar-se nos armários poeirentos da Prefeitura, o arquivo da filarmônica, acrescido, porém, de mais duas partituras: a marcha "Boi Lavrado" e a sentimental valsa "Quinzinho".

Retorno à fazenda

| I |

Desde que partira para os estudos, não mais retornei à fazenda de meu tio.

Antigamente, quando era garoto, piscava de alegria os olhinhos gaiatos toda a vez que tio Manuel precisava vir à sede da comarca. Isso porque tinha certeza de uma coisa. Titio, casado há tempos, nunca tivera a sensação de ser chamado "papai"! Por isso mesmo gostava imensamente de crianças. Principalmente dos sobrinhos.

Não fizessem os irmãos oposição à sua vontade e voltaria ele à fazenda com toda a petizada.

Eu, de minha parte, era um choramingas de marca. Sempre que tio Manuel vinha visitar papai, levava-me consigo, na volta. E uma semana, no mínimo, tinha de passar sob o seu adular bonacheirão.

Depois que fui estudar na capital, porém, desapareceram as oportunidades. E anos havia (pobre de mim!) que não ingeria gordo leitinho, tirado na hora, nem praticava malabarismos em lombos de cavalo.

Naquelas férias vi a necessidade de um descanso em regra. Estava fraco. Sem cores. E, de uma hora para outra, escrevi uma carta a titio, comunicando o meu desejo e pedindo-lhe que mandasse um cavalo à estação, na quarta-feira seguinte, aquele branco, meu preferido antigamente, se é que não morrera ainda.

Tio Manuel, com aquela inalterável bonomia, cavoucou nos botões um argumento contraditório:

— Não. Onde já se viu tratar assim mal o Zezinho. Eu mesmo irei à estação. Mas de carroça. Ele já é quase doutor e não pode sofrer a ruindade de três quilômetros a cavalo.

E lá se foi rumo à estação final da linha.

Após algumas horas de viagem, pisei jubiloso a plataforma onde tantas vezes descera, quando menino. E vi logo o meu tio fazendeiro, de braços abertos para espalhafatoso cumprimento. Abraçamo-nos. Perguntas sobre perguntas. Depois:

— Cadê o cavalinho branco, tio Manuel?

— Tá em casa, mastigando um pouco de milho.

— Ué! Então como é que vamos embora?

O tio limitou-se a apontar a carroça, de bancos cobertos por macios pelegos.

Escondendo o desaponto num sorriso, acomodei a mala.

— Toca p'ra casa, tio. Estou caído de saudades por tudo isto.

Estala uma chicotada no ar. Movimenta-se o rústico veículo.

— O café está pegando bem? E o milharal, desta vez, será que vai fazer presente de pamonhas gostosas?

— Já no jantar a Sinhana preparou umas surpresas para você.

— E as melancias, estão boas?

— Tudo, tudo, meu filho.

— Mas eu é que as quero colher.

— Como não? A fazenda é sua, Zezinho.

A carroça já deixara atrás o aglomerado de casas que cercavam a estação.

Padecendo os solavancos da carroça, e ainda assim com imenso contentamento, revia a conhecidíssima estrada.

Aqui, apesar da pujança emprestada às árvores pelo clima tropical, um guaretá exibia o tronco enfezado, de folhas parcas e mirradas. Ao lado, em irrisório contraste, a canelinha ostentava as folhagens

espessas, quais archotes verdes esclarecendo o caminho, ao passo que varelas de lambe-papo, de contato aparentemente inofensivo, pareciam defender o arbusto raquítico, queimando a pele de quem dele se aproximasse.

Acolá, robusta pindaíba dispunha a ramaria em forma de urso, sem obstar, todavia, que os cipós se lhe espiralassem avidamente no tronco, como serpentes enfurecidas, dando dessa maneira a impressão fugace de empenhada luta entre dois seres hostis.

Pouco a pouco se foram minguando as variedades na vegetação, até não perceberem meus olhos senão as infindáveis retas dos cafezais.

Pontilhou-se, por fim, no meio de tudo isso a casa de tio Manuel.

Bateu-me com força o coração. Era o meu passado que revivia.

O veículo rodava agora intempestivamente no terreiro, entre o alarido dos guapecas.

Lá estava na porta, limpando as mãos no avental, a tia Sinhana.

Oh! Não mudara nada. A mesma tia Sinhana, de gestos bondosos, mas os olhos tão tristonhos...

— Então, titia? A senhora pensa que quem nasce no mato pode viver só na cidade?

Entramos na sala. As cadeiras espanadas, em linha.

E aquele baú, agora! Sempre atrás da porta... Que pertinácia!

A mesa, forrada com uma toalha muito alva, apresentava os pratos fumegantes.

— Ué, siá Chica. Você não morreu ainda?

— Pois é, nhonhô. Véia que não presta não morre.

Abracei com terna simplicidade a Chica. Ela me dedicava particular afeto, desde quando me carregava no colo, para me atalhar de manhas.

— O quê? Mas que barbaridade! Aqui não mudam nem as coisas nem as caras. Até o Zeca!

— Pronto para o servir, patrãozinho! Como cresceu, nhô Zezi-

nho! Já aprendeu a curar gente, para ver se este preto aqui deixa de ter raiva de mulher?

Abraçava um. Apertava a mão de outro. Batia nas bochechas dos caboclinhos, mostrando não ter perdido as antigas maneiras.

— Que moço dado, este...

— Sente, menino. Seu quarto é aquele mesmo. Pode ir lavar as mãos pro jantar.

Durante a refeição multiplicaram-se as gentilezas.

— Olha este chouriço. Era o teu gosto antigamente.

— E o lombo, então. Está preparado que é uma delícia.

Sem pestanejar, eu ingeria toda aquela fartura de alimentos, a que os temperos ardidos davam um sabor especial.

A cada momento tinha de levantar-me. Os caboclos, de volta do serviço, já estavam inteirados da nova. E vinham logo me cumprimentar.

— Estou reconhecendo todas as caras. Parece até que estive aqui ainda ontem.

— Verdade?

— Mas... sinto falta de alguém. Oh! Memória...

— Deve ser a Veva, não?

— Ah! A Veva, aquela que uma vez quase esmagou a mão no monjolo e me fez passar acordado uma noite inteira, de horror?

— Justamente.

— E que fim levou a Veva?

Dos lábios de minha tia caiu apenas o vocábulo solitário, seco, rápido, como se exprimisse a coisa mais banal deste mundo:

— Morreu.

Silenciei. Meu coração estava mesmo preso àquela gente simples que me acompanhara os primeiros passos.

Depois da pausa:

— Tia Sinhana. Como é que a senhora se arranja agora sem a cabocla mais prestimosa da casa?

— Depois da morte de nhá Veva, aceitei no serviço a Nica.

— Nica? Que Nica?

— Você não se lembra. Ela era meninota naquele tempo. E pouco aparecia aqui.

Nesse momento, com as travessas de canjica nas mãos, entrava a cabocla que era o assunto da conversa.

— É essa a substituta da nhá Veva?

Envolvi-a num olhar perscrutador. Ela ficou embaraçada. O sangue lhe subiu às faces. E os olhos circunvagaram em derredor, à procura de apoio.

Tia Sinhana interrompeu o pequeno silêncio.

Percebi que a moçoila suspirava baixinho, desafogada.

— Estamos bem satisfeitos. Nenhuma queixa até agora.

Eu engolia a canjica sem atinar com o que se passava. Embevecer-me à frente de uma caboclinha? Eu, que andava com os olhos cheios de quanta mulher bonita havia em Curitiba... E ela? O enleio ingênuo da moça sertaneja a gente conhece logo. Mas quanto a Nica, ninguém me faria acreditar que a olhadela furtiva não fosse intencional.

O infalível cafezinho interrompeu meu pensamento.

— Então, meu caro tio, quer dizer que neste ano a safra lhe vai encher o pé de meia, não?

— É... É. Se as coisas continuarem a correr assim, e Nossa Senhora da Aparecida não desproteger o seu festeiro mais entusiasmado...

Para retirar os pratos Nica tinha de passar perto de mim, a todo o momento. Alongava os braços nus. Dava maneios ao corpo para não roçar em ninguém.

Ia e vinha. Mas sempre silenciosa. De olhos baixos. Ruborescida.

Fui dar umas voltas, depois, com titio. E revi, com olhos satisfeitos, tudo o que constituíra outrora o meu enlevo infantil.

De vez em quando, traiçoeiramente, a imagem da cabocla reconstituía-se em meu pensamento. Logo, porém, outra força alcançava o meu consciente e surdia, e encapelava-se, escorraçando as artimanhas da volúpia. À noite, uma cama fofa esperava-me.

Lembro-me bem que, antes de deitar, me pus a monologar:

— É preciso respeitar a garota. É preciso. É preciso.

Nos dias que se seguiram, minha saúde progredia. Fugira já de mim aquela palidez antiga. A fisionomia deixara de ser encovada, abatida.

Em tudo e por tudo, integrara-me nos hábitos da fazenda.

O único momento em que Nica ficava a sós comigo era de manhã, quando ela me servia o café.

Olhava-a então à vontade. E ficava a considerar o magnetismo daquela carnação precoce, mas magnífica. Dezoito anos... que pensaria a pequena a meu respeito? Nessa idade os sentidos têm extraordinário poder de ampliação. E exageram todas as percepções, antes de as transmitir aos centros psíquicos. Quem sabe lá quanta coisa a sertaneja vivia a ruminar lá por dentro de sua cabeça saturada de preconceitos?

Mas... sem brincadeira, aquilo seria namoro, mesmo? Que tolice!...

O tempo ia passando. Por cartas, o pessoal de casa me aconselhava a prolongar a temporada, caso estivesse gostando. Era preciso refestelar o espírito de tanto estudo. E eu, mais que depressa, sorvia, beduinicamente, o retiro da fazenda.

Um dia Manuel recebeu um telegrama avisando a chegada, na mesma tarde, de uma irmã lá de Minas.

Casualmente eu não estava em casa, na ocasião. Quase sempre fazia sozinho os passeios, distraindo-me em palestras, aqui e ali, com caboclos. Era dos grandes prazeres meus. Penetrava na intimidade da alma sertaneja, compreendendo-a, auscultando-a, através das conversas tão espontâneas.

Ao voltar, surpreendi-me ao encontrar a moçoila sem companhia. E Nica me explicou. O pessoal, afobadamente, tinha ido à estação. E ela fora encarregada de tomar conta da casa e preparar o jantar.

Não havia mais tempo de alcançar o trem. Resolvi ficar.

— Assim, você não ficará tão tristonha.

Fui ver do terraço os trabalhadores que voltavam, suarentos, cansados, de enxada ao ombro.

Deviam ser seis horas. E o que eu contemplava era fortemente sugestivo.

A barra do horizonte, tingindo-se de encarnado, era um contraste vivo com o alinhamento verde dos cafezais, a se perderem de vista nas requebras do monte.

O vento da tardinha, impregnado de frescor da natureza ressequida pelo sol, vinha brincar também com os cabelos da gente.

— O trem deve ter chegado com um pequeno atraso, pensei. Já era tempo do pessoal voltar.

Continuei no terraço. E comecei a notar, no fim de certo tempo, a modificação que se processava em tudo.

O vento foi ficando mais forte, mais forte, movendo com energia as copas das árvores. E erguendo o pó do terreiro. E revolteando-o em seguida em espirais ralas. Depois, já em redemoinhos mais espessos. No céu, inumeráveis nuvenzinhas escuras apareceram, avolumando-se logo. Deslocaram-se. Uniram-se. Compuseram outras maiores que em breve galgavam o firmamento, enegrecendo-o.

Sobre a gente pesava uma atmosfera de chumbo. No terreiro os camaradas corriam afoitamente, recolhendo uma coisa e outra. E antes que desse conta de tudo isso, desencadeou-se grossa carga de água, dessas que chegam sem muitos prenúncios, surpreendendo o sertão em sua costumeira pacatez.

— E agora? Como voltará o meu povo?

Fui à sala grande. Encontrei-a às escuras. Acendi os dois lampiões enfumaçados. Acotovelei-me na mesa, com um livro à frente.

Fora, o aguaceiro chapinhava as janelas, as paredes, o teto. A ramaria, vencida pelo vento que passava fortemente, assobiava em silvos tonalizados.

Desinteressei-me da leitura. O "chuá" contínuo da água tinha uma invencível monotonia.

Nica veio pôr a toalha alva.

— Creio que titio vai demorar um pouco. A chuva está muito forte, e a carroça dificilmente vencerá a lama.

Ela balbuciou um "é" tímido. E muito lentamente ia arrumando os pratos, os talheres...

Reparei: — Que cabocla tentadora. Quem pode resistir a uma coisa destas?

Rodei pelos bordos da mesa.

O hálito quente da cabocla tartamudeava, arquejante, afogueada, fez esbater em mim a noção do mundo. E por muitos minutos não ouvi o vento que soprava forte, a chuva que continuava a cair.

Tarde já, voltaram todos encharcados até os ossos.

— Barbaridade! Que verdadeira lástima. Logo hoje que o trem inventou de atrasar!

Aquela noite foi para mim de agonia. Qualquer rumor fantasticamente se ampliava.

Os conciliábulos da consciência são em verdade sinistros.

Amanheci vexado. Oprimido. Com um peso no coração.

Jurava que a caboclinha não recebera jamais uma carícia de homem.

Positivamente, aquilo era uma indignidade. Que vontade de sair correndo para o sertão bruto, para uma parte do mundo onde ninguém me visse mais.

Pessoa alguma notou o meu estado de alma. Quando é preciso, a gente sabe ser comediante. E comediante finíssimo.

De noite, porém, todos os meus escrúpulos desapareceram. O homem é assim mesmo. Só abomina o abismo quando está longe. Perto dele, fundem-se quaisquer resistências. E os mais ousados chegam até a abençoá-lo. Os abismos atraem tanto...

... E a aventura foi continuando, foi continuando...

A situação tornava-se insustentável. Sussurrei a Nica o que pensava. Ela não me respondeu. Limitou-se a abandonar a boca sequiosa, como sempre.

Num domingo fui à estação. Lá estava a carta do colega, lembrando-me a amolação da matrícula. Comuniquei o fato. Titio reclamou. Por aquilo, agora? Podia ficar mais um pouco.

Passou-se um dia. E outro. E outro.

Certa tarde, tio Manuel andava de um lado a outro, furioso, apoplético.

— E os vagabundos desses empregados, que é que fazem que não limpam o mato de perto da casa? Desde não sei quanto tempo vivo a mandar, a mandar que matem duma vez esses malditos urutus para evitar que a gente seja mordido por essa praga. Preguiçosos. Maleiteiros do diabo. E agora, como é que se há de salvar a menina? Porque não se lembraram de chupar-lhe o sangue no ponto da mordedura, e apertar uma cordinha em cima e outra em baixo? Por quê? Não sabiam? Então, que adianta nascer no mato se não se aprende nem isso?

Ninguém podia compreender como a Nica se tinha descuidado tanto. Era simples evitar o envenenamento. Só mesmo se estivesse muito longe.

Resolvi deixar a casa de meu tio. Comecei a achar aquilo tudo detestável. Sem saber como, não conseguir admitir a hipótese de um simples acidente, apesar de todas as circunstâncias comprovantes do fato.

O sertão é, em verdade, muito traiçoeiro. Mas eu, também, fora tão mau.

Enfim...

...E numa resplandecente manhã de sol, depois de aconchegar tantos peitos amigos, subi ainda uma vez, a carroça de bancos forrados com pelegos macios.

Entre o alarido costumeiro dos guapecas, enérgica chicotada provocou o arranco dos animais.

E, para nunca mais retornar, passei novamente pela estrada larga, onde as árvores tinham o mesmo aspecto: — guaretás raquíticos, defendidos por varetas de lambe-papo. Canelinhas pletorando-se de folhas que verdejam nas orlas do caminho. E pindaíbas ricas, estertorando-se no serpenteio ávido dos cipós, como a expressão fugaz de dois seres hostis em empenhado conflito.

O atrapalhador de noivados

A dança, na casa do Fabiano do Boqueirão, fervia animadíssima. Na redondeza não se tivera notícia, em tempo algum, de festança mais concorrida.

Gente de muito longe aportara à fazendola: atendendo ao convite barulhento do Fabiano, que planejara celebrar, o santo de sua devoção de maneira nunca vista até aquele dia. E de fato, os convivas estavam boquiabertos.

— Mas, que despropósito! O compadre Fabiano até parece que tirou a sorte grande...

Foram três dias de comilança exagerada, de rezas, com sermão muito bonito, de colossais corridas de cavalos. E para terminar, um baile de arromba.

Às onze e pouco entrou na sala um conhecido de Fabiano que não pudera assistir ao começo da festa.

Miguel Ignacio chamavam-nos todos. E a seu nome as caboclas acompridavam logo um olhar cheio de secretos desejos. É que o Miguel Ignacio tinha fama de ser o rapagão mais desempenado do sítio vizinho. Não havia quem resistisse à teia de seus galanteios.

Até andavam falando de coisas a respeito dele e da dona Alcina, mulher do segundo suplente de delegado.

Infundados ou não esses boatos, o fato é que as moças tinham uma quebrantura invencível quando dançavam com o Miguel Igna-

cio. Seu corpo atlético, seus dentes claros — tudo, enfim, servia para bulir com o coração das morenas do Boqueirão.

Miguel Ignacio apenas entrou, mexeu os olhos nas quatro direções da sala. E viu, bem escondidinha num canto, a Joaninha, que era de uma timidez fora de propósito. Enveredou para ela, jactanciosamente, sabendo-se alvo de muitos olhares. Puseram-se a dançar.

— Como vai essa flor, Joaninha? Não sentia saudades de mim?

— Não.

— Por quê?

— Eu tenho agora em quem pensar...

(O caboclo desapontou).

— ... Estou noiva.

— Verdade? Não sabia... Também quanto tempo há que não apareço por cá.

Pigarreou para disfarçar o embaraço.

— E quem é o felizardo?

— O Luiz.

— Quem? O Luiz Alves?

Riu com gosto.

— Logo quem!

Procurou com a vista o noivo da Joaninha. Lá estava encostado à porta, carrancudo, solene, seguindo-os com os olhos maus, o Luiz Alves.

— Aquele caboré desajeitado? Que coisa, Joaninha? Você é mulher p'ra casar com homem fino. Que é que vale o Luiz Alves? É um poaia! Tem sangue de barata. Só porque a empreitada dele é grande?

— E você com isso?

— Eu? Nada... mas tenho pena de ver a flor bonita do Boqueirão cair nas mãos daquele nhengo.

E Miguel Ignacio começou a menosprezar o outro. Ia apontando à moçoila todos os defeitos do noivo.

A música parou e o caboclo ainda tinha palavras na boca para dizer.

Logo em seguida, o Luiz Alves procurou a noiva.

— O que foi que ele lhe disse?

— Nada...

— Então por que vocês me olhavam tanto?

— A gente 'tava pondo reparo no seu cabelo, nos olhos de você...

Luiz Alves ficou vermelho de raiva.

— Então...

Ela lhe contou tudo. Discutiram. Endossou a opinião do galanteador. E romperam o noivado.

Dali a pouco o Miguel Ignacio viu que a Joaninha estava só.

— Como vai o seu caboré formoso?

— Não sei. Nós brigamos.

— Ora essa. Por quê?

— Você disse...

Miguel Ignacio quase caiu de tanto rir.

— P'ra que isso, boba? Então você quer vir p'ro meu lado? Não pense que eu vou casar com moça do Boqueirão. Inda mais quem já foi noiva do Luiz Alves.

A marcha cessara. Joaninha mergulhou no quarto mais próximo, chorando.

No terreiro, os dois homens rolaram, enfurecidos. Venceu o mais forte. Era inevitável. E o Luiz Alves ficou no chão desacordado de tanta bofetada.

Miguel Ignacio virou-se para o lado, à procura do chapéu, que caíra longe, durante a luta. E a Joaninha ali estava, com os olhos cheios de lágrimas, limpando-lhe a aba com a barra do vestido.

A vida no Boqueirão continuou a correr. Não sei se o compadre Fabiano (era um santo homem, o compadre Fabiano) deu outra vez uma festa daquelas. Só sei que o Miguel Ignacio casou-se com Joaninha.

Tem já quatro caboclinhos, dizem. Eu conheço somente o mais velho. Chama-se Luiz. E é ainda mais barulhento que o pai.

Delírio do Zé Carijó

— Deixe de maldade, rapaz! P'ra que judiar do animal? Não sabe que isso machuca as pernas do bicho?

Geraldo, repreendido pelo pai, desistiu da proeza que queria praticar — amarrar uma lata de querosene na cauda do cavalo, que era tão manso, para depois gozar a barulheira, quando a corrida desabalada a fizesse sacolejar doidamente.

Desistiu dessa proeza, mas enfiou-se pelo fundo do quintal, à cata de novos motivos de travessura.

Zé Carijó abanou a cabeça.

— Não tem mais jeito, mesmo.

E, empunhando a foice, continuou a fazer ponta em um pedaço de peroba que serviria para ultimar a cerquinha do paiol de milho.

— Precisa ser posto em colégio de padre ou em quartel de polícia. Cruz-credo! Não há quem possa com as suas ruindades...

De dentro de casa, veio uma voz de mulher:

— Nhô Zé! Posso pôr a janta?

— Pode, Rosália. Já 'tou com a barriga nas costas.

Largou a ferramenta. Foi até o poço tirar água para lavar as mãos.

Espiou o céu.

— Quá! Nem sombra de chuva! Nem parece janeiro...

O jantarzinho foi servido no prato de folha.

— Cadê Geraldo? Vá ver se ele tá aí por perto, Rosália.

O menino chegou com um sorriso velado, cínico, nos lábios.

— Coma depressa e vá à casa do compadre Lucas levar um recado.

Quando o garoto, já nutrido, saiu com destino ao velho Lucas, Zé Carijó puxou uma cadeira até a porta do terreiro. Chamou Ritinha, que andava pelos quatro anos.

— Filha, venha cá sentar no colo do pai.

Fora o último presente de Rita, pois, quando a criança nascera, a mulher partira desta vida para melhor.

Zé Carijó lembrava-se bem. Tinha sido difícil consolar-se com a perda de sua companheira fiel de doze anos. Enfim... Como assim rezava a vontade de Deus...

Achava Ritinha (ele somente) infinitamente parecida com a mãe. Até o mesmo nome lhe botara. E a fizera criar com carinhos requintados. Era o seu "ai Jesus", como dizia perdidamente o Geraldo — na petulância de seus quinze anos —, que não podia compreender nem justificava a adoração do velho pela caçulinha. Até a "sinhá" Rosália — a irmã mais nova da Rita, e que passara a morar ali desde o nascimento da criança — de vez em quando gracejava com o exagero daquele amor paternal.

— Livra, nhô Zé! 'Té parece princesa...

Zé Carijó, com a filhinha no colo, relembrava o seu jeito de vida. Não fossem a saudade da companheira e as peraltices do Geraldo (matutava), e o mundo não lhe seria mau.

Com a fuga do sol, o céu ficou todo cheinho de estrelas. E o caboclo, até muito tarde, deixou-se ficar ali, na porta da casinhola, pensando na sua Rita, que devia estar bem p'ra lá das estrelas, e afagando a menina do seu coração, a Ritinha, que ressonava, alheia à saudade do pai, alheia aos astros longínquos, piscantes, aos urutaus que enchiam a noite de assombrações — alheia à vida.

Entrava mês, saía mês, e a existência do sertanejo arrasta-se no ritmo de sempre. Há certas pessoas que vivem assim: sem grandes dissabores nem gozos notáveis — o pêndulo da sensibilidade oscilando isocronicamente, suavemente de um lado a outro, na amplitude

acanhada de seu movimento, sem jamais se desequilibrar no paradoxismo dos extremos.

Geraldo completara os dezenove anos. E Ritinha andava beirando já a casa dos oito.

Foi por esse tempo que a pacatez do Zé Carijó começou a descambar francamente.

O rapagote, cujos instintos perversos dia a dia se acentuavam, burlava a vigilância do pai. E, certa vez, sumiu do lugar, depois de praticar um roubo vultuoso contra o próprio padrinho, o velho Lucas.

Para Zé Carijó, o choque foi inimaginável. Seu nome, sempre tão honrado, manchado agora por esse malfeito do filho!

Por muitos dias ficou abobado, indiferente, com a cara cheia de sulcos, e com uma vergonha tremenda pondo-lhe tremores na alma.

Não quis mais aparecer a ninguém. Sentia-se sem o direito de olhar os outros homens. E, um belo dia, arrumou os tarecos, vendeu a moradia, pagou as poucas dívidas, e zarpou para longe, sem dizer a ninguém o destino que tomava.

A Ritinha — coitada! — chorou, chorou como nunca. Tinha amor pela casinhola onde nascera.

Zé Carijó — mais a filha e a cunhada — tocou-se p'ros lados de São Jerônimo, lá no fundo sertão paranaense.

E começou nova vida. Criando porcos. Plantando milho. Vendendo os presentes que a terra lhe dava.

Ninguém o conhecia ali. Achou até de bom aviso trocar de nome, embora como um eco, soubesse da regeneração do Geraldo. E, para todos os efeitos, passou a atender por "Zé de Minas".

Ritinha ia crescendo. Franzina sempre, tomava, no entanto, um arzinho simpático. E para Zé Carijó — pseudo Zé das Minas — que, apesar de não ser muito velho, andava já com a cabeça branqueando cada vez mais — para o Zé Carijó ela era o supremo consolo, na ma-

turidade amarga de sua vida. Fazia-lhe por isso os melhores carinhos, aguardando uma possibilidade para levá-la p'ra perto da cidade.

Um dia, começou a chegar àquelas bandas o eco das façanhas de um tal João dos Corações. Assim o alcunhara o povaréu transido, porque — era voz corrente — quando o bandoleiro assaltava inopinadamente uma vivenda qualquer, depois de levar a efeito uma razia impiedosa, matava uma das moças, se as houvesse, deixando-a de peito aberto, à mostra. Um tipo mórbido, não havia dúvida.

Vencê-lo, e a seu bando, a raquítica polícia do interior não podia. E o já famoso João dos Corações continuava a assustar o bom povo do sertão, pilhando as fazendas desprotegidas e, quando possível, obedecendo ao imperativo de seu sadismo criminoso.

Quando uns vizinhos contaram ao Zé das Minas a história do bandido, ele não demonstrou susto.

— Que adianta esse João dos Corações vir a este rancho? Eu sou um coitado, sem haveres quase...

Numa noite, em que fazia um luar muito bonito, Zé das Minas se viu coagido em ir a um guardamento na casa de um conhecido que morava a menos de meio quilômetro.

Lá se foi, recomendando expressamente a Ritinha e a Rosália que não abrissem a porta a ninguém.

— Não tenham medo. Fico lá só meia hora, p'ra cumprir a obrigação. Logo 'tou de volta.

Já de regresso, quando Zé das Minas deixava a casa do amigo enlutado, um grupo de cavaleiros passava pela frente de sua casa.

— Chefe! Luz! (E apontando o ranchinho). Deve ter coisa...

Desceram silenciosamente alguns homens. Examinaram as armas. Tudo no pontinho de bala, se fosse preciso.

Forçaram rápida e violentamente a porta. O vento entrou pela casa, brusco, apagando a chama da lamparina.

As duas mulheres nem tiveram forças p'ra gritar, de tanto susto.

Imobilizaram-se, no escuro tenebroso, pois, até lá fora, uma nuvem cúmplice tinha estorvado a luz da lua.

Uma logo rolou pelo chão, ensanguentada. A outra, incólume, mas exânime, caiu no fundo da cozinha.

A pilhagem quase não trouxe lucro aos assaltantes. Ainda assim, uma ou outra coisa, apanhada na obscuridade, tinha bastante serventia.

Quando os primeiros bandidos se dispunham a vir para o terreiro ensombrado, um deles procurou o corpo da moçoila. Rasgou-lhe, com suma perícia, o lado esquerdo do peito. Arrastou-a depois para fora, no mesmo instante em que o Zé das Minas, de volta, atravessava a porteirinha próxima.

Sentindo a aproximação de alguém, o bandoleiro largou a vítima.

Mas, ao virar-se, a lua, desvencilhando-se da nuvem importuna, iluminou-lhe em cheio a feição sinistra.

E o Zé Carijó — pseudo Zé das Minas — teve tempo de reconhecer o fugitivo.

— Geraldo!...

Subiu uma onda incrível... Era piedade. E também ódio.

— Corre danado! Monta! Vai-te, bandido!

E a garganta apertou.

Zé Carijó estacou. Compreendeu tudo, num segundo. E sentiu na cabeça uma tonteira invencível.

Reclamou energia extrema para das alguns passos. Chegou-se perto do corpo abandonado no terreiro. E viu o peito da sua Ritinha todo golpeado, exibindo um pedaço de coração, que parecia querer pulsar, ainda, o ritmo instintivo da vida.

Fez tenção de se baixar e levantar nos braços a filhinha de sua alma. Mas não o conseguiu. Sumiram-lhe as forças.

O caboclo arregalou os olhos. Esfregou as pálpebras. Mas tudo começou a baralhar. Pareceu-lhe que, do peito da moça, saía uma coisa pequenina, pequenina, que pouco a pouco aumentava para for-

mar um coração bem da altura da sua Ritinha.

A perobeira, que havia ali perto, se pôs a mudar também de jeito. O vasto matagal distante saiu do lugar e veio diminuindo, até desaparecer ali a dois passos.

A luz, que estava muito clara, arreganhou-se toda em grandes curvas cordiformes, e, despencando do céu, vinha chegando, devagar, p'ra perto do caboclo.

Zé Carijó, com fisionomia agônica, no supremo esforço de sua vitalidade, traçou no ar, com o dedo longo, o contorno exato de um enorme coração. E caiu de borco, ali mesmo, rente ao corpo inanimado da filha.

Bomba de Santo Antônio

O vilarejo sem história, apertado em todos os ângulos pelas sentinelas inflexíveis das serras, libertava-se pouco a pouco da serena dormida sob um céu enfeitado de estrelas. A alvorada, sem clarins nem tambores, ia espantando, bem p'ra lá dos grotões e dos picos as grandes sombras inúteis. Para que os telados das casas sem simetria começassem a fuzilar como as águas do rio. Do rio largo que vinha de muito longe caprichando arabescos nos vazios deselegantes das cordilheiras. Que vinha de longe e arrastava, não sei para que mistérios, as vibrações daquele povoado distante. Daquele povoado perdido no fundo do sertão paranaense.

Na última esquina um sírio gorducho abre a casa de armarinhos. O sírio varre o assoalho cuspinhado, diz um palavrão impossível por causa do vira-lata sem vergonha que queria se coçar nas portas do respeitável estabelecimento. Diz o palavrão no momento exato em que o vizinho da frente, sentando na beira do catre, amaldiçoa a botina ringideira. A mulher chega e ajuda. Benedito Olivério exibe, na risada de bem-aventurado, uma dúzia de maus dentes. E Nida volta à cozinha, onde as crianças esfregam os olhos ainda cheios de sono e de remela, e reclamam choramingando um naco de batata assada.

O Tonico, filho mais velho, parado na porta que dá para o quintal, espia o longínquo e azulado Pico Agudo. De repente diz:

— Mãe. Hoje eu queria comer pão.

— Cala a boca, feição de enorme. Já se viu esse luxo?

— Mas hoje é o meu dia...

Intervém Benedito Olivério:

— Patroa. Faça a vontade do menino. Pelo menos no dia de Santo Antônio.

Nida resmunga seu protesto de todas as horas. E fecha a cara quando o marido, ajeitando a cinta, procura um níquel de duzentos réis.

De tardinha, só o Tonico não comparece à novena. Fica no quintal da casa encasmurrado, longe dos busca-pés, das bombas de parede. Longe da garotada que aplaude o balão subindo, o balão inchado como fêmea pandorga.

Depois da novena, os irmãozinhos de mãos vazias, mas num assanhamento sem conta, vão peruar a festa das outras crianças.

O Tonico se chega ao pai.

— Eu queria rebentar uma bomba, hoje. Só uma.

Nida interrompe violentamente.

— Diabo de guri pedinchão! Pensa que a gente plantou dinheiro na horta?

— Não se amofine, mulher. É comigo que ele está falando. E para o filho: pega lá rapaz.

Nida não se conforma.

— É um esbanjamento nesta casa... Tomara que essa bomba rebente nas fuças de vocês.

Tonico sai em silêncio. Com vontade, com uma bruta vontade de comprar uma bomba do tamanho do mundo e jogá-la de encontro à lua, no crescente.

— Seu Indalécio. Qual é a maior bomba que o senhor tem aí?

— A maior é esta que veio como brinde. Mas esta eu não vendo.

— Venda seu Indalécio. Lhe dou quatrocentão por ela.

O velho sente uma força diferente no olhar do guri. E lhe dá de presente a maior bomba daquele comércio, recomendando:

— Cuidado menino. O estouro desse não é estouro de traque, não.

Na esquina a gurizada se aglomera, inquieta. E o filho de Benedito Olivério grita:

— Pessoal. Espia só o estouro desta.

Aperta na mão direita o famoso embrulho. Precisa tomar impulso, arreda um passo, arreda dois, descreve meia curva com o braço distendido, projeta a bomba que volta intacta da parede da casa.

Sai da experiência ainda mais acabrunhado. Quisera, como nunca, uma pelota do tamanho do mundo para atirá-la de encontro à lua no crescente. Por isso caminha de cabeça baixa sozinho para o lado do Rio das Cinzas. Do rio que banhava aquele vilarejo distante. Do rio que vinha muito de longe, caprichando arabescos nos claros deselegantes das cordilheiras, fazendo redemoinhos em fundos grotões cheios de história...

Desvario

Na cidadezinha humilde, aquele acontecimento não podia mesmo despertar interesse. Um casamento de pobres, sem convites nem festanças... quem com ele se incomodaria? Os noivos, os padrinhos, as duas famílias... e só. E quando, na tarde esplêndida, o pequeno cortejo atravessou a rua em direção à igreja, notou-se, numa e noutra janela, um arqueamento de bustos. E nas cabeças que apareciam, espiavam olhos de curiosidade. E nos rostos que apontavam, lábios desdenhosos moviam-se, atirando "que parzinho enjoado...". "Olha o desajeito dele". "Ché!" Como a esmo exclamações estúpidas: "Esta crise..."

Durvalina Nunes exultava. Sua vida adquiria no momento as mais garridas colorações de felicidade. De família pobre, tendo de trabalhar fora para ajudar os pais há algum tempo vinha já depositando todos os anseios de moça no namoro com o Zeca do Garcia, um rapagão desempenado que dirigia a bodega no fim da rua grande. E, à tarde, de volta do serviço, era sempre um gosto para ela vir pôr ordem na casa, e, em fugidelas medrosas, acolher da janela os olhares desejosos do Zeca. Do namoro ao noivado foi um pulo. E deste ao casamento, nada mais fácil. Naquele dia, portanto, Durvalina, em sua inexperiência, e ingenuidade, e vontade de abandonar a vida de doméstica para cuidar de seu próprio lar, sentiu dentro do peito um estremação de gozo. E do coração lhe veio uma vontade de ser boa, uma vontade de ser honesta, para consagrar todos os minutos de sua vida à vida dos filhos que viesse a ter...

E, meio zonza, compreendeu à noitinha que se tinha realizado tudo quanto concebera em dias e dias de espera e desejos. E que ela, daquele momento em diante, passava a ser a Durvalina do Zeca, e teria uma casa para cuidar, cheia de venturas incomparáveis.

As semanas, porém, se foram escoando. E as ilusões foram fenecendo. E os primeiros acabrunhamentos vieram galopando na vanguarda de outros acabrunhamentos. Durvalina já desapegara dos lábios aquele sorriso cantante do noivado, e, nos olhos não mais pairava aquela expressão satisfeita. Notou sem dificuldades a progressiva indiferença do Zeca. Para longe tinham ido as promessas de um carinho inextinguível. Para muito longe as esperanças de uma vida conjugal pacífica. Foi então que em seu destino surgiu o consolo da primeira filha. Era linda, de olhos muito verdes. E em sua visão de mãe, Durvalina não podia imaginar criança mais graciosa.

Nela resumiu, portanto, todas as forças de que se julgava capaz para afrontar a vida.

E os dias foram passando... E a vida continuando...

A menina crescia robusta, preludiadas as belezas da moçoila futura pela natureza dadivosa. Mas o Zeca, tornado bêbado incorrigível, envenenava o ambiente do lar com seus maus tratos e boemia interminável, até que, por fim, envolvido numa rixa de canalhas, amanheceu certa vez estendido à porta de uma bodega, com as tripas à mostra. Durvalina aparou o golpe do destino com estoicismo. E chocada pelo imprevisto, pranteou o Zeca, que, afinal de contas, fora sempre seu marido, o eleito de seu coração, e recebera dele, apesar de tudo, requintes de carinhos e amor.

Por esse tempo, Duvalina trazia no ventre sinais de adiantada gestação. E ansiosamente, projetando um mundo de dedicações porvindoiras, passou a aguardar o advento da nova criança, que por certo seria linda como a primeira.

No entanto, em meio da floração vigorosa de um setembro invulgar, após aceitar a caridade de espíritos bondosos, por se encontrar sem recursos, teve uma desilusão tremenda. A criança, que ela sempre aguardara linda, lhe saíra disforme, com as duas pernas anquilosas e a metade do rosto hipertrofiada em monstruoso aleijão. Chamou Ayrton ao filho. E procurando, com o infinito amor de mãe, amenizar a criatura teratológica que em suas entranhas concebera, se pôs a procurar colocação. Oferecia-se como doméstica, a profissão de quando mocinha. Mas as portas se fecharam sem piedade. Quem haveria de aceitar em casa uma mulher naquelas condições? Mudou de cidade. E, em extrema penúria, recorreu ao recurso também extremo. Fez-se mendiga. Suplicou, angustiada, o pão e o agasalho para as duas crianças que agora, mais de que nunca, a prendiam à vida como aflitivo cordão umbilical. E as duas crianças, monopolizando a grandeza de seu amor inteiro, iam padecendo, todavia, na inocência dos destinos que despertam necessidades sem conta.

Os dias se sucediam sobre os dias como as águas do Iguaçu nas sinuosidades do leito. Durvalina esgotara já todas as reservas do organismo. Músculos gastos, era um trambolho que rolava de casa em casa. E ela mais os filhos eram os rebotalhos últimos de uma grande miséria diuturnamente arrastada nas ruas.

Um dia, Durvalina sentiu um estrelejamento no cérebro. Achegou bem ao peito os frutos de seu imenso amor, os quais ela não queria viessem a padecer de futuro os mesmo dissabores. E julgou compreender então porque não encontrava serviço.

Saiu da cidade. Deixou a filha num lado da estrada, recomendando-lhe que a esperasse. A menina estendeu os olhos esplendidamente verdes na terra ressequida que se estirava em frente. E a mãe marchou, apressada, com Ayrton nos braços.

Lá longe espraiavam as ondas azuladas do Iguaçu caudaloso. Durvalina espiou, tendo nos lábios um esgar idiota, o rio misterioso,

o rio medonho, cheio de fundões traiçoeiros, o Iguaçu lendário, o Iguaçu profundo, silencioso incompreensível. Uma locomotiva barulhenta, arrastando o cortejo bamboleante dos carros, passou apitando perto de Durvalina. Com o comboio parece que fugiu de seu pensamento a monstruosidade que pudesse haver um crime.

Achegou-se à margem. Lançou em decorrer um olhar temeroso. Num último assomo de consciência beijou freneticamente o filho no aleijão da face. E ali mesmo mergulhou-o na água, cravando-lhe na garganta os dedos trementes. Depois, correu desvairada. Mas estacou logo. Volveu ao rio um olhar congestionado. E percebeu, à flor das águas, a cara hipertrófica do Ayrton, rodando a pouco e pouco, e submergindo lentamente para só deixar lugar aos bracinhos erguidos, que pareciam acenar ainda uma ameaça ou um perdão.

Pesadelo

— Eu não estou nada contente, ouviu, nhô Cesário?

— Hom'essa, patrãozinho! Por quê?

— É que não tenho mais estômago, nem intestino, nem fígado, nem nada. Está tudo derretido.

E, descarregando o mau humor na aspereza da voz:

— Que péssima andadura tem o diabo deste tordilho!

— Ué! Pois se quiser trocar, "tou pronto".

— Não. Agora aguento até o fim.

O sertanejo com voz de consolo:

— Não é nada, patrãozinho. Mais uns quinhentos metros, e nós encontraremos pouso.

— Pouso e jantar, que meu estômago, apesar de derretido, é um reclamador de marca.

O velho Cesário exibiu parte dos dentes podres, num sorriso sibilino.

Alberto fechou mais a carranca. Estava irritado. Profundamente irritado.

Terceiranista de engenharia, quis mostrar o que lhe valeram os anos de gastos na cidade. E enfaticamente falou ao pai que iria ajudar a delimitação das terras — final de histórica demanda judiciária lá pelas bandas do Laranjinha.

Mas a jornada tinha de ser longa. E feita inteirinha a cavalo. Não se amedrontara, porém. Desacostumado de viagens similares, tinha-se em conta de robusto rapagão. E desde as cinco da manhã estava ali escarranchado sobre os arreios. Só descansara três horas, mais ou menos.

Além disso, o pai lhe dera por guia e companheiro o nhô Cesário.

Nhô Cesário era um velho interessante. De cara meio bronzeada de tanto tomar sol, os cabelos começavam a branquejar. Mas a barbicha rala, essa não. Estava-lhe bem mais carregado o matiz negro. De olhos pequenos, viramexendo gaiatamente, sem cessar, tinha enigmático sorriso de profunda ironia.

Consciente de sua ignorância em matéria de letras, a experiência da vida, no entanto, continuamente lhe sugeria inesgotável repertório de máximas. E que máximas!

No começo da viagem, quando Alberto ainda conservava a boa veia, palestraram bastante. O rapaz até rira muito de várias conclusões. Mas, de certa altura em diante, o sertanejo assestara o satirismo contra os "doutores".

— Você tem muita sabença. Mas um caboclo velho como eu ainda é capaz de dar muita rasteira em gente graúda. Rasteira em briga e rasteira em conversa.

Alberto não gostava dessas coisas. Sentia-se ofendido no amor próprio.

— Patrãozinho. Quer saber de uma coisa? Esse negócio da gente abarrotar muito a cabeça de livros não adianta nada.

E, deslocando assombrosamente o acento do termo "difícil", acrescentava:

— As "filosofias" lá de vocês podem explicar alguma coisa. Mas no sertão... qu'esperança! Quer ver? Patrãozinho. Me responda ao pé da letra...

E vinha lá o Cesário com um bando de charadísticas histórias.

O rapaz sempre engasgava na resposta, o diabo do caboclo tinha mesmo espírito fino. Sabia armar as redes.

Nhô Cesário, então, gargalhava sibilinicamente:

— Tá vendo? Que adianta tanta sabença?

Os dois viajantes trotaram mais um pouco. Deram, enfim, com o almejado pouso. Palmo a palmo conhecia Cesário tudo aquilo. Por isso, adiantou:

— Nós vamos passar a noite com o povinho do compadre Serafim. Gente boa. Muito sem luxo.

Entraram no terreiro. Várias pessoas. O interior da casa também concorrido.

Cesário estranhou.

— Aí tem coisa...

Apearam. Foram recebidos com grande bondade.

— Tá passeando, Cesário?

— Não. Vou levar este moço lá p'ro Laranjinha. Mas o que há por aqui?

— Nada. Só a patroa do compadre Serafim que morreu esta madrugada.

— Verdade? Pobre da comadre...

E Cesário desapareceu no interior da casa.

Alberto, meio ressabiado, ficou entre os sertanejos. Mesmo ali de fora pôde divisar, na sala de dentro, a mesa, com quatro velas acesas ao redor de um corpo.

— E esta, agora? — pensou — Será que vou dormir junto à defunta?

Cesário pareceu adivinhar-lhe o pensamento.

Voltou.

— Patrãozinho. Já arranjei o pouso p'ra nós. É ali perto, por detrás daquelas bananeiras. Um compadre meu vai passar a noite inteira, com a família, no guardamento.

Lesto garotinho levou os cavalos. Andaram pouco. A casa não era longe.

Comeram algumas coisas requentadas e o menino aprontou-lhe a cama.

Alberto colocava as mãos espalmadas nos quadris. Parecia-lhe que os ossos se tinham desconjuntado.

Anoitecera. Os animais do brejo enchiam os ares com o coaxar irritante, verdadeira sinfonia para malucos.

Quando se preparavam para dormir, chegou até eles um canto

monótono, plangente.

Levantou-se o Cesário.

— Você me espere aqui. Vou ajudar a fazer o guardamento pelo menos um pouquinho. Coitada da comadre! Tão boa!...

E já de saída:

— Não feche a porta, hein? Deixe-a encostada, apenas, que volto logo.

Alberto ficou só. A vela tremeluzia pelo vento que passava nas frinchas. E pelas mesmas frinchas do quarto pequeno, cheio de canastras e de arreios, penetrava, como que canalizada, aquela toada contínua, fúnebre, enervante, com ressaibos já de cemitério.

O rapaz não pôde impedir um calafrio na espinha.

— E agora? Será que os caboclos vão passar cantando a noite inteira?

Sentia o organismo esgotado pela viagem. Precisava dormir, mesmo.

— Senão meu esqueleto fica aí pelo caminho... O leito não é lá dos mais agradáveis. Mas p'ra quem está cansado... E aquele besta do Cesário? Por que inventou de ir ao guardamento? Aquela porta semicerrada, no meio de tanta escuridão... Na verdade. Estou bem arrependido de me ter metido na história. Aturar estas amolações todas!... Só por patriotismo... Ainda bem que a morte de tal mulher atrai a atenção de toda redondeza. Do contrário, algum cangaceiro da zona, por não ter o que fazer, viria visitar cá esta mentalidade, num exame arrochado dos boldos. E isto constituiria aventura nada agradável para mim. Afinal!... Mas que coisa bárbara! Os meus ossos parece que estão no vivo. Vou experimentar dormir com as costas para baixo. Se viro do lado direito, dói-me tudo. Se viro do esquerdo, pior ainda "Quanta amargura para um pobre coração apaixonado!". Assim. De papo para o ar. Eis a melhor fórmula trigonométrica da ocasião. Na volta, preciso desvendar aos colegas o seno e o cosseno desta malfadada viagem...

E, pouco a pouco, foi adormecendo.

De repente, pareceu-lhe que o vento escancara a porta. Mas, coisa extraordinária, em vez de apagar a vela, caso estivesse acesa, acendeu-a quando apagada.

Estremunhado, transido de pavor, sentou-se rapidamente no catre.

Latejavam-lhe os vasos sanguíneos. Gélido suor corria-lhe as faces. O coração semelhava uma catapulta localizada dentro do tórax.

Desenhou-se, então, no umbral, fantasmagórica e horripilante figura de caboclo. Tinha a boca largamente aberta em medonho sorriso, que punha à mostra aguçadas presas. Parte dos cabelos, embebidos não sei em que hediondo fluido, emplastrava-se na testa estreita, quase encobrindo as escleróticas sulcadas de laivos encarnados. A camisa, encardida, desabotoara-se na altura do peito, deixando transparecer negra pelugem.

E o vulto vinha aproximando-se devagarinho, devagarinho, para prolongar a agonia do rapaz.

Os sons que partiam do brejo cessaram em síncope brutal. A melopeia lúgubre do guardamento sofreu também violenta interrupção.

E o vulto, cuja projeção, feita pela tremulina da vela, se tornava cada vez mais alongada na parede de barro, se vinha aproximando, aproximando...

Podia distinguir-se, agora, na altura do ventre, a destra, de palma energicamente encarquilhada no cabo de uma faca, a brilhar, sinistra, no quarto penumbroso.

Alberto, com os olhos esbugalhados, queria gritar. Precisava gritar. Mas estrangulava-lhe a voz na laringe.

E quando o bandido já roçava os bordos do catre com a arma terrível, conseguiu gritar, esganiçadamente:

— Cesário! Cesário!

O sertanejo, entrando nesse momento, sorriu maliciosamente, ao perceber o espalhafatoso acordar do companheiro de viagem.

E enquanto este, treme-tremendo, passava nervosamente a mão

pela fronte, para certificar-se de estar acordado... e vivo, o velho Cesário motejou, finalmente:

— Ué! Lá nas suas escolas a gente aprende a ter medo também?...

E preparou-se para dormir.

Caco de gente

Na fazenda Ubirajara — situada um pouco além de Japira — ia um rebuliço medonho. Todos se movimentavam. Em tudo se mexia. Aqui, um arranjo melhor nos móveis sem luxo. Uma limpada nas louças antigas, acolá.

— Anda, Tiloca, não seja nhenga.

— Arruma a mesa duma vez, Zita.

E dona Cecília, arrastando seu reumatismo e seus precoces cabelos brancos, não dava trégua às crioulas. Queria tudo em ordem. Pudera! Logo mais chegaria o primogênito do casal, o Ricardo, mais adulado do que ninguém, e que, justamente por viver quase sempre longe, em estudos superiores, recebia ao chegar os melhores carinhos, os mais desvanecedores agrados.

O velho Pedro Matoso já partira ao encontro do filho. E, nessa hora, ambos deveriam estar trotando na estrada da fazenda, com toda a certeza.

D. Cecília, de minuto em minuto, mandava um moleque à porteira espiar alguma nuvem de pó que acaso se agitasse além, ao lado dos cafezais, denunciando a aproximação dos viajantes.

Algum tempo mais, e saltava no terreiro o vulto guapo do Ricardo. Um longo abraço — desses que parecem espremer toda a saudade do coração — iniciou o rapaz na vida da fazenda onde nascera.

Ricardo era um tipo sugestivo. Atleta perfeito. Forte. Corado. Vendendo saúde. E, além do mais, inteligente. De espírito arguto, demonstrado no olhar negro, penetrante.

D. Cecília não se cansava de aconchegá-lo ao peito. Feliz, o amor das mães. E crivava-o de perguntas. Queria saber de tudo. A

vida inteira do filho na cidade. Coisas de pensão. Exames. Divertimentos. Estudos...

E Ricardo respondia. Calmamente. Sorrindo. Com aquela maneira toda sua de pesar bem as palavras.

Pedro Matoso andava orgulhoso. O filho saíra-lhe um rapagão. Ufano, contava aos compadres que Ricardo estava para se formar em Direito. Seriam aquelas as suas últimas férias de estudante. Depois, voltaria bacharel. E casado, talvez. Para viver independente. Para exercer a profissão.

Dezembro passou com seu calor insuportável. No céu, onde as nuvens, muito finas, corriam como doidas, andava a mesma claridade estonteante. E em todas as coisas punha o sol prodígios de luz. Um guaretá esguio, chamuscado pela queima de agosto, exibia no alto a pobreza desconsoladora das folhas. E tinha o tronco torto, numa caricatura de desalento.

Janeiro começou. A mesma canícula a prometer chuvas.

Ricardo sentara-se num degrau da escada. E alongava a vista, numa cisma insopitável.

Ao canto da casa, mirando fixamente o rapaz, jazia uma figura esquecida.

Era a Teca. (Ou, melhor, o "Caco de Gente", como todos a chamavam). Uma ironia da natureza. Um ser que não deveria ter nascido. O fantasma da sífilis corporizado. Hereditariedade cruel que zombava de suas vítimas. Estatura atrofiada. Um verdadeiro "caco de gente", mesmo. Mas hipertrofia do resto, quase todo. Mãos enormes. Braços musculosos. Pernas muito inchadas, desiguais. Protuberâncias nas costas — um prodígio de teratologia. No entanto, um rosto sem anormalidades. Iluminado até por dois olhinhos ligeiros, por onde se adivinhava a tragédia íntima. Porque Teca era bem mulher, no espírito.

E sedenta de emoções, no passar triste de seus 16 anos.

Recebera-a, por piedade, o velho Pedro Matoso. Havia muito tempo, já. Quando a mãe a abandonara horrorizada com o rebento.

— O que é isso, "Caco de Gente"? Parece que nunca viu o Ricardo?

Apanhada em flagrante, Teca saiu envergonhada. E desapareceu atrás da casa.

— Escuta mamãe. Tenho muita pena dessa menina. Não gosto mesmo que lhe deem um tal apelido. Eu nunca a chamarei dessa forma. Isso deve desagradar-lhe. Teca tem um espírito, como qualquer outra pessoa. E possui, estou certo, uma sensibilidade aguda. Não vê como ela demonstra pelos olhos o quanto lhe pesa na alma a intuição de sua deformidade?

— Ora, Ricardo. Há mais de 15 anos que me acostumei assim. "Caco de Gente" ela nasceu, "Caco de Gente" há de ser sempre. Também não sei por que o Pedro ficou com esse bicho... E eu tenho uns pressentimentos com essas coisas...

— Tolices, minha mãe.

— Por que será que o "Caco de Gente" vive a olhar tanto para você? Todos se cansam de surpreendê-la nessa postura de idiota, a examinar, a examinar...

Ricardo levantou-se. Pôs a mão no ombro de dona Cecília.

— Quem sabe a Teca gosta de mim. Isto não me tira pedaço... Os cretinos também sabem amar.

E riu com gosto.

Os cretinos também sabem amar... Ricardo pronunciara essa frase, num assomo de bom humor. E nem lhe dera importância.

Enquanto isso, Teca continuava escondida atrás da casa. Não. Ela não era cretina. Era, na verdade, o produto horrendo de entranhas amaldiçoadas. Mas só no corpo. O espírito, ela o conservava esclarecido. Embora não pudesse exprimir as ideias. Produzia sua garganta apenas sons inarticulados.

Teca sofria com isso. Tinha ímpetos de rasgar o peito e mostrar a todos os que dela caçoavam como o seu coração também sabia pulsar, como sua alma podia apreciar as maravilhas da vida.

Quando Ricardo estava para chegar, ninguém notara o seu júbilo. Ia de um lado a outro, manquetolando. Sem definir bem o que sentia. Admirava no rapaz o porte esbelto. A elegância do traje. A maneira de tratar a todos. A delicadeza que lhe dispensava, sem nunca a chamar de "Caco de Gente" — as três palavras que mais a irritavam. E naquele dia quase a surpreenderam em frente ao espelho da filha de dona Cecília, a passar no rosto uma camada de pó de arroz.

O estudante estava em véspera de partir. Na fazenda Ubirajara rondava o espectro das primeiras saudades. Tão vazio iria ficar aquilo sem a bondade do Ricardo, sem as suas risadas francas, sem os inesquecíveis passeios a cavalo, que só ele sabia organizar...

À medida que passavam as horas, Teca se angustiava. Tivera uma conclusão imprevista em seus sentimentos. Imaginava como seria tudo insípido depois que Ricardo voltasse para cidade. E vergava a alma acabrunhada ao pensar que, chegando lá, ele iria tratar do casamento e ceder a sua elegância, a sua grandeza de coração, as suas palavras de afeto, a uma outra mulher que não a ela —miserável "Caco de Gente".

E Teca, mal acomodada no leito pequeno, resolvia-se insone, sem saber dominar-se. E lhe parecia estar sendo tragada pela bocarra de um destino crudelíssimo, torturante, requintado em angústias sem nome.

A tarde toda "Caco de Gente" andou desaparecida. Também pessoa alguma dera maior importância ao caso. Era hábito do monstrengo, essas fugidas da fazenda...

Na manhã seguinte, resolvera-se o Ricardo a viajar. O cavalo zaino estava à porta, pronto a levá-lo até a próxima estação.

Abraçou a todos. E foi com singular emoção que se separou de todas as incontáveis amizades que deixava. Quis dizer adeus também à Teca. Não a encontrou, porém, em casa.

Na estrada orvalhada ainda, pai e filho conversavam, ao trotar dos cavalos.

Num certo momento, para despedir-se dos folguedos da fazenda. Ricardo dispôs-se a galopar um pouco. E logo deixou o velho Pedro Matoso bem para trás.

Naquela altura, o caminho passava por um capão denso. E ziguezagueando em meio das árvores luxuriantes, corria um ribeiro insignificante. Havendo no terreno, porém, um descavado profundo, lá se erguia, em meio à mataria ensombrada, o pontilhão de madeira, construído pela rústica engenharia do sertanejo. Após o pontilhão, que era precedido por uma rampa, tomava a estrada imprevistamente uma subida forte, extensa, para depois continuar sempre amena.

Ricardo percebeu de longe o robusto núcleo de vegetação. Lembrou-se da disposição esquisita do caminho, ali, considerando-o um ótimo ponto para a demonstração de suas qualidades de cavaleiro.

Castigou a ilhargas do animal descansado ainda. E investiu num galope desenfreado.

No madeirame tosco do pontilhão, as patas ferradas do cavalo ecoaram fortes. E o estudante fustigou melhor o zaino, frenético de vencer a ladeira num segundo.

Não tinham sido vencidos mais que quatro metros, e esbarrou o busto do rapaz com uma corda estendida de um lado a outro do caminho.

Ricardo não pôde equilibrar-se com o golpe e foi cuspido do lombo do animal. Ao mesmo tempo, um pelotaço de barro ia ferir-lhe impetuosamente a maçã do rosto. Cego de dor, a nuca mergulhada na poeira, o estudante se pôs a espernear.

Imediatamente, saiu do mato, manquitolando nervosa, a figura grotesca da Teca. Ágil como nunca se mostrara, deixou o bodoque na

orla do caminho, e, alcançando Ricardo, cravou-lhe no flanco direito a lâmina pontiaguda de uma faca de cozinha.

Ricardo contraiu-se todo, em violento espasmo de dor. De sua garganta partiu um rugido agoniado.

E Teca, os olhos cheios de lágrimas, contrita, enlaçou-lhe a cabeça acariciando-lhe o ferimento do rosto.

Depois procurou os lábios de Ricardo para um beijo selvagem, brutal, onde pôs toda a sua ganância.

Quando o velho Pedro Matoso, ao trote de seu matungo, pôde avistar o pontilhão, Teca já galgava a subida, aos trombalhões, cascalhando risadas histéricas.

E, estendido na estrada, no esforço supremo do derradeiro estertor, o estudante murmurava, acenando ainda com a mão:

— "Caco de Gente... Caco... de... Gente..."

Zico

Ao sentir entre os dentes o freio puxado por vigorosos punhos, o cavalo estacou súbito diante da porteira, espumando nas ventas escancaradas pelo cansaço da corrida. Em seguida, prestamente pulou dos arreios um guapo rapaz de chapéu largo a proteger do sol o rosto esbraseado, onde dois olhinhos vivos se moviam de contínuo. Trazia nas mãos, além do chicote de couro, um minúsculo embrulho de papéis. De estatura avantajada, músculos rígidos e coradas faces, via-se bem que era uma potência de energia para qualquer trabalho. O traje era simples: botas de montar, que acusavam não muito má situação, esporas com largas rosetas, camisa de brim amarelo, própria para dispensar o paletó, aberta no peito, e sobretudo, aquele chapéu largo, complemento indispensável, e que lhe dava a nota mais característica de elegância sertaneja.

Apenas apeara, e já um luzidio cachorrinho, abanando a cauda, lhe vinha roçar as pernas, a dar ladridos de alegria. O moço, complacente, abaixou-se para lhe acariciar o dorso e disse:

— Saudades de mim, meu caro. Pudera! Desta vez eu não o deixei ir na minha companhia, hein?

E logo amarrou mal e mal o cabresto no palanque, atravessando com passo firme o terreiro, que preguiçosa mulatinha dificultosamente varria. Antes de poder alcançar a casa, veio-lhe ao encontro uma graciosa moçoila, que de longe já gritava:

— Então, Zico? Alguma carta para mim, hoje?

— Certamente, dona. Até duas, creio eu.

E, dizendo isto, entregou-lhe o pacote que tinha nas mãos.

— Muito obrigada, Zico. Você é um anjo. Hum! Que carta perfumada! Será que...

Não pôde terminar. Viva curiosidade, mesclada de intenso júbilo, fê-la voltar correndo e logo desaparecer no interior de um quarto.

Cumprida a obrigação, Zico deteve-se quedo e, para se distrair, começou a tilintar devagarinho com o chicote o lombo do cachorro, que, rosnando, continuava a lhe fazer festas.

Pouco depois, empertigado o corpo, dirigiu-se ao paiol, cantarolando uma trova sertaneja. Ao voltar, trazia nas mãos calejadas algumas espigas de milho e, sentado finalmente no único degrau da escada, dispôs-se a debulhá-las, atraindo para si uma multidão de galinhas em interessantes conluios. Enquanto isso, o sol que, na sua frente, ameaçava enterrar-se dentro em pouco na grota longínqua, induzia-o a meditar em silêncio.

Recordava quando, muitos anos antes, da direção do nascente, num domingo bonito como aquele, e também à tardinha, ele, simples garoto com um pequeno saco de roupas a tiracolo, viera bater à porta da fazenda pedindo serviço. E depois, pelo passar do tempo, e mercê de sua atividade e de zelo no trabalho, fora pouco a pouco captando a confiança e a amizade de seus protetores, até que, já homem feito, e homem correto e valoroso, era uma espécie de ajudante de ordens do patrão, que nele depositava os encargos de maior responsabilidade, considerando-o mais como pessoa de casa que empregado.

Por tudo isso, Zico julgava-se muito feliz, e nada tinha para queixar-se da sorte. Mas, coisa inexplicável, enquanto os revérberos solares gradativamente se iam enfraquecendo, o guapo rapaz, que tinha as mãos dadas e alegres com o destino, começou a sentir um esquisito mal-estar interior. O coração parecia pulsar de outro modo naquela tarde. Lá por dentro uma coisa diferente estava a remover-se daqui e dali. E ele, que nunca ficara assim entregue, mesmo depois dos mais árduos trabalhos, num fim de domingo haveria de sentir-se cansado?

— Oh! Não. — monologou, sorrindo. — Não pode ser, 'seu' Zico. Força a essa carcaça.

E sem mais demora foi buscar o "pinho", companheiro de sempre, amigo de confiança e confidente fiel, uma das coisas de que mais gostava. O violão, o doiradilho, o cachorrinho negriço, a amizade dos patrões, e, principalmente, a independência e retidão no proceder, constituíam o melhor de sua vida. Com isso tudo, o mundo podia vir abaixo que o não incomodaria. Trazia um mundo consigo.

De novo abancado no degrau da escada, começou o Zico a ferir as cordas do instrumento, e à meia voz ia entoando umas improvisadas quadrinhas, com o sentimentalismo tão profundamente característico do sertanejo brasileiro. Não sei por que, mas naquele dia elas saíam tão espontâneas e com tal tom de tristeza...

O dia desaparecera, e a luz viera clarear o corpo de Zico (que na calada da noite continuava a improvisar versinhos), projetando oblonga sombra, muito oblonga mesmo, no terreiro varrido, onde as galinhas não mais bicavam milho em interessantes conluios.

— Que é isso, Zico? Até que horas quer você ficar aí? A titia há pouco esteve a observar o cavalo arreado, o paiol aberto, e a casa toda a fechar. Vamos. Deixe essa tristeza e venha dar uma prosinha conosco, aqui na varanda — disse, assomando à porta a moçoila graciosa que recebera as cartas.

Obediente a todos os pedidos, Zico tratou de executar os serviços. Quando, porém, se foi deitar, não conseguiu conciliar o sono. A todo momento lhe vinha à memória aquela vozinha de meiguice: "Que é isso, Zico?". E sem querer, começou a pensar na sobrinha do patrão, que de São Paulo viera passar uma temporada na fazenda. Ela era tão boazinha... Tratava com tanta amabilidade todos os empregados, até os mais rudes... E, além disso, os seus olhos eram bonitos... bonitos...

E logo sacudiu a cabeça com energia, refletindo: "Que tem você com isso, 'seu' moço? Que ela seja ou não boa e bonita, não é da sua conta. Não meta o nariz onde não é chamado".

Mas qual! Por mais que tentasse varrer da cachola esse pensamento, não o conseguia. Era inútil. Ele teimava em aparecer. E teima-

va cada vez com maior veemência.

Assim passou parte da noite. De madrugadinha já, resolveu dar um fim àquilo. E perguntou a si mesmo: "Por que pensas assim, Zico?" Insensivelmente, teve de tirar a conclusão: gostava da sobrinha do fazendeiro, com todo o vigor, com toda a sinceridade que só os nossos sertanejos sabem ter. Gostava da sobrinha do fazendeiro... ele, um quase nada. Ela, moça instruída, educada no grande centro, e além do mais, como, sem o querer, pudera perceber pelas conversas, prestes a noivar na capital. Faltava só o consentimento do pai.

Ao ter certeza dessas conclusões, o pobre rapaz sentiu um calafrio no corpo todo. Não, não era possível! Que loucura!

Era no outro domingo. Como sempre, em traje domingueiro, fora à cidade buscar a correspondência. Ao voltar, cavalgando o doiradilho de ventas escancaradas, cheias de espuma, e acompanhado pelo cachorro de língua à mostra, estacou diante da porteira, desceu presto do cavalo, e, com passo firme, dispôs-se a atravessar o terreiro, que ainda desta vez preguiçosa mulatinha varria. Pouco depois, ali de fora, ouviu uns gritos de mal contido júbilo. É que, à graciosa moçoila, chegara finalmente a esperada notícia.

O sertanejo deteve-se quedo. Como na semana anterior, foi buscar umas espigas de milho, debulhando-as no chão.

Na sua frente o sol, mais vermelho que nunca, ameaçava submergir-se na grota longínqua. E continuava Zico a meditar em silêncio.

De repente, com a fisionomia contraída num decisivo, num supremo esforço de domínio e de energia, os olhos faiscantes e um enigmático sorriso nos lábios, levanta-se e olha em derredor. Sonda alguma coisa. Ali perto da escada estava uma cordinha. Toma-a. Amarra uma ponta na correia do cachorrinho e outra no palanque chantado próximo. Depois examina com desconfiança o ambiente. E quando, no longe do horizonte, o sol já escondera a metade do disco, salta destramente para cima dos arreios, dá um adeus abafado àquelas terras que lhe eram tão caras e chicoteia o animal com ardor.

Anoitecera. As galinhas haviam abandonado as espigas nuas, e a lua, bonita como os olhos da moçoila graciosa, não mais projetava no terreiro varrido uma alongada sombra do rapaz.

Junto ao palanque, o cachorrinho luzidio deixara de abanar a cauda em sinal de alegria e, compreendendo talvez aquilo tudo, encaramonara-se com as orelhas caídas e o corpo pegado ao chão.

Apenas, no grotão longínquo onde o sol se escondera, reboava o ronco de algum bugio perdido. No mesmo lado do poente, um cavaleiro, em desenfreado galope, pouco a pouco desaparecia para nunca mais voltar, anatematizando aquele sentimento que, pela primeira vez, tivera a força de lhe abater o ânimo sertanejo.

Desencanto de gente rústica

Para quem viesse lá das bandas do Laranjinha, com destino à ponta da estrada de ferro, a fazendola de Seu Euzébio das Neves representava um verdadeiro achado naquela zona quase desabitada do sertão paranaense.

Depois de cavalgar horas e horas, suportando o inferno da soleira danada, e vencendo quilômetros e mais quilômetros sem encontrar sequer um ranchinho de caboclo, o viageiro, por acostumado que fosse, não podia disfarçar nunca uma ruidosa manifestação de alegria ao ver repontar, no fundo azulado do Pico Agudo, o casarão branco onde morava o generoso Euzébio das Neves. E, pondo no "arre! Até que enfim!" usual todo o desabafo da cansativa, transpunha a porteira entoando mil "graças a Deus" à santa ideia do sertanejo pacato em estabelecer-se por aquelas alturas.

Muita razão tinham, na verdade, os caminhantes em desejar atingir, com tanto ardor, aquele ponto da estrada. Pois, a qualquer hora e em qualquer dia, a casa de Euzébio das Neves recebia a todos com a maior boa vontade, dispensando sempre uma cativante acolhida. Cama fofa para pouso, se preciso, mesa farta de pitéus simples, mas cheios de sabor e de sustância, palestra agradável, tudo isso era ali encontrado e cedido despretensiosamente a quem passasse.

Euzébio das Neves era mineiro de nascimento. E, vivendo embora, havia muitos anos, longe do Coroaci inesquecível, jamais perdera

aquele jeito hospitaleiro que distingue, que faz estima ao povo das Alterosas.

Sua fama, por isso, corria de boca em boca, naquele pedaço do nordeste paranaense. E era mesmo um gosto a gente aportar à fazendola onde o Seu Euzébio fazia a vida engordando porcos, revolvendo a terra e passava os dias rodeado pelo carinho da mulher e dos filhos.

Num sábado que fora cheio de sol e fora cheio de serviço (o sol já ia mergulhando atrás do Pico Agudo, e o serviço, lá pelas cinco horas fora posto de banda) — num sábado como qualquer outro, a porteira da frente gemeu preguiçosa para deixar passar um cavalo resfolegante e um guapo cavaleiro.

O cavaleiro era Lauzinho, filho do compadre Cornélio. E o cavalo era zaino do mesmo compadre Cornélio.

Esse Lauzinho não tinha mais que vinte e três anos. E acusava-se, logo à primeira vista, com o tipo do rapagão nascido e criado no sertão. O mundo, para ele, não precisava ir além da ponta da linha de ferro em Barra Bonita (embora, já uma vez, tivesse praticado a violência de chegar até Tomazina, a cabeça da comarca), podia-se resumir na menina de Seu Euzébio — a Maria Rosa — por causa de quem, todo sábado, depois do meio-dia, punha uma roupa melhor, encilhava o zaino, e enveredava pelas estradas ásperas, sob o sol bárbaro. Seu costume era pousar na fazendola do Euzébio, e só no domingo, de noitinha, retomar o caminho de casa, disposto às lidas da semana, e lavando no coração o alvoroço de uma grande saudade, e nos olhos a imagem sedutora da caboclinha querida.

Maria Rosa representava tudo para Lauzinho, que nunca se afeiçoara a outra moça, e, mesmo, não queria saber de outros amores. Uma vez que fora fazer compras em Barra Bonita, uma sirigaita qualquer, de vestidinho curto e beiços vermelhos, tentara, muito *sinsinhora*, namoricar o coitado do sertanejo. Lauzinho, porém, não quisera

saber de histórias. E quando, no sábado seguinte, foi visitar a Maria Rosa, achou-a mais amorável que nunca, na pureza sem par de seus dezoito anos, e no encanto inigualável de sua timidez inata.

Tudo para Lauzinho se resumia em Maria Rosa. Por causa dela vivia a mourejar, de sol a sol, em um promissor pedaço de chão. Por causa dela vinha, toda semana, nem que chovesse canivete, até o casarão branco do Euzébio das Neves gozar algumas horas de convívio com a deusinha de seus sonhos rústicos. E Maria Rosa bem que merecia tudo isso. Seus olhos eram tão bonitos... E seu amor parecia tão grande, tão do fundo do coração...

Naquele sábado Lauzinho chegara mais cedo que de costume. O sol só mostrava um pedaço de sua rodela vermelha, e as primeiras sombras da noite iam avançando, já longas e invencíveis, a leste do Pico Agudo, como que abençoando a faina árdua dos sertanejos valorosos.

Estivera percorrendo trechos do terreno de um compadre do pai, e, em compensação, trazia no peito mais floridas esperanças de logo conseguir o necessário para o casamento.

Maria Rosa recebeu-o com os mesmos olhos de sempre. Lauzinho não fazia nada por mal. Em nada, portanto, havia razão de zanga.

Um dia, as portas do casarão branco abriram-se para receber um tal de Dr. Ernesto, um engenheiro que andava estudando a região.

O trato do velho Euzébio cativou-o. E como tivesse de permanecer algum tempo naquelas bandas, aceitou a hospitalidade que lhe era oferecida.

— Mas, senhor Euzébio. Creio que o vou cansar com tanta amolação. O meu serviço é um pouco demorado...

— Que nada, seu doutor! A casa de caboclo pobre é rica de bondade. Tudo aqui é seu. Faz de conta que o Dr. Ernesto é agora de minha familhagem. Depois... O que é mais uma concha de feijão na

panela. Graças a Deus e a Nossa Senhora da Aparecida, as coisas vão melhorando...

— Fico-lhe muito grato, senhor Euzébio. Quando houver oportunidade, retribuirei seus favores.

— Nem é preciso, doutor. Nem é preciso.

O doutor não pôde ficar indiferente aos encantos caboclos de Maria Rosa. A sertanejinha, no atravessar dos seus dezoito anos banais, estava no auge da floração do sexo.

Beleza espontânea, beleza sem artifícios, beleza que surgira e se aprimorara aos raios de todos os sóis, à umidade de todas as chuvas, ao contato de todo o oxigênio puro do sertão, ao descanso de todas as noites longas e calmas, ao gozo de uma vida sem maiores sensações do que pular da cama às cinco, receber no dorso macio as águas da cachoeirinha, trabalhar numa coisa e noutra, esperar o sábado e a vinda do Lauzinho; beleza amiga da natureza e cheia de castidade, Maria Rosa não tinha conhecimentos das armas irresistíveis que possuía para incendiar o coração dos homens e prendê-los nas malhas das paixões perdidas.

Por isso, não levava a mal os olhares do engenheiro quando, de manhãzinha, lhe servia o café. Por isso, não via nas gentilezas extremadas mais do que uma gratidão ao bom acolhimento do pai.

Insone no leito fofo, o Dr. Ernesto revolvia-se, nervoso:

— Diabo de garota dinamite. E vá um pobre diabo ficar à vontade perto de um abismo destes.

No entanto, era preciso respeitar a casa do velho mineiro. Era preciso.

Certa vez — a vida gosta mesmo de jejuar com a gente, — certa vez, o engenheiro se viu a sós com Maria Rosa. O fogo do sol que lhe escaldara o sangue durante o dia, no meio do mato, deixara fagulhas nas veias. E disse da paixão que lhe andava no peito. E disse das seduções daquelas carnes magníficas. E disse da quebradeira que punha n'alma aquele olhar indefinível...

Maria Rosa, vermelhinha, vermelhinha, libertou as mãos e saiu correndo para o quarto, com o coração aos pulos. Viu-se em frente ao espelho de moldura feia que havia perto da cama da mãe. E só então começou a notar as linhas de seu corpo. E só então o sexo lhe bradou barbaramente do fundo das entranhas.

Quando Lauzinho apeou do cavalo, deu logo de frente com aquele rapaz de terno de casimira, bonito e passadinho, mal pôde disfarçar o enfado. Tinha um rancor invencível aos moços da cidade. Ainda mais no casarão branco do Seu Euzébio das Neves. Durante o domingo, causaram-lhe um aborrecimento imenso as maneiras gentis do doutor. E, pela primeira vez, voltou profundamente triste, montado no zaino do compadre Cornélio, e dentro da noite linda que as estrelas tornavam admirável com seu piscar malicioso.

No sábado seguinte, Lauzinho empurrou a porteira preguiçosa lá pelas quatro horas, quando o sol ainda estava impiedoso. Desencilhou o zaino, passou as costas da mão pela testa salpicada de suor, e ficou esperando a Maria Rosa, que ainda estava no córrego.

Quando chegou, ela lhe deu um cumprimento muito diverso do que ele estava acostumado a receber. A moçoila pareceu-lhe diferente, sem aquele olhar que demonstrava um amor muito sincero, muito do fundo do coração.

— Uai! Maria Rosa. Você parece que não 'tava com saudade da gente...

— Saudade? Como não? É que nem todo o dia tem pão quente. Não é toda a vez que eu posso estar aí, mostrando os dentes p'rocê...

O engenheiro vinha chegando. Maria Rosa correu para dentro. E voltou depois com um vestido bonito, com o cabelo muito penteadinho, e até (pareceu a Lauzinho), e até de pintura no rosto.

O domingo foi insuportável. O moço sertanejo tinha ímpetos de

esganar o tal Doutor Ernesto. Pois ele é que viera deixar indiferente a Maria Rosa, a deusinha de seus sonhos rústicos.

Ferido em seus brios, Lauzinho amarfanhou no coração o desejo de ser feliz um dia. E a sua despedida foi a coisa mais seca deste mundo. Tanto que saiu mais cedo do que de costume.

Quando a porteira gemeu preguiçosamente para deixar passar, pela última vez, um cavalo e um cavaleiro (o cavalo era o zaino do compadre Cornélio e o cavaleiro era o filho do mesmo compadre Cornélio) — o sol só mostrava um pedaço da rodela vermelha. E as primeiras sombras da noite iam avançando já, longas e invencíveis, a leste do Pico Agudo, como que amortalhando o desencanto que punha luto no coração do Lauzinho.

E o cavalo e o cavaleiro enveredaram pela estrada deserta, que leva p'ras bandas do Laranjinha, enquanto, lá no céu, as estrelas punham malícia no jeito de piscar...

ESPARSOS

Carnaval de camelô

Charleston nascera baiano e tivera no batismo um nome esquisito: José Perpétuo. Há muito, porém, que adotara aquele outro, dado pelo povo.

Charleston trazia na epiderme a cor das noites sem lua. Isto não impedia, entretanto, que soubesse ser atraente. E atraente sobretudo quando exibia, no riso cascalhante, aberto, permanente, a fila perfeita de seus dentes — uns dentes fortes, bonitos, muito alvos. Este particular é importante. Charleston não conhecia limites em sua jovialidade.

E se Vargas Vila — diante da extraordinária heroína de uma novela sua — atendeu ao "concurso do sangue" para explicar a maravilhosa "Flor del fango", definindo-lhe o avô como "insurreto nato" e fixando-lhe na mãe a "passividade atávica" e na raça a mescla de índio indômito com espanhol aventureiro —, se Vargas Vila acendeu na alma desta *hija del pueblo* o áspero fenômeno hereditário —, com muita propriedade poderia o psicólogo acusar em José Perpétuo o quinhão da ancestralidade.

Filho de uma exuberante quitandeira de São Salvador (perita em dengues de toda espécie, ao soar de qualquer zabumba, e motivo certo e famoso de muitas rixas fatais), amancebada com um guapo mulato da polícia — que nos arraias baianos sabia, como ninguém, impor a ordem aumentando a desordem —, Charleston trazia no sangue a incrível impetuosidade tropical. A ele, pouco se lhe dava existisse ou não o travo da raça — dessa raça que vivia amassando a nostalgia com

Publicado originalmente *Correio dos Ferroviários*. Curitiba, janeiro de 1936 (III,4).

lunduns desabusados e gargalhadas enormes.

Charleston não entrava em tais cogitações. Do mundo, só lhe apetecia o lado risonho. Nem sabia que um soluço, quando escorraçado da garganta, dilui-se por inteiro em todas as células e aí fica — mínimo —, insignificante, sim, mas vivo, perigosamente vivo, até o desforço inevitável.

Charleston, quando eu o conheci, tinha brilhado já em várias atividades honestas. Caixeiro na Bahia, porteiro de cabaré no Recife, praça de bombeiros em Minas, chofer de ônibus em Porto Alegre, ferroviário não sei onde — o negro José Perpétuo passara por tudo isso sem jamais desvirtuar o entusiasmo, sem nunca banir dos lábios aquele riso invencível.

Foi como camelô que ele aportou a Curitiba. E tais triunfos alcançou na nova carreira que, na minha opinião, Charleston nasceu pra ser camelô.

É um portento o negro!

Ninguém, como ele, sabe tanto atrair a gente, com o desembaraço de sua fala, com o acento incomparável de sua voz, a um tempo forte e melodiosa. Ninguém, como o filho da quitandeira dengosa e do mulato valente da Bahia, é capaz de atravessar a rua nos momentos de maior movimento, apregoando a liquidação final de uma casa de sedas, ou demonstrando a eficiência de tal ou qual recente produto.

Às vezes Charleston tem de fazer reclame de determinada firma comercial. Lá o vemos, então, coberto de acolchoados e cobertores,

mostrando apenas os olhos muito acesos e inquietos e a dentadura soberba.

Em outras, toca o momento das Casas Pernambucanas. E o negro surge travestido de mulher (saia de chita, tamancos barulhentos, brincos bamboleantes, pulseiras ordinárias), mergulhando as fazendas em uma bacia para demonstrar, à evidência, que as cores não desbotam.

Aconteceu, um dia, o inevitável. José Perpétuo procurou o vigário da catedral.

— Seu padre. Vim fazer um negócio com o senhor.

— Qual é, meu filho?

— O reverendo sabe que é a minha profissão?

— Sei. Por quê?

— Porque... Porque eu quero fazer propaganda dos sacramentos...

O vigário arregalou os olhos, apavorado.

— Propaganda dos sacramentos?!

Charleston ficou gozando a estupefação do outro.

— Mas isto é incrível!

— Não há nada de incrível.

E explicou:

— O que eu quero, padre Estêvão, é me casar na semana que vem.

O vigário compreendeu a manha do preto. E voltou à pachorra anterior.

Tudo combinado, o camelô despediu-se. Na porta ainda se lembrou.

— Olha. Se a coisa for boa, vou fazer reclame dos sacramentos na rua, hein?

— !!

— Não se assuste, padre. Eu não cobro nada, não.

Casou-se de verdade.

Meses depois, era pai. Bem me lembro, agora, com que orgulho, nas conversas do Café Colares, Charleston me contava as graças do pequerrucho.

— É um encanto, seu doutor. Acredite. É um encanto...

Veio o carnaval. A cidade acordou ao toque mágico da folia. Espraiou-se, nas ruas, o desvario coletivo.

Dias antes, passara Charleston a fazer propaganda dos produtos carnavalescos. Supus que, dentro de si, restava apenas lugar para o "Vlan" e o "Rodo", a serpentina e o confete, tal era a compenetração sua em apontar as superioridades de uma ou outra marca.

No segundo dia, percebi que o camelô trazia os olhos fundos.

— Ressaca braba! (pensei)

O preto, porém, não mais parecia o mesmo. Perdera o entusiasmo contagiante da véspera. Quando nos cruzamos, ele vinha atravessando a multidão, em silêncio.

— O que é isso, Charleston? Cansado, já?

O preto levou um susto.

— Ah!

Empinou o busto, meio encabulado.

— Não. Qu'esperança!

E continuou o pregão gracioso:

— Foliões de todas as pátrias! O Rodo metálico apresenta-se...

No último dia, o corso atingiu o auge. A Rua Quinze era um só aglomerado de doidos.

Charleston apontou na esquina, cara lambuzada, carapinha borrada de confetes, dois enormes tubos na mão.

— Foliões de todas as pátrias...

Súbito, parou, ferido de mau pressentimento.

Voltou os passos. O bonde não tardou. Estava atopetado o veículo! E o pessoal fazia uma algazarra dos demônios.

Charleston foi recebido com estrépito. Caiu-lhe na cabeça uma chuva de confetes.

— Alô, negro! Negrinho do coração!...

Não respondeu. Queria só que o bonde caminhasse depressa. Qual nada! O movimento desusado a cada instante obrigava o motorneiro a trancar a manivela...

Um popular imitou-o em falsete:

— Foliões de todas as pátrias...

Ficou tonto com as gargalhadas intempestivas. Contraiu o rosto, angustiado.

Chegou, por fim, a sua vez. Desceu.

— Arre!

Enveredou, correndo, por uma viela malcuidada.

Alcançou a moradia em quatro minutos.

Estacou na porta, com o coração aos pulos.

— Maria!

A mulher, ouvindo a voz tão sua conhecida, aumentou o pranto.

Charleston avançou num ímpeto. E caiu soluçando sobre o catre.

O confete de sua carapinha começou então a sujar o rosto frio do garoto.

Família

| I |

Minha rica mulherzinha, que atende por este nome impossível: Eglantina Exupério Leão (na intimidade eu a chamo de Eglezinha. Nesse passo, ela se põe integralmente derretida...), é um amor de esposa. Não que a Eglantina seja dessas beldades afrodisíacas. Não são fatais os olhos seus, nem nunca o foram, em tempo algum. Seu sorriso não chega a criar pecados no cérebro dos franciscanos menos austeros. Seu corpo jamais executou, com perfeição, a sinfonia das curvas. Em predicados sinfônicos, até, minha rica mulherzinha não vai além do dueto do busto (um dueto, aliás, não muito forte, como convém às mulheres honestas... O rosto sequer serve a sugerir longas fermatas a decadentes tenores napolitanos). Não, meus senhores. A Eglantina não é mulher que justifique, pela presença, a imensa asneira do casamento. E se eu — cidadão atacado de *spleen*, em pleno despertar dos trinta anos; eu, que não hei feito outra coisa senão torturar-me à procura da perfeição na forma e no ritmo, através de esculturas que fizeram meu renome de artista genuíno; eu — implacável no detalhe de um músculo, incansável no acabamento das expressões fugidias; se eu, apesar de tudo, recebi no altar, com todas as exigências sacramentais, a pessoa de Eglantina Exupério Leão, é porque encontrei na Eglezinha (ela se põe integralmente derretida, neste passo...) um predicado, comuníssimo nas mulheres, é bem verdade, mas não com a intensidade presente em minha esposa: a ignorância.

Publicado originalmente em *O Dia*, Curitiba, 01/02/1936.

Eglantina, meus prezados amigos, é oceanicamente ignorante. Eglantina mal sabe assinar o nome, lê com extrema dificuldade, tropeçando, indagando, soletrando, e surpreende qualquer pessoa com o desconhecimento absoluto, absolutíssimo, que tem das coisas deste mundo.

Eglantina é um amor de esposa. Por isso eu a tornei como modelo à obra-prima que me incumbe realizar na escultura antes de morrer.

| II |

Minha sogra (que tem um nome farmacológico, assaz parecido com o de minha esposa: Ergotina) é o ideal das sogras, Dona Ergotina é muda. Dona Ergotina Exupério é completamente muda. E talvez fique surda no próximo ano, segundo prometeu o físico (especialista em otologia) que a examinou.

| III |

Minha cunhada mais velha é digna irmã de Eglantina e digna filha de Ergotina. Não aprendeu em tempo a sinfonia das curvas (um adepto de Schubert diria que ela é uma sinfonia inacabada. Mas eu não digo. Não digo porque acho muito besta essa piada).

| IV |

A cunhada número dois (eu tenho uma coleção delas) é flor que cresce em um monturo. Eis que sua beleza alucina todos os moçoilos válidos do bairro. Por causa dela, só por causa dela, a Assistência trabalhou onze vezes na rua dos Pássaros. Isto sugeriu a um vizinho

— futebolista inveterado, torcedor do Vasco e muito crente de ser homem de espírito —, a constituição de um time: o time dos suicídios. Cuido que a ideia vingou. Se não vingou por completo, permitiu ao menos um novo bloco carnavalesco na rua dos Pássaros. O que é um grande acontecimento.

| V |

A terceira irmã de Eglantina é metida a moderna. Vê, nos cinemas, as donzelas americanas morando em apartamentos, correndo nos automóveis dos amiguinhos, tomando *whisky* (*cocktail*), "abrideiras" etc., e quer agir como as donzelas de Tio Sam. Eu acho isso ridículo. Acho que a irmã de Eglantina tem sobre os ombros várias toneladas de preconceitos e sobre si pesa a cretinice de várias gerações anônimas. Ela quer ser moderna, quer ser sabida. Mas não consegue ser outra coisa que não uma recalcada.

| VI |

O outro membro da família não é mulher. É homem. Tem uma vintena de anos. E, como a maioria dos rapazes da cidade, leu, por descuido, uns vagos livros de sociologia, tomou umas vagas noções de economia ou direito e já se propôs a salvar o Brasil. Imaginem que ele quer, à viva força, tirar o país do caos. Fala mal da liberdade-democracia, chama o Sr. Vargas de nomes muito feios, diz não compreender o metafísico Sr. Gustavo (o tal do Ministério da Cultura), afirma, com o grito de quem descobriu a pólvora ou encontrou um novo continente, que o Brasil é uma colônia de banqueiros. E anda por aí, levantando o braço em saudações obscenas.

| VII |

O membro número cinco também quer salvar o Brasil. Faz, porém, o gesto oposto do irmão (afinal de contas, tudo vai dar numa questão de gestos). E andou, até bem pouco, pichando as paredes, defendendo um capitão sem compostura (um capitão Luís Carlos Prestes que não tem sequer o talento do poeta do mesmo nome), escrevendo em jornais sem conceito, berrando em comícios terroristas. Hoje, o membro número cinco não pode mais salvar o Brasil (o que deploro...). E sem ser qualquer Marquesa de Santos, está passando uma temporada sobre o Pedro I... Dessa temporada poderá advir não uma duquesinha de Goiás, mas um libelo contra os opressores de consciências...

| VIII |

Neste ponto, o garoto que Eglantina me deu: Eutrópio (reminiscência dos meus estudos de latim), entra no escritório. Lê essas coisas que eu ando escrevendo e diz, com a liberdade que caracteriza as crianças hodiernas:

— Papai. Tu és uma besta, não achas?

Então eu compreendo que a Eglantina deu um gênio à família. Eis que o meu filho Eutrópio tem a intuição profunda das coisas...

Dois homens feios conversam

Os dois homens feios desembocaram na Cinelândia. Tinham saído de uma redação de jornal, onde foram encher com as garatujas quotidianas uns tristes linguados anônimos.

Espiaram as grandes luzes da cidade, subindo, impressionando. Escutaram os conhecidos ruídos da metrópole, confundindo-se, apagando-se.

— Que horas são?

— Dez e meia.

— Vamos ver os cartazes deste cinema?

— Vamos.

— Olhe aqui a Kay Francis. Que tal acha essa morena?

— Notável... pelo menos no cartaz.

— Eu gosto das artistas de cinema precisamente porque elas guardam o sortilégio da distância. A distância sabe dar a todas as coisas um encanto muito maior, um legítimo sortilégio invencível.

— A distância aumenta o valor somente daquilo que já se conheceu ou se sentiu um dia. Ora, você nunca sentiu de perto a Kay Francis. Logo, você não pode acreditá-la mais bonita apenas porque essa dama está longe de nós.

— É um engano seu. A gente pode perfeitamente sentir (ora mais

Publicado originalmente em *O Dia*. Curitiba, 16/05/1936. Republicado na revista *Fon-fon*. Rio de Janeiro, 16/01/1937.

intensamente, ora menos intensamente) uma beleza que nossos sentidos não tocaram em tempo algum. Comigo até se dá um fenômeno interessante. Às vezes, eu chego a recompor, dentro de mim, com absoluta perfeição, uma sensação que eu jamais experimentei.

— Isso é fantasmagoria...

— Não é fantasmagoria, não. Eu o faço em plena consciência.

(O outro ficou sorrindo, incrédulo).

— Você pode sorrir à vontade. Mas ouça o seguinte: nós, os que estudamos medicina, quando nos propomos completar o exame do sistema nervoso do paciente, depois de pesquisar o sinal de Kernig, o de Romberg etc., passamos à estereognose...

— Estereognose?

— É a noção do relevo. O sentido estereognótico é o sentido do relevo.

— Mas... o que tem isso a ver com a nossa conversa?

— Apenas isto. Eu apresento aquilo que se poderia chamar, com o competente pedantismo acadêmico: hiperforça na estereognose psíquica.

— Não entendi patavina.

— Eu quis dizer que sou capaz de conhecer um relevo íntimo sem ter sentido jamais o objeto desse relevo.

— *Per Baccho*! Mudemos de assunto. A conversa está se complicando demais.

Então os dois homens feios perceberam que tinham deixado a Cinelândia para trás e que estavam já no extremo da praça Paris.

— Você não acha que eu converso demais?

— Isso não é um bom predicado.

— Sinto uma necessidade permanente de dar forma ao pensa-

mento. E, quando suspendo a conversa ou a leitura, imediatamente me ponho a escrever. Garanto que hoje, antes de dormir, ainda escreverei qualquer coisa...

— Porque o ato de escrever é o jeito que o homem tem de conversar consigo mesmo!

— Meu caro, tal como o mendigo de *Deus lhe pague*, eu tenho uma enorme pena dos mudos. Dos mudos e dos analfabetos...

E a conversa rolou pela noite adentro. Rolou, rolou.

A orgia de luz continuava. E diminuía o ruído da cidade, pouco a pouco.

O mar, o velho mar amigo, investia sem descanso na murada impassível da praça Paris.

Os reclames luminosos davam sua festa noturna nas escarpas dos morros. E automóveis deslizavam no asfalto, levando para os cassinos, ou para as alcovas, lindos corpos perfumados em que se afogariam ânsias poderosas...

E os cabelos dos dois homens feios faziam cambalhotas incríveis sob o vento que vinha do mar...

Noite quente, noite quieta, da cidade inútil

Noite quente, noite boa, caminhando no silêncio, desaparecendo num céu forrado de estrelinhas piscantes, inumeráveis, longínquas.

Noite quente gostosa, na cidade sem personalidade, de casas fechadas, de ruas penumbrentas, sem vira-latas melancólicos nem boêmios incorrigíveis.

Noite quente, noite quieta, noite gostosa. Na cidade inútil, na cidade triste, na cidade decadente...

Juquita acorda assustado, perseguido pelos mesmos sonhos ruins.

Escuta o relógio, que é medroso e bate duas vezes, e o pai roncando num sono de felicidade profunda.

Fica de barriga pra cima. Mas o sexo não descansa. Porque despeja na consciência, sem parar, as imagens da Estela peituda. Imagens fugidias, sujas, intensamente sujas.

Vira pro lado direito. É pior. A coisa aumenta.

Aperta os olhos pra chamar o sono. Aperta bem. Mas o sono não vem. O que vem é um barulhinho esquisito, indefinido. Presta aten-

Publicado originalmente em *O Dia*. Curitiba, 22/07/1936.

ção. O barulhinho aumenta, se distingue. É um estralejamento, a modo de graveto se queimando.

O medo toma conto do corpo. O corpo treme inteirinho. E os dentes fazem coro.

— Minha Nossa Senhora!

Deita-se de bruços. E reza baixinho:

— Padre nosso que estais no céu...

Nem chega ao "venha a nós o vosso reino", porque o estralejamento fica forte de repente. Bota-se de pé. Foge pra sala. E sente um cheiro. Um cheiro de queimado.

Pelas frinchas da janela da sala percebe uma claridade que vem de fora. E treme. Treme apavorado.

Adelaide é que acorda. Fala meio inconsciente.

— Jesus!

Acende a luz. O filho se joga chorando no quarto grande.

— Menino!

— Ali! É ali!

Henrique desperta, estremunhado. E se espanta logo com a barulheira.

Corre à janela amarfanhando a camisola meio encardida. E o rosto se lhe ilumina com o clarão medonho.

Fica estatelado. A cabeça se desgoverna, no pasmo imenso. Sobe um calor nos olhos. "Sente" que é preciso fazer qualquer coisa. Mas não consegue "pensar" nada.

Quando toma conta de si, a casa é um só reboliço, uma gritaria desenfreada. A casa e a vizinhança. Que a vizinhança também era uma única emoção e estava toda ali reunida.

Tenta-se desesperadamente qualquer salvação. Inútil.

Encontraria material excelente o fogo. Por isso o fogo fica lambendo tudo, vitorioso, impressionante.

Arde todinho o paiol. Por sorte ele se construíra isolado, na margem da grota. Se não, nunca que teria fim o desastre.

Clareada pela chama se extinguindo, alheia ao pandemônio sem altura, a figura de Henrique se recorta, trágica, no fundo da noite morna.

Camisolão amarrotado, cabelos desfeitos, fundas rugas se acentuando na cara descarnada, o velho caminha de um lado a outro, rondando, rondando a ruína de seus fardos, recolhendo, recolhendo a cinza de seu grande sonho inútil.

O riachinho do fundo da grota reflete uns últimos clarões perdidos. Mas o riachinho do fundo da grota não é muito certo. Porque riachinho confunde a luz do paiol com a luz das estrelas piscantes, inumeráveis, longínquas. Das estrelas que se multiplicam na noite quente, na noite longa da cidade inútil, da cidade triste...

Capítulo das vozes noturnas

Largado no banco do jardim, meio escondido na sombra da palmeirinha, Boito percebe o ruído que vem de pertinho.

A luz que sai da sala caminha no terraço, insinua-se pelo gradil, vai projetar-se, mansa, no canteiro bem desenhado. E morre de supetão. Morre onde começa o rastilho do luar. Do luar que está cobrindo a cidade.

Raras vozes na sala. O mudinho limpando as mesas. Um som de talheres crescendo na velha cozinha.

Sai o tenente, mais a mulher. O tenente gasta uma pose. Pose de marechal.

Boito se assusta.

— Será ela?

Curva-se um pouco.

— É mesmo.

Dulce nem olha pros lados.

— Psiu!

— Ah! Você? Não tinha visto...

— Eu sou o homem invisível.

Publicado originalmente em *O Dia*. Curitiba, 21/10/1936.

(E a inflexão de Boito é forçada, cheia de intenções).

— Lembra-se da fita? A cabeça enrolada, o nariz escondido assim... as orelhas, o queixo, tudo igual.

— Deixe de histórias, viu?

— Não são histórias, filha. São fatos.

— Que nada! Tirando os panos, vai ficar como era antes.

— O que era antes? Pobre de mim...

(Ela corta o assunto).

— Bem. Chega de tristezas.

(Muda o tom de voz).

— Como vão as meninas?

— Parece que estão vivas.

— Então vamos entrar? Aqui você se resfria.

— Não tem importância.

(Há uma pausa difícil).

— Por que não veio a Dorita?

— Por nada. A coitadinha está muito aborrecida. Ficou chorando no quarto. Ela quer ir à festa na casa do Crespo.

— E não vai?

— Falta de companhia.

— E você?

— Eu?

— Sim. Por minha causa não se prenda. Nem somos noivos ainda. Faça o que quiser. Divirta-se.

— Não fica bem.

— Fica bem, sim senhora. Pra desgraças chegam as minhas.

— Que exagero, Boito!

— É isso mesmo. Vá. Divirta-se. O que é que tem?

— Prefiro não ir.

— Bobagem. Por minha causa não se prenda. Afinal de contas, que culpa tem a Dorita de minhas loucuras? Nenhuma. Vão à festa do Crespo. E divirtam-se. Até o fim.

Dulce não sabe o que dizer. Para falar a verdade, é bem grande o desejo de ir.

— E... Se eu for, você não zanga?

— Claro que não.

— Prometo me comportar.

— Não precisa prometer.

— E sair bem cedo. Só pra contentar a Dorita, que gosta tanto dessas coisas, você sabe.

Desaparece a moça na esquina e Boito sobe ao quarto.

Fica ali na janela um tempão.

Quando vê, o relógio da Prefeitura está batendo onze vezes.

Deserta a rua.

Chegam de longe, vez ou outra, sons perdidos, indistintos. São bailes principiando. Grandes farras que começam.

E a noite fria, fria, insinuando aconchegos misteriosos.

Damião passeia no quarto do lado. Tosse duas vezes a tossezinha desconsolada de todas as horas.

A mocinha triste de seu Valério está sozinha na sala. E não para de olhar a lua. Busca o violino. E se põe a tocar uma velha melodia. Velha, mansa, triste. Um noturno. O mesmo que a Carmita toca de vez em quando. Mas a mana Carmita não atinge nunca a surdina da mocinha de defronte. Porque a mocinha de defronte é que sabe escutar as fundas vozes ansiadas.

Lá embaixo, na calçada, passa um garoto de casaco esfarrapado. Segura a cestinha. E grita pra rua deserta:

— Mendoim torradinho... Quentinho, quentiiiinho...

O violino não descansa. A música fica mais angustiada. É um soluço feito harmonia.

Já vai distante o garoto do casaco esfarrapado. Oferece outra vez a sua mercadoria. E, no esforço medonho de encontrar freguês, o pregão morre, na noite quieta, longe, longe.

— Mendoim torradinho... Quentinho, quentiiiinho...

Simples diálogo

— Vai bater.

— Não bate.

— Vai, sim.

— Não vai.

— Aposto.

— Quanto quiser.

— Um cafezinho...

— É pouco.

— Dois chopps.

— Sofro do fígado.

— Cinema?

— Não gosto.

— Então proponha.

— Já propus quantas vezes!

— Isso que você quer é impossível.

— Não há nada impossível quando se está diante da mais linda mulher...

— Velhíssimo galanteio, meu caro...

— Mas muito exato. As palavras sinceras não envelhecem.

— Mas ficam fora de moda. Mais depressa que os vestidos...

— Nesse caso, desisto.

— Medo?

— Cansaço...

Publicado originalmente na revista *Fon-fon*. Rio de Janeiro, 19/12/1935.

— Por Deus! Um Romeu desanimado é a criatura mais ridícula do mundo.

— Confesso então que é medo.

— De perder?

— Ou talvez de ganhar.

— !

— Vai bater.

— Não vai.

— Espere e verá.

Esperaram. Ela ganhou. O rastilho de luz acabou mesmo alcançando o velho parapeito sem história...

O puritano

Naquela hora calmosa do dia, necessitava-se de muita energia para não permitir no organismo o domínio da lassidão. O aspecto marasmático da vila, de ruas sujas e desabaladas; a tepidez do vento que, depois de marombar malucamente pelos ares, vinha provocar mais exsudação pelos poros umedecidos; a monotonia estrídula das cigarras, fazendo com seu canto a apologia da sesta; o rio das Cinzas, espraiando com preguiçosa lentidão as pequenas ondas que os peixes provocam, pulando; o rechinar constante de algum carro de bois, arrastado pachorrentamente pelas estradas cheias de pedregulhos fuzilantes ao sol ardente; tudo, enfim, servia para derramar indolência ao redor da gente.

Rara a pessoa que saía de casa, ou rejeitava qualquer sombra amena. Ninguém, por vontade própria, se dispunha a afrontar o mormaço horroroso. Só faziam o sacrifício os que, por dever de ofício, tinham de andar mesmo pelas ruas. Exemplo vivo desses indivíduos-mártires era o Gumercindo Carroceiro que, naquele momento, chicoteava furiosamente o ar e descia a rua grande, frouxando as rédeas em um alarido de mil demônios.

Ao chegar em frente a uma casa que trazia nas paredes caiadas os seguintes dizeres:

CASA ADRIANO
Armazém de secos e molhados

Publicado originalmente no *Correio dos Ferroviários*. Curitiba, maio de 1934.

Sofreou os animais. Desceu estrepitosamente. Ao transpor a porta, porém, fechou a carranca. É que, atrás do balcão, Adriano ressonava, deliciosamente despreocupado, com a cabeça metida entre os braços.

Gumercindo tossiu grosso. Mas o negociante continuou dormindo.

Gumercindo cruzou os braços, sacudindo a cabeça. Estalou o chicote no ar e nada de o outro se mexer.

Gumercindo cruzou os braços novamente. Franziu a testa salpicada de bolhazinha de suor. Nem isso adiantou. Continuava na mesma aquela soneca beatífica.

Gumercindo, impaciente, gritou:

— Seu Adriano! Ô, seu Adriano!

O negociante, pouco a pouco, foi abrindo os olhos, levantando a cabeça, esticando os braços, até culminar em um espreguiçamento total e escandaloso.

Braços cruzados, o carroceiro contemplava inflexível o despertar daquele primata que sabia as quatro operações e era vendedor de secos e molhados nas plagas tomazinenses. E quando Adriano, depois de esfregadela nas pálpebras e escancaramento da boca em medonho bocejo, sacudiu o corpo todo para espantar a moleza, Gumercindo repreendeu:

— Onde já se viu essa pasmaceira, seu Adriano? Você não tem filhos pra dar de comer?

Vendo que o vendeiro não se importava com a descompostura gratuita, soliloquou com ares de profeta e filósofo:

— Deus pôs o homem no mundo pra trabalhar. E o mesmo Deus pedirá contas um dia aos preguiçosos. Ah! Isso pedirá. E eu quero ter o gosto de ver todos os tomazinenses bem no fundo do inferno, para castigo de tanta vagabundagem.

Adriano interrompeu o monólogo do carroceiro.

— Gumercindo. Trouxe minhas coisas?

— Como não? Eu lá perco tempo como vocês?

E começou a transportar, da carroça para o fundo do armazém, algumas sacas de açúcar. Pronto o serviço, desabafou:

— Eta, calorão! Se eu não fosse um trabalhador, até que ia tirar agora uma soneca...

Adriano nem sorriu. Encheu, apenas, dois copos de cachaça.

— Um traguinho, Gumercindo, em sua honra.

O carroceiro arqueou o busto para trás, espalmando as mãos em frente ao peito, em um gesto de recusa altiva.

— Quem? Eu? Tomar pinga? Era só o que faltava.

Adriano não se incomodou. Ingeriu, gostosamente, o líquido.

— Se você soubesse o quanto isto é bom...

Gumercindo fez como quem acede:

— Vá lá. Pra não fazer desfeita...

E esvaziou o copo num trago.

Gumercindo resolveu sentar-se. Conversou duas ou três coisas. E, em menos de dez minutos, escarrapachava-se na cadeira, na dormida mais bizarra deste mundo: — os braços largados, a cabeça encostada no balcão, a boca aberta, o busto subindo e descendo a cada movimento respiratório.

Quando Adriano o acordou, Gumercindo se pôs de pé, estremunhado.

E gaguejou desenxabido:

— Uai! Não vê que quase dormi, mesmo?

Saiu do negócio. Gripou lépido na carroça. E chicoteou os cavalos.

No virar a segunda esquina, fez alto.

— Boas tardes, seus Moisés. Hoje não veio nada pro senhor.

O fleumático sírio, tamborilando os dedos no balcão, nem tirou o cachimbo da boca:

— Eu não estava esperando, mesmo...

Passou nesse instante, pela calçada, uma senhora muito bem-vestida, deixando após si um rasto de perfumes caros.

Gumercindo franziu o sobrecenho:

— Tá aí uma coisa que não me entra. De jeito nenhum. Então, porque o seu Tancredo perdeu a vergonha, as mulheres honestas de Tomazina têm de aguentar uma criatura dessa laia? Que desaforo, minha Nossa Senhora!

(Seu Tancredo era o maior magnata do lugar. Capelista, major da Guarda Nacional, presidente do diretório, vice-dito do arrebentado Tiro de Guerra, acionista forte do "Banco Popular e Agrícola Norte do Paraná" etc., etc., tudo, afinal de contas. O seu Tancredo enviuvara, já. E logo após a morte da boa da Dona Cotinha, deu pra ficar sirigaita, apesar de todos os conselhos da parentela. Uma das suas loucuras: certo dia fez uma viagem. Mas não voltou sozinho. Veio acompanhado de uma tal de Jovita, a quem presenteou com uma casa muito bem mobilhada. E daí por diante... nem é bom falar sobre a série de escândalos).

— Ah! Seu Moisés. O senhor vai ser testemunha de um juramento meu.

E Gumercindo deu sua "palavra de honra" que não sufragaria o major nas eleições próximas.

— Que esperança! Então um homem sem compostura merece alguma coisa em política?

A conversa recaiu depois sobre Jovita.

— Ela até que é bem parecida. Mas é muito semostradeira. Vive lambeteando até no jeito de andar. Perto de mim é que essa coisinha à toa não chega. Sou capaz de lhe dar na cara. Porque eu tenho uma birra de gente espoleta...

Moisés, pito dependurado, silencioso, ouviu toda aquela lenga-lenga.

O carroceiro resolveu mudar de assunto.

— Sabe de uma coisa, seu Moisés? Trabalhei hoje como nunca. Também daqui a pouco vou tocando a carroça pra fazenda do Quim, e me divertir um pouco.

E como o sírio, pela primeira vez, tirasse o cachimbo dos lábios, o carroceiro viu nisso uma pergunta. E ajuntou:

— Então não sabe? A menina do Quim casa-se hoje. O pessoal já foi pra lá cedo. Todo o mundo vai jantar com a noiva.

Chegou-se à porta. Arrebitou o nariz:

— Já refrescou bastante. Tá na hora de ir andando.

Mas não saiu do negócio do Moisés. O Tancredo entrara nesse momento, esbaforido.

— Olá, Gumercindo, é verdade que você vai até a casa do Quim?

— É, sim, respondeu o outro, repuxando os lábios.

— Pois deu na telha da Jovita — (Gumercindo, ao ouvir este nome, fechou a carranca) — ir à festa e...

Não terminou. Jovita transpôs a porta, toda meneios no corpo e chiados na fala.

— Tancredo. Já fiquei resolvida. Vou de carroça, mesmo.

— Não, protestou o major. E os solavancos? E a poeira? Não pode ser. O Gumercindo vai dizer ao Neco que venha já com o automóvel.

— Não. Eu *quero* (e Jovita frisou bem o verbo), eu *quero* ir de carroça com ele.

Desmanchou-se, como por encanto, a carranca de Gumercindo. E foi todo meloso, curvado em escandaloso salamaleque, que proferiu:

— Oh! Pois não. Eu posso até forrar a tábua com um pelego macio.

Minutos depois, a carroça deslizava na estrada, sob os cuidados extraordinários do Gumercindo. E a seu lado, muito sim senhora, Jovita o envolvia em um círculo de perfumes caros.

Na rua, sozinho, Tancredo sacudia a cabeça:

— Estas mulheres têm cada uma. Trocar uma carroça por um automóvel. *Por um automóvel!*

E atrás do balcão, filosofava o Moisés, amassando com a polpa do polegar o fumo do cachimbo:

— Este Gumercindo Carroceiro...

Sonho verde

Ao penetrar na mata opulenta, a estrada se transformava sem matizes em simples filete de solo, onde a vegetação não se desenvolvia pelo pisar e repisar contínuo dos colonos que, no trote inalterável dos cavalos, iam ou à vila fazer compras, ou à casa de Oscar de Oliveira — cuja fazenda os caboclos, por pilhéria ou por espírito de simplificação, denominavam "a fazenda do Nhô Ó".

Também, era só no trilho que faltavam os rebentos do solo exuberante. De um lado e doutro surgiam caules dos mais variados aspectos — transformando-se para cima naquela disposição confusa de ramos robustos, de galhos menos viçosos, de esgalhos tenros (que por vezes silhuetavam sobre o caminho estreito uma abóbada rendada, por onde o sol conseguia filtrar-se nas tardes ardentes), e resolvendo-se abaixo da superfície em um emaranhado de raízes profundas, abundantes em seiva.

O porte das plantas comumente não atingia grandes proporções. O que, porém, elas perdiam em tamanho recuperavam em abundância, dispondo-se tão próximas que, sem exagero, o passante poderia supor a existência de um só tronco a perfurar avidamente a terra para nutrir toda aquela aglomeração de organismos famintos.

O riacho, muito tacitamente, esgueirava-se por aqui, por ali, até atingir a estrada, continuando a arrastar-se depois sobre o leito humilde e sinuoso.

Do solo, a umidade parecia elevar-se em emanações sensíveis.

Publicado originalmente em *O Dia*. Curitiba, 01/07/1933.

Também, onde só penetrava uma amostra de sol (como diziam os caboclos), e assim mesmo só depois do meio-dia, não se poderia esperar outra coisa. Não era como nos lugares descampados, onde os raios ardentes se casavam com o bafo tépido da terra ressequida.

De repente, ainda desta vez sem matizes preliminares, a estradinha abria-se em um claro espaçoso, desnorteante, indesejável, para não mais retornar à semiescuridão de outra mata silenciosa e fértil.

E ali, próxima à boca do caminho, uma habitação rústica erguia-se, insulada pela cerca baixa, de ripas paralelas.

Àquela hora parecia estar deserta, apesar das duas janelas, abertas com discrição, montarem guarda, uma de cada lado, à porta escancarada.

No terreiro, onde emergia atrás da casa o vulto esguio e nu da palmeira, só uma galinha, que não quisera procurar alimento mais para longe, ciscava o chão.

Por fim, violando aquela paz admirável, ecoa tênue uma vozinha de mulher. E sem muita demora, sai da mata uma figura delicada de cabocla que, ao surgir dentre as árvores, sente dilatar-se na clareira do terreno a cançoneta bucólica que trauteava com indolência.

— Arre! (exclama quando vê a casinhola modesta) que a minha cabeça não é de ferro.

E passa a carregar a vasilha na mão. Entra na cozinha desassoalhada. Despeja meia caneca d'água na panela de feijão. Olha ligeiramente os outros cozimentos. Depois volta. Mas sem cantarolar mais. Enxuga as mãos no vestido, feito de chita salpicada de bolinhas verdes. Atira os cabelos fartos e desalinhados para trás. E vai recostar-se no moirão da cerca, destinado à articulação do portão.

Descalça, os braços completamente nus, o colo, muito alvo, negligentemente descoberto em parte, e um cinto sem luxo ressaltando as formas jovens, Tinoca, na posição em que ficara, era bem um enfeite à paisagem que a rodeava.

O vento, soprando às vezes com um pouco de energia, fazia flu-

tuar-lhe os cabelos longos para, desordenadamente, os atirar depois, como em desmaio, no dorso macio, e imprimia-lhe dobras graciosas nas vestes. Ela, então, sorrindo, uma vez ou outra, apertava com as mãos abertas, por pudicícia pueril, a saia rebelde que queria enrolar-se-lhe nas pernas.

— O Luís eu sei que só pode voltar de noite. Mas o pai... Há que tempo já aprontei a janta!

A cabocla, ensimesmando-se naquela atitude singela, estende os olhos negros pela verdura simétrica do cafezal imenso, sem parecer avistar os pés de milho, muito flavos, que, plantados no entremeio, lhe ressaltam o paralelismo caprichoso.

Lá em cima as baitacas, em colmeiação instantânea, verdejam por um momento o firmamento e, quais matracas aladas, enchem o ar com a desagradabilíssima voz.

E Tinoca pensa.

Pensa naquela sua vida solitária, passada entre dois homens, o pai e o irmão, que quase só apareciam em casa para comer e dormir.

Liberta depois o anseio incaracterístico, o prurido ingênuo de qualquer coisa vaga, que ela não sabia explicar ainda e que fosse como um raio de sol a brincar, muito ardente, na mata querida, sobre verde folhinha.

Por fim, ruborizada de leve a face morena, deixa talhar-se no coração palpitante a figura máscula e simpática do Jovino.

— O Jovino... Há quatro meses que está lá na cidade, servindo no exército... Mas o Jovino voltará logo. Ele me disse, antes de partir, na festa de São Sebastião. Quando ele voltar... Ninguém desconfiou ainda. E se o pessoal soubesse o que nós conversamos naquela noite...

Feliz, continua Tinoca o devaneio. Imagina uma porção de coisas. Depois lhe parece luciluzir no meio da visão caleidoscópica, emergindo do amontoado de ideias, o sorriso do Jovino, já de volta da Capital, oferecendo o coração generoso e apontando para ambos uma pletora de venturas. Figura na mente enxameada de sonhos o espanto

do povo quando ele viesse pedir a permissão do pai para ampará-la nos braços robustos durante a existência toda.

— E papai, ao nos ver celebrar o noivado mais ditoso deste mundo, abençoará com um sorriso de bondade a felicidade de sua querida Tinoca. Quando, bem de tardinha, depois de moirejar valentemente o dia inteirinho para poder sustentar com vantagem a situação próxima, o Jovino me vier dar o presente de seus olhares, nós sairemos por aí, sorvendo o perfume destes pagos, gozando as belezas das tardes do meu sertão, acariciados pela frescura da mata irmã, onde nos abraçaremos pelos olhos, no mutismo bom de dois amores inestioláveis. Quando, nos domingos bonitos com que a imensa bondade de Deus premia os esforços do homem do sítio, nós formos à vila assistir à missa, ouviremos o pregão de casamentos. Depois, todos manifestarão no "bom-dia" rude o desejo de ver realizada nossa grande felicidade. E quando, ao outro janeiro, o São Sebastião, todo cheio de frechas, os braços arroxeados, as pálpebras semicerradas pela dor, for colocado com seus farrapos no andor florido...

...E continua Tinoca a sonhar...

O fazendeiro Oscar de Oliveira não era homem de tolerar ninharias. Se, em horas de serviço, atingia excessos de exigência, quando chegavam os momentos de diversão, queria que os colonos se divertissem à farta. Nem que fosse preciso sacrificar uma boa parte de seus teres e haveres.

Por isso eles ansiavam por qualquer festa protegida pelo patrão, porque tinham por certo que a coisa deixaria saudades.

Não permitindo seus recursos uma festa digna do casamento da filha, o velho Malaquias decidir-se-ia a expor a situação a seu Oscar. E numa tarde de sábado vai surpreender o patrão despreocupadamente recostado na rede do terraço, a afagar a negrura esquerda do bigode.

— Tá descansando da lida, patrão?

— É verdade. Estive percorrendo o cafezal para arranjar outros planos.

— Ahn!

O velho, após uma pausa, parece tirar a timidez com o pigarro:

— Patrão. Eu vim aqui tratar de um negociozinho com o senhor...

— Desembucha, homem. Este fazendeiro velho não quer segredos entre si e os colonos.

— É que... O Jovino, aquele seu afilhado, sabe?... O filho do compadre Henrique... Pois ele foi lá em casa pedir pra casar com a minha menina...

— Chê! Malaquias. E você não tem tristeza em ficar sozinho no rancho? O Luís daqui a pouco zarpa também. Já está passando da idade de arranjar mulher!

— Sim. Eu bem que pensei nisso. Mas o pobre do caboclo nessas coisas tem coração de galinha. Eu vi que ele queria, que ela também queria...

— E pra quando marcaram a festa?

— A Tinoca me disse que fez uma promessa de se casar no dia de São Sebastião.

— Eh! Está bem perto!

E enrolando o comprido cigarro de palha, silencia por um momento. Depois:

— Nós precisamos dar um jeito nisso. É falta de caridade separar-se você da menina, para viver na solidão, sem mulher em casa. Se a pobre de sua patroa ainda vivesse...

O caboclo roda o chapéu de palha nos dedos. Treme levemente.

— Ainda hoje eu estive pensando em derrubar um pedaço daquela moita perto de sua casa, para aumentar o terreno vazio do lado, e encher tudo isso de café. Não quero mais terras pra bonito. Preciso plantar, plantar...

E com expressão de simpatia:

— Malaquias. Que tal se o Jovino tomasse essa empreitada? Ele está mesmo livre agora... E assim ficariam todos morando juntos.

Num ofego de gratidão e de indisfarçada alegria, Malaquias sorri, suspirando depois baixinho:

— Que alma de pomba esta do patrão...

Na noite de São Sebastião, noite quente de janeiro, a casa grande da fazenda apresentaria festivo aspecto. Nenhum caboclo, desde a última safra, se "enforcara" no casamento para proporcionar uma festança daquelas, e desta vez o patrão se empenharia em fazer um colosso. Solenizando a festa do padroeiro, protege o afilhado em segundo paraninfado. Até a Nirinha, sua filha, não sei por que cargas-d'água, desta vez tira da cabeça original ideia. Traz da cidade próxima, em jovial alarido, um magote de rapazes fanfarrões e moças alegres. E organiza dois salões de danças. Um para as pessoas da cidade e outro para a caboclada do sítio.

Lá pelas seis horas, mais ou menos, serve-se o jantar.

Jantar farto, sem pratos finos, mas tudo com grande abundância. Carnes pletoradas de gordura são desagregadas no grande tacho ajeitado no terreiro. As caboclas encarregadas do serviço desdobram-se em solicitude. A mulatinha da casa, sem tréguas, atende à mesa para avisar as cozinheiras logo que, retirada da mesa cada leva de pessoas, seja necessário trocar os pratos usados, reencher as travessas, servir novamente a broa ou o pão à nova turma de convidados.

E depois, debaixo do plenilúnio branquejando lá em cima num sorriso de bênção e de alegria também, os dois bailes prosseguem animados.

Na sala do pessoalzinho da cidade uma vitrola das grandes comicha com seus sambas pererecas as pernas daquela mocidade despreocupada.

E, no salão improvisado e vasto dos sertanejos, a sanfona e o cavaquinho fazem girar no assoalho desparelho, donde surde irrepressível o pó, aquela turba de corpos suarentos, rudes, meio abrutalhados, sensuais, que afogueadamente aconchegam espáduas, embatem dorsos, entrechocam ancas.

De tempos em tempos percorre a sala o garrafão da "fervida", da qual todos participam, o que aumenta ainda mais o ardor da dança pesada, lenta, deselegante, mas plena de alegria cabocla, de arfares sorridentes, de desejos esbatidos.

Assim a música da cidade e a música da roça se consubstanciam nos ares da pacífica fazenda do "Nhô Ó", segregando, por assim dizer, ao ouvido do observador silencioso, que o amor existe tanto numa como noutra e, ao mesmo passo que no burburinho dos centros, gera a alegria no recesso do sertão.

Noite alta. Os pares do salão dos sertanejos acham-se diminuídos. A sala dos da cidade resta abandonada e escura.

No interior da casa grande a Nirinha corre de um lado e doutro para promover a acomodação de seus convidados.

Tinoca, muito bonita nos enfeites de noiva e mais corada ainda pelas sensações novas do dia, sente-se cansada. Ardem-lhe os olhos. Procura um canto solitário. E medita.

Ela... Como era feliz! Merecer esta festa do patrão... E o despeito das outras caboclas, então. Como se sentia orgulhosa de ser invejada!

Bem que vira o jeito da antiga namorada do Jovino. Bem que vira. Mas se limitara apenas a sorrir sobranceira, no gozo intenso de sua dita mais intensa ainda.

E a ideia da Nirinha? Quando é que outra cabocla tinha fruído, no dia do casamento, a presença de pessoas da cidade? Nunca! Só ela. Mais ninguém!

Além disso, como não se sentir orgulhosa com o discurso do tal de Humberto, um dos moços da cidade? Ele, num momento dado, durante o jantar, levantara-se. E, entre dois copos de cerveja, dissera meia dúzia de palavras que aos outros poderia provocar risadas. Mas que a ela encheria de uma infinita alegria.

Imaginem só! Um discurso feito por um rapaz da cidade!...

Para Tinoca, todas essas pequeninas coisas, esses acidentes insignificantes, teriam importância enorme. E ela acalentaria no cérebro, monopolizado pelas ideias de sua felicidade, este pensamento sutil:

— Ah! O meu casamento será lembrado aqui durante muitos anos.

A casa do fazendeiro Oscar de Oliveira não seria suficiente para abrigar todos os convidados da Nirinha. E (que fazer?), entre as mil e uma desculpas desta, uns seis rapazes resolvem passar o exíguo restante da noite no automóvel. Vão. Mas apenas silenciam, desacomoda-se o Humberto, o títere da turma, e diz num sorriso:

— Que tal? Vamos "sapear" o baile dos caboclos? Quem sabe encontramos lá qualquer morena alinhada, e então...

Visível agrado acolhe a ideia.

— Também, de que adianta dois segundos de olho fechado? A lua ainda não quis fechar o seu...

Saem os rapazes. Passam por detrás da casa, onde alguns tições ardem debaixo dos tachos. Atravessam o pátio iluminado pelo luar

muito claro. Entram no salão de baile. Poucos pares. O homem da sanfona, abrindo e fechando o fole, de vez em quando ginga o corpo de sono. E os dançadores conservam ainda o gesto afogueado de juntar sensualmente os corpos. Continuam no mesmo bamboleio pesado, lento, deselegante do começo.

Logo ao entrar, Humberto avista uma caboclinha dengosa, de fita em diadema e farta de seios.

Reúne-se o grupinho a um canto, como que acossado. E o folgazão do orador segreda:

— Na outra marca eu vou pegar aquela morena de olhos tentadores.

Os outros riem da audácia.

— Cuidado, que qualquer galã daí te vira no avesso.

Humberto sacode os ombros. Sorve um trago da "fervida", pigarreando.

E ao sanfoneiro:

— Maestro. Uma valsinha, agora.

O gaiteiro inicia uma peça batidíssima.

Aproxima-se o moço da morena. E balbucia numa reverência irônica:

— Senhorita...

A cabocla, aturdida, enleada, cora imediatamente, dizendo num gaguejo:

— Mas... eu...

Nesse momento o seu par de há pouco, um "cabra" espadaúdo, de fisionomia carregada, e que lhe dera as costas logo após o final da música anterior, vira-se bruscamente:

— Como é? O que é que o senhor está dizendo?

Sem esperar resposta, vermelho de cólera, e já no começo da embriaguez, fita o audacioso de alto a baixo. Encosta-lhe o peito, com desplante inaudito.

E como um trovão:

— O quê? Então minha noiva é mulher para dançar com almofadinha de meia-tigela?

Humberto, no auge do espanto, dá um passo para trás, estarrecido.

Onde o assoalho para pisar? Onde os companheiros para conter aquele brutamontes raivoso?

Os sertanejos olham mudamente a cena, que se tornara angustiante para os jovens intrusos.

E só a entrada casual do fazendeiro no salão impede que a coisa adquira mais amplas proporções.

Depois que, corridos de vergonha, desaparecem por detrás da casa os rapazes da cidade, Tinoca pensa com seus botões:

— E mais esta briga, ainda, para fazer com que o meu casamento seja lembrado por muitos anos...

O sol já deixara de coar-se na abóbada do caminho estreito. As baitacas não mais traçavam um rastilho verde no céu do sertão. Os cafezais não eram agora senão retas escutas que punham relevo nas primeiras projeções da lua cheia.

Recostada no moirão da cerca que completava o insulamento daquela casinhola modesta, construída no claro desnorteante, a cabocla em silêncio prossegue na cisma.

Cabrioleiam-lhe os cabelos no colo meio descoberto. Saltitam-lhe depois nas espáduas macias enquanto alguns fios mais longos acariciam os braços nus, em tentação de amplexos amorosos. A saia, viramexendo sem cessar pelo sopro do vento, teima em lhe cingir as pernas, ondulando-se, como em desmaio, no regaço apenas esboçado.

E Tinoca, sob o branquejar do plenilúnio tão lindo quanto desejara na feliz noite de São Sebastião, continua a ninar aquele sonho rendilhado de esperança, verde como as baitacas vesperais que antes

passavam em bandos, verde como a simetria caprichosa do cafezal em frente, como as bolinhas verdes do seu vestido de chita...

Festa de S. Antônio

O vilarejo sem história, apertado em todos os flancos pelos grilhões inflexíveis das serras, libertava-se pouco a pouco da dormida plácida sob a colcha enfeitada de estrelas.

A alvorada, sem clarins nem tambores, ia espantando, todavia, bem pra lá dos grotões e dos picos, as sombras bracejantes da noite.

E os primeiros fios de luz, deixando descoloridamente em destacado os contornos grotescos das casas, eram vanguardeiros do sol, que não tardaria a chegar com o seu cortejo de luzes.

Depois, quando as curvas fidalgas do horizonte emprestavam linhas esculturais às montanhas plebeias, os telhados sem simetria fuzilaram no ar em chapadões borbulhantes.

Já então, as primeiras manifestações da vida começaram a adejar sobre o lugarejo desconhecido. E o rio — um rio largo que vinha lá de longe, e vinha descrevendo arabescos caprichosos entre a deselegância das cordilheiras — arrastou suas águas no coração da vila e levou, diluída nelas, a vibração sem par da manhã cabocla.

E assim amanheceu o dia de S. Antônio naquela povoação distante.

Lá na última esquina, um comerciante adiposo abre as portas de sua casa de negócio e varre o assoalho cuspido e imundo.

Publicado originalmente em *O Dia*. Curitiba, 13/06/1933.

Coçando-se na quina de um poste sem serventia, um pobre cão vagabundo atira ao ar ladridos esparsos, como que antessofrendo, no começo do dia, a melancolia de mais um dia vivido ao léu e sem dono.

No lar do Benedito Olivério desenrola-se a mesma cena de sempre. Ele, sentado na beira do catre, esforça-se por adaptar ao pé o sapatão de couro. A mulher arrasta os chinelos de um lado para outro. E, junto ao fogão, as crianças, esfregando os olhos ainda cheios de sono e de remela, choramingam impertinentes, reclamando um naco de batata assada.

— Mãe, hoje eu queria comer pão.

— Cala a boca, feição do enorme. Onde já se viu esse luxo?

— Pois hoje é o meu dia, mãe...

E Tonico, o filho mais velho, parado na porta que dá para o quintal, contempla com olhos diferentes o azulado longínquo do Pico Agudo.

— Patroa. Faça a vontade do menino. Pelo menos no dia de S. Antônio.

— Qual nada! Extravagância não é pro bico do pobre.

O Benedito Olivério olha a Nida de soslaio. E matutando em silêncio:

— Coitada de minha mulher! Pra ficar "braba" não pede licença. Por um nadinha está subindo a serra. Também, pudera! Uma porção de filhos já quase criados... E ainda por cima uma doença desgraçada no fígado...

E ajeitando a cinta:

— Toma lá, Tonico.

Com gesto displicente, o menino toma a pratinha. E já descendo a rua esburacada, mete as mãos nos bolsos, atirando a esmo assobios discretos. Reflete. A vida... O que era a vida para ele? Uma pasmaceira sem conta... Batera uma crise na casa!... De segunda a sábado, fora os dias santos, atravessar a ponte de manhãzinha, escalar a serra, e lá na primeira baixada ajudar o pai no algodoal. De tarde, um banho no rio. À noite, conversar com a vovó Francelina, e ouvir dela umas

histórias sem sabor. Ainda o prendia à velha a gratidão sincera que nutria. Desde pequeno acostumara-se Tonico no conchego da avó. A mãe vivia numa neurastenia sem fim. Até parecia madrasta...

Na volta vê o estrugir de alegria nos outros meninos. E considera a ironia da véspera. Ele, que se chamava Antônio, não tivera uma distração. Nem um busca-pé. Nem uma bomba de parede. E Tonico fica com uma vontade de transformar o mundo numa enorme bomba e atirá-la de encontro ao sol...

Bem de tarde, no quintal da casa, Tonico estende as vistas como que acompanhando um ponto indeterminado a se deslocar no céu que se afogava no delírio do ocaso.

Invade a atmosfera o bimbalhar compassado de um sino. E quebra-se logo ao longe, na fraqueza de ecos sucessivos.

Tonico pensa em assistir à novena de S. Antônio. "Mas pra quê?" E suspende a pergunta na precocidade de seu ceticismo.

No lugarejo, a comemoração do santo continua. Desde a gritaria da criançada até a coparticipação dos grandes. E na algazarra da matula infantil, quando o balão, inflado como fêmea pandorga, inicia livre a ascensão sem destino. E no espoucar intermitente dos traques minúsculos. E no estralejamento vibrante da foguetada.

Noitinha já, entra Tonico na casa. Os irmãos todos de mãos vazias, mas num assanhamento sem conta, foram espiar a festa das outras crianças. A vovó, como sempre, na novena.

— Pai, eu queria arrebentar uma bomba hoje.

— Diabo de guri pedinchão! (E Nida interrompe brutalmente o pedido). Pensa que nós plantamos dinheiro na horta?

— Não se amofine, patroa. É comigo que ele está falando.

Benedito trincoleja no bolso as moedinhas parcas.

— É um esbanjamento nesta casa... Guarda esse dinheiro, Dito.

— Deixa, mulher, deixa.

Não se conforma a Nida. Aperta as maxilas de raiva. E praguejando:

— Tomara que arrebentem não sei onde essas malditas bombas.

O menino sai em silêncio. Que vontade ainda de comprar uma bomba enorme, do tamanho do mundo, e jogá-la de encontro à lua, no crescente!

— Seu Fidélis. Qual é a maior bomba que o senhor tem aí?

— A maior? É esta. Veio como brinde. Mas eu não sei como brincar com isso. Cuidado, menino. O estouro dessa não é estouro de traque, não.

Na esquina próxima, a criançada se agita. A gargalhada dilui-se perdulariamente em todas as gargantas.

— Pessoal! Escute só o estouro desta!

Tonico, de feições contraídas, quer que todos estejam atentos. Não seria melhor que o mundo inteiro olhasse a casa da esquina, naquele momento, como que a válvula única para sua infinita amargura?

O menino, apertando fortemente na mão direita o perigoso embrulho, precisa tomar impulso. Arreda o passo. Volteia o braço para trás. Ao mesmo tempo, imprudentemente, a Piva, uma irmãzinha do Tonico, corre pela calçada. No entanto, não é mais possível tolher o golpe. Projetada com energia contra a parede, reflete-se um pouco a bomba, e estrondeia junto à menina.

No seu aturdido, Tonico não compreende, no primeiro momento, os gritos lancinantes de dor. Em atonia completa, apenas enxerga a irmãzinha nos braços da gente que acorrera. Depois, pela concentração de todas as energias, desliza como uma sombra na rua deserta.

Lá, nos pilares incoercíveis da ponte, o rio continua a música do atrito. E a música da luz, longe, nas estrelas e no crescente, continua a procurar a superfície da água para a multiplicação do concerto supremo. E a sinfonia da semiloucura quer arrebentar os miolos do Tonico...

Sabedora do ocorrido, Francelina sai como doida à procura do neto. Encontra-o na cabeceira da ponte, com o rosto entre as mãos, chorando. Aconchega-o, carinhosa, ao peito. Beija-o com efusão. E sussurra:

— Tonico. Vamos pra casa. Eu sei de uma história bonita que se deu comigo lá em Minas, numa festa de S. Antônio...

Na rua recomeça a alegria. A mesma barulheira esturdia.

— Santo Antônio! Meu bom Santo Antônio!

E o vilarejo sem história, apertado já em todos os flancos pelas cadeias eternas das serras, cobriu-se melhor na colcha enfeitada de estrelas. E imobilizou-se ainda mais nos grilhões inflexíveis da noite...

CRIA DE ALUGADO

Damião

Naquele passo, a estrada se pôs mais estreita. Sinal de que a mata ia aparecer na primeira curva.

Damião espiou pra cima. Era uma só faiscação, o sol. Chegava a doer, de tão claro, de tão quente.

Pisou o chão, odiando quase. Mas o chão sabia se vingar. A vingança era a poeira. E era também aquele bafo que sufocava — o bafo da terra ressequida.

Deu mil graças a Deus quando alcançou a mata. Entrou nela, com vontade.

Reconheceu o guaretá raquítico na exibição diuturna do tranco enfezado. E a canelinha, pletorada de folhas. A canelinha era bem um archote verde à beira da estrada. E aquela pindaíba, então? Parecia um urso. No entanto, os cipós se lhe espiralavam avidamente no tronco, como serpentes enfurecidas. A pindaíba, mais os cipós, tinham a expressão fugace de dois seres hostis em empenhado conflito.

Respirou profundamente. Sentiu-se dono de tudo aquilo. Dono dos caules que tomavam em cima aquela disposição confusa e resolviam-se abaixo da superfície naquele emaranhado de raízes possantes. Dono da folharia que silhuetava sobre o caminho, só pra formar abóbada rendada e não deixar o sol entrar do jeito que quisesse.

Dono do riacho humilde, esgueirando-se por aqui, por ali.

Abaixou-se, a lavar o suor. E, com a mão em concha, bebeu até não poder mais.

Publicado originalmente em *O Dia*. Curitiba, 06/11/1936.

Depois foi andando, com passo lerdo. De tão distraído, uma vareta de lambe-papo lhe queimou a epiderme. Reagiu incontinenti. E tomou tento de sua obrigação.

Baitacas em bando traçavam um rastilho verde no céu do sertão. Teve, de supetão, uma bruta vontade ser baitaca...

Chegou no paiol do Malaquias. Foi só o tempo de entregar o bilhete, trepar na carroça, e fazer estalar o chicote.

A arrancada dos animais aumentou o alarido dos guapecas.

O cuidado na direção não lhe facultava espiar a simetria caprichosa do cafezal — o cafezal que se perdia de vista nas requebras do monte.

Nem ligou. Estava enjoado daquilo...

O menino o que queria era chegar em tempo na casa do coronel. Por isso nem percebeu que em pouco apareceu certo ventinho. O vento foi ficando mais forte, mais forte, movendo com energia as copas das árvores. E erguendo muito o pó da estrada. E revoluteando-o em espirais ralas. Já, em redemoinhos mais espessos.

Lá em cima, inumeráveis nuvenzinhas apareceram, avolumando-se logo. Deslocaram-se. Uniram-se. Compuseram outras maiores, que subiam no céu, escurecendo-o.

Quando Damião deu em si, a tempestade estava desencadeada.

Caiu um raio no lado sul. E o trovão, largo tempo, ficou reboando.

Tinham dificuldade em vencer o caminho os animais, mas Damião não queria saber disso. Fustigava-os, sem piedade. Até com o cabo do chicote. Assim ele se vingava das chicotadas que lhe dava a chuva. A chuva batia no rosto, emplastrava os cabelos, atravessava a roupa.

No Fundão do Santo, viu o negro Ezequiel, na porta da tapera, de mãos supinas, carapinha à mostra, orando, orando.

Passou de largo, frouxando as rédeas. Ezequiel pisou o terreiro e abriu os braços, feito uma cruz. Damião sofreu um medo louco do feiticeiro.

Doíam perdidamente os braços. E a carroça pesava cada vez mais.

Pensou em descansar no primeiro rancho. No primeiro? Virgem Maria! Era o rancho dos leprosos. Fez o sinal da cruz com a mão canhota.

Na volta do Faria a chuva se pôs mais branda. E como estava ansioso por demonstrar ao patrão a presteza com que agira, a intervenção heroica feita no negócio do doutor Henrique, dispensou qualquer descanso.

Atravessou o terreiro da casa grande com o coração batendo forte. Aquele baticum era mais de orgulho pela sua proeza.

Desceu, lépido. E viu um cavalo arriado no toco.

Entrou. Vinha encharcado, ofegante. Apenas o viu, gritou o coronel.

— Nhengo do inferno! Só agora?

E meteu um tabefe medonho no menino.

Damião, sem compreender coisíssima, rolou no chão.

Parecia um possesso o coronel. Sapecou-lhe um pontapé de classe.

— Toma, vagabundo. Toma, pra criar vergonha.

Ninguém tentou a defesa. Sabiam todos como era o coronel Florêncio.

O caboclinho fugiu pra cozinha, manquitolando, em soluços.

Sentiu crescer, dentro do peito, um ódio de morte. Então ele fizera o impossível para salvar o negócio, e era assim que o recompensavam?

Chorou, baixinho. Nem as lágrimas se viam. Elas faziam corpo com a água escorrendo do cabelo, escorrendo...

Frederiquinho, vestido de marinheiro, muito janota, ficou na porta, espiando. Enquanto isso, o coronel Florêncio dizia impropérios.

A chuva o livrara do incêndio do paiol. Mas não o livrara de outro fogo — que tal era a má-fé do doutor Henrique.

Repetiu uma porção de vezes:

— Doze contos! Canalha... Doze contos! Vai me pagar. Ah, se vai. Pra que serve a garrucha do Benedito? Pra quê?

Naquela noite, Damião jurou que havia de fugir da fazenda.

Vontade ser canalha

— Pois ouça o que lhe digo. A bondade é monótona. É, mesmo, a virtude mais monótona que Deus inventou. Aliás, eu nunca enxerguei o mínimo interesse nesse fato de o indivíduo cuidar de ser bom. E, quando me falam de um cidadão qualquer: "É um sujeito muito bom!", eu guardo a impressão de que me falaram assim: "Ele é um sujeito muito bobo!" Pois ser bom é meio caminho andado para ser palerma. E o palerma é precisamente alguém cuja sensibilidade cada vez vai respondendo menos...

Eis porque fujo de ser "um bom rapaz". Tenho, até, uma famazinha péssima — isso é já verdade. As moçoilas me temem. E os maridos me odeiam. É sinal de que sou um macho de personalidade...

Outra coisa que também lhe quero dizer: esse negócio de ser muito inteligente também não presta. A inteligência atrapalha. E eu acredito mais no instinto... que não atrapalha nunca.

O homem inteligente é sempre infeliz. Porque vive na inquietação. A inquietação de "compreender". A inquietação de "criar".

O homem medíocre não. Esse anda sempre repleto. Acha que todos os fenômenos do mundo estão admiravelmente bem-postos, inclusive a sua ignorância oceânica.

Terceiro ponto de minha ojeriza: o romantismo.

Confesso que, lá uma vez ou outra, sinto uns pruridos suspeitos e entro logo em crise romântica. Mas isso acaba logo, felizmente. É só pensar em certas coisas safadas. Por exemplo:

Publicado originalmente em *O Dia*. Curitiba, 7/11/1936.

Em um baile, a moçoila X, provocante em seus perfumes, enrosca-se a mim, revirando uns olhos cheios de sonhos. Então eu penso naquilo que a natureza porca lhe dá, todo fim de mês. O encantamento desaparece...

Dali a pouco, a senhorita Y me pergunta se já li o último soneto de Olegário Mariano. Eu respondo que gosto muito de bifes com batatas só quando o bife é bem passado e o molho inglês é de boa marca...

Entendeu bem?

— Entendi. Mas acho que você devia arranjar outras ideias.

— Por quê?

— Porque estas já estão muito gastas...

Conversaram mais cinco minutos. E quando o velho companheiro se despediu (a Jeanette já estaria ansiosa, doida pra amar), Damião o acompanhou até o sinal.

Frederico ainda repetiu, quando o bonde apontou:

— Não se esqueça, hein? A bondade é monótona. A inteligência é incômoda. E o romantismo é cretino.

— Você é mesmo canalha.

— Mas sou feliz, meu caro. A minha felicidade consiste em ser ruim, em ser burro e em ser prosaico. E eu vim pra vida só pra achar felicidade...

O escriturário ficou desencorajado um tempão depois que o bonde andou. Estava sentindo um vazio medonho dentro do peito.

Consultou o relógio.

— Nove horas. Ainda é cedo pra dormir.

Pensou em voltar ao livro.

— Besteira... Preciso é descansar.

Apeteceu-lhe, de repente, um carinho longo de mulher.

— Mulheres, mulheres! Quem poderia gostar do tabaréu desengonçado, do monstro sem conserto?

Havia glândulas trabalhando embaixo. O trabalho das glândulas de baixo produz sempre um calor — um calor danado que quer sair a todo custo.

Meteu as mãos no bolso. E caminhou ao léu.

Pegou a rua da praia. Quase ninguém ali. O povaréu queria, mas era o "largo", onde fervia a "batalha" desenfreada.

O andar de Damião parecia o de um fantoche. Só faltava o cordel da marionete, puxando. Ou por outra. Havia um. Um cordel invisível: aquela ansiedade machucando sempre, aquela insatisfação crescendo toda a vida.

Passou um casalzinho muito unido. Combinavam safadezas talvez. E Damião parou na beira da calçada, olhando, invejando...

Veio um vento macio do lado do mar. Enfrentou o vento. E espiou o mar.

O vento sabia penetrar, gostoso, por dentro da camisa. O mar não sabia. Não sabia ficar quieto. O mar queria fugir da praia. E queria também engolir a praia. Por isso, ele parecia um homem. Parecia desses homens que nunca definem bem aquilo que querem. Ou, quando definem, aspiram, simultaneamente, coisas antagônicas.

Era, também, um velho incompreendido — o dono daquelas ondas incansáveis.

Longe, na curva da baía, luzes bem-postas davam reflexos na água. E, do outro lado, eram morros que sobressaíam, escuros, pontudos, feios.

Damião estacou. E sentiu uma vontade desesperada. Vontade abraçar o mar. Vontade desaparecer no mar.

Fez força para não se empolgar pela ideia. E sofreu um medo daquela rua deserta...

Voltou quase correndo. Quando deu em si, estava perto de casa.

— Não. Eu não vou pra casa. O quarto me dá tédio. E o silêncio me põe doente.

Tomou a primeira condução. E, logo, atravessou ruas que fervilhavam.

O bonde, entupido, tinha dificuldade em romper a multidão. E a multidão dançava, gritava possessa. Ela misturava galanteios com palavrões. E confundia umbigadas com carícias.

O escriturário desceu no "largo", onde a "batalha" crescia, numa só confusão.

A poeira, subindo do chão, penetrava os poros. E o bodum, enchendo o ar, enchia também as narinas da gente.

O ruído atordoava. E as canções se misturavam, em idêntica torpeza musical.

Mulatas e brancas, cafuzos e louros exibiam faces borradas e escancaravam as bocas. O corpo de todos se mexia na mesma luxúria. A alma de todos apelava as mesmas maldades.

Damião recordou:

"A bondade é monótona. É a virtude mais monótona que Deus inventou." E viu que a agitação ruidosa do povaréu não seria possível se o povaréu deixasse de ser baixo, deixasse de ser bárbaro, ignóbil, inescrupuloso.

Foi então que o escriturário — o escriturário metódico e tímido — começou a tremer. A tremer de vontade.

Vontade ser cretino, para achar encanto nas ancas enormes daquela mulata de vermelho. Para ouvir harmonia no samba que a cuíca ritmava sem descanso. Para sentir perfume no cheiro poderoso do mulherio que suava em bagas.

Damião teve vontade ser canalha. Para dar um baita pontapé na velhota de óculos que apreciava a dança. Para esmagar com umbigadas a marafona sardenta que o solicitava. Para se perder na cidade, ao rodopio dos cordões rivais.

A música ia ficando mais forte com a chegada de novos foliões. E Damião se viu bem no meio do "largo", cheio de vontade.

Vontade ser cretino.

Vontade ser canalha.

Nessa noite, todas as vontades foram satisfeitas...

Inspiração

Ficaram estateladas com a saída brusca do Damião. Que diabo acontecera ao rapaz?

Corria a prosa tão animada, e eis que ele se levanta e zarpa, sem pedir licença.

— Ora já se viu?...

Ficou furioso o Silvino. Mas Damião caminhou indiferente à fúria do Silvino. Mal sentiu o vento que cortava.

— Eta invernão!

Fechou cuidadosamente a porta. E, ainda de sobretudo, tomou posição.

Maciazinha, a caneta nova! Uma beleza de macia... Compraria meia dúzia delas no dia seguinte.

Imediatamente, porém, expulsou do cérebro em faiscações, essa ideia mesquinha de "compra" e de "meia dúzia". Urgia encetar a obra.

Escreveu, devagarinho:

"O destino, esse fatal desvelador."

Botou uma vírgula bem caprichada. E repetiu, em alta voz:

— O destino, esse fatal desvelador...

Era bem esse o começo que idealizara.

— Fatal desvelador. Fatal... Bonito adjetivo. Só que parece um

Publicado originalmente em *O Dia*. Curitiba, 8/11/1936. Revisto, este capítulo seria publicado como conto independente em *Irmandade*.

pouco trágico. Mas não. Quem manda no verso é o "desvelador". Desvelador vai bem. Vai bem.

Precisava de um complemento para "destino". O destino tinha de fazer qualquer coisa. Escreveu:

"Que prevalece na paixão e predomina no amor."

Muito comprida essa linha.

— Pre-va-le-ce... Pre-do-mi-na... Vá lá.

(Pausa).

— Amor... Paixão... Estas palavras significam o mesmo. Será o tal do pleonasmo?

Correu ao dicionário.

"Pleonasmo, s.m. (gr. Pleonasmos)"

— Vem do grego, hein?

O *Dicionário Prático Ilustrado* falava assim:

"Repetição de ideias ou de palavras que têm o mesmo sentido; viciosa, quando inconsciente ou devida à ignorância: legítima, quando propositada, para dar maior força à frase."

— Legítima, quando propositada. É esse o meu caso. Eu repeti pra dar maior força à ideia. À ideia... Que ideia? O que eu queria era falar da Ofélia. Comecei com "tudo passa" pra lembrar aquilo que já passou. Qual! O melhor é atacar o assunto, diretamente.

A imagem da Ofélia cresceu dentro de si. Parecia um sonho.

— Ah! Um sonho... Direi que sonhei com ela. Isso mesmo.

A caneta nova trabalhou febrilmente.

Riscou tudo, tudo. Era o seguinte o novo texto:

"Eu te sonhei assim."

Assim de que jeito?

Catou uma ideia. Catou. Nada. Quase desistiu.

O sobretudo já estava incomodando. Sacou-o fora.

Sem o sobretudo, teve momentos mais livres.

E foi com verdadeiro júbilo que grafou:

"Dama então pra mim desconhecida."

— Querida... Desconhecida... Boa rima. Será que o primeiro verso pode rimar com o segundo? Acho que pode.

Corria dificílimo o parto. Em todo caso, sempre deu a terminar desse jeito o primeiro quarteto:

"Em cujo olhar todo cheio de candura,
Não lia a causa de minha desventura."

— Candura... Desventura... Está rimado. A candura é dela. A desventura é minha.

Trabalhou mais duas horas e meia.

— Pronto, felizmente!

Não parecia mau o verso final:

"Foi assim que te sonhei, Ofélia.
Foi assim... Foi assim..."

Só então ele notou o cansaço. Doíam os rins.

Releu toda a obra, em voz alta, passeando no quarto, em diagonal. Depois escreveu o título a lápis vermelho, letra de forma:

EU TE SONHEI ASSIM...

Nessa noite, Damião dormiu como um bem-aventurado.

Funeral

Damião entrou de mansinho no quarto abafado. Era mesmo verdade. O amigo não poderia resistir mais tempo.

Trazia sulcos grandes no rosto. E os olhos, outrora irrequietos quando anunciavam um novo epigrama, restavam mortiços nas órbitas salientes.

O doente notou-lhe a chegada. Esboçou um sorriso em que punha toda a gratidão. E disse, balbuciante:

— Você... Meu velho amigo.

— É. Eu vim, Frederico. Eu vim.

— Muito... obrigado...

— Não precisa agradecer, não. Mas não fale tanto, Frederico. Você se vai cansar à toa. É preciso repouso, ouviu?

— Não quero.

— Descanse sim. Vai ficar bom mais depressa.

— Qual! Desta vez...

Passou a língua nos lábios secos.

— Chegou o meu dia.

— Ora. Nem diga isso.

Damião se levantou, a troco de nada. Fazia o possível para não chorar.

Frederico gemeu fundo. A testa brilhava, orvalhada. E o corpo todo queria pegar fogo, de tão quente.

Pediu água, numa angústia.

— Quero água, Damião. Bem... gelada.

Publicado originalmente em *O Dia*. Curitiba, 12/11/1936.

— Paciência, Frederico. Não pode ser, não.

— Eu quero... Quero.

— Seja forte, menino.

Limpou-lhe o suor brandamente, e encostou um pano molhado na boca do enfermo.

— Eu quero é água.

— Logo. Logo você vai beber. Logo mais.

Revolvia-se, a todo instante, o Frederico.

Do lado de fora do quarto, a cidade sofrendo o sol medonho de dezembro. E do lado de dentro, a febre consumindo, consumindo...

De repente, levou a mão à nuca.

— Aqui.

— Que é?

— Aqui.

Arregalou os olhos.

— Vai estourar. É agora!... Ele vai estourar, já!

Pensava que ia arrebentar um furúnculo na nuca. Depois era a cabeça que estava aberta de lado a lado. A cabeça subiu, subiu. Pegou a cabeça. Travessou o dedo no ouvido, e o dedo veio sair nos olhos. Os olhos saltaram. Ficaram dançando no ar. Caíram no chão. Era olho dançador! Era só o direito.

Mas a mulher chegou. Pisou, com raiva. Só viu água. A água estava afogando.

Então, o furúnculo rompeu na ponta do nariz. Bem na pontinha.

O nariz ficou compridíssimo. Chegou a bater na janela. Montou no nariz e saiu correndo. Voaram pela janela, ele mais o nariz. Mas a calçada era de quadradinhos. Deu com o nariz na pedra. Daí entrou na varanda. Socou um tapa no tio... O tio, que balangava na rede, ficou furioso. Deu-lhe uma sova tremenda. Foi aquela sova por causa do roubo da marmelada. Ora, a marmelada! Enterrou o focinho nela. Encheu-se dela. E a marmelada virou língua. Uma língua danada, que lambia. Que lambia sempre.

Quando retomou consciência, caiu em prostração.

Damião era que sofria tanto como o amigo.

Viveu o resto da tarde ali na beira da cama.

À noite, a febre diminuiu. A velha Luísa achava que aquela era a visita da saúde. A última visita. Mas não dizia, não. Podia assustar o moço...

— Você vai sarar logo. Tenho certeza disso.

— Por que, Damião? Não vou prestar mais pra nada...

— Nem fale.

— Eu sei...

Tirou o cabelo dos olhos.

— Sabe, Damião? Sou um caso perdido. Até à minha consciência eu menti sempre.

— Nada disso.

— Eu me arrependo. Fui um inútil. Paciência! Se acaso existisse uma outra vida, seria capaz de me regenerar, acredite.

Piorou, na manhã seguinte. Um febrão!

— Estou me queimando. Não aguento...

— Coragem, menino.

— Mas eu não quero morrer, ouviu? Não quero não... Me salve, Damião. Por favor!

Apenas passou a crise, tentou brincar.

— A bondade, meu amigo, é monótona. A inteligência é incômoda...

— E o romantismo é cretino (completou o outro, recordando as boas tertúlias do passado).

— Isso mesmo.

Fitaram-se longamente.

— Dê-me a sua mão. Como vou morrer logo... quero despedir-me... do único amigo que deixo na terra.

— Bobagem, Frederico.

— Dê-me sua mão. Assim.

E falou, pausadamente, como se estivesse são.

— Cria de alugado, hein? Você, cria de alugado... Lembra-se da palavra de Goethe? Ele falou mais ou menos assim: "Não creia nunca esquecer as dores da meninice..." Está certo?

— Sou capaz até de dizer a página.

Frederico quis sorrir. Mas uma dor aguda cortou-lhe a intenção. Gemeu alto. E quando dona Luísa entrou no quarto o coração do sulista não queria trabalhar mais...

Damião gastou todas as economias no funeral do amigo. Assim mesmo teve de encomendar um de classe inferior.

Os conhecidos, convidados pelo escriturário, prometeram ir, mas não foram.

O morto não deixara mesmo outras amizades. Até mesmo a Jeanette fujona, fora diabólica...

O carro levava duas coroas. E, atrás das coroas, caminhava Damião, em silêncio.

Dona Luísa — a pobre! — arquejava como quê! Só as vizinhas janeleiras é que estavam achando bom o enterro. Porque todo o pessoal as olhava — as únicas moças do acompanhamento.

Nas pernas do grande amigo do Frederico enroscou-se o Chouriço. O cachorro também sabia sentir a morte do dono.

Chouriço ganiu, longamente.

E Damião jurava que a marcha fúnebre de Chopin não podia ser mais triste, mais angustiada do que o ganido daquele vira-lata cheio de pulgas...

Trem de subúrbio

As emoções medianas não esmagam. Fazem cócegas, apenas, no espírito da gente. Como a corrente elétrica fraca que só põe comichões passageiras pelo corpo. Não assim, para as correntes de grande intensidade. Era o caso do Damião.

O destino seu, manejado não sei que interruptor invisível, abrira o circuito justamente quando o amperímetro da vida dava à agulha oscilações medonhas. Por isso o rapaz silenciou. Com esse silêncio que só cabe nos grandes triunfos ou nas supremas derrotas. Silenciou. E foi saindo — braços largados, pernas amolecidas, os olhos piscando repetidamente.

Esbarra nos homens que passam, agitados. O bonde apinhado também esbarra nele. Por um triz teria os pés esmagados. E, com o susto, cai, de novo, na realidade. Na realidade da situação, só agora perfeitamente compreendida.

Procura um cigarro. No bolso não há cigarros.

Procura o relógio. O relógio mostra o ponteiro pequeno bem em cima do número 3. Chega à estaçãozinha. Só o tempo de entrar e o trem sair.

A maquinaria rodando lhe dá o gosto longínquo de desaparecimento, de evasão.

Evasão... Longo tempo lhe dança no cérebro o termo. Evasão... Fuga da dor. Fuga da vida.

Fugir da vida... Mas a vida florescia em tudo, feito milagre per-

Publicado originalmente em *O Dia*. Curitiba, 13/12/1936. Bastante alterado, este capítulo seria publicado originalmente como conto independente em *Irmandade*.

manente. Florescia na movimentação da paisagem — dessa paisagem tristonha e sem graça de subúrbio. E no cheiro da máquina vomitando fumaça — dessa máquina que zumbia e corria, dia e noite. E na promiscuidade do vagão, cheio de gente se abanando, de cores se exibindo, de perfumes baratos se misturando como os donos.

De um lado, geme gorda matrona, amaldiçoando talvez a cinta que se lhe apertava avidamente nos quadris exuberantes. De outro, um velhote percorre as letras de um jornaleco qualquer. O velhote lê. Mas não fala. Quem fala, toda a vida, é aquele rapaz de bigode lustroso. Transmite ao amigo peripécias, reais ou imaginárias, do último jogo de futebol. O amigo guarda interesse imenso na história. Não é como a moça de boina azul, que não põe interesse em nada.

Ela está no segundo banco. É bem bonita. E espia. E espia.

No mundo existem milhares de outras moças — de boininha azul ou sem boina — que fazem a mesma coisa. Que têm esse jeito triste, distante. Que espiam, silenciosamente. Com vontade segurar nas mãos aquilo que corre do lado de lá das janelas. Mas as janelas têm vidraças que separam o corpo das moças dos apelos que correm e se sucedem.

É cheia de janelas a vida das moças. E de vidraças também. Só com uma diferença. É que, no mundo físico (onde não há preconceitos cretinos), o sol diariamente atravessa vidraças e elas continuam intactas. Mas no mundo social, não. As leis não são as mesmas da natureza. Por isso há moças de boina espiando, tristinhas. Espiando, com olhos bem diferentes dos de Damião. Os olhos do rapaz, de repente, ficam vermelhos e molhados. Foi por causa de uma faísca impertinente. A faísca o obriga a esfregar as pálpebras, muitas e muitas vezes.

Esfrega, esfrega. A senhora da cinta apertada pensa que o rapaz havia chorado. Será que as matronas gordas pensam coisas exatas? Gravíssimo é o problema, cidadãos!

Apesar do problema, o garoto loiríssimo do primeiro banco

continuava chupando o caramelo. E se sujando, também. Até o fim. Depois, a mãe limpa o rostinho dele. Como agradecimento, o garoto começa a fazer travessuras. Salta no corredor. O trem dá uma sacudidela violenta e o teria derrubado, de verdade, se a moça de boina não o tivesse amparado em tempo. Cresce o rebuliço. A mãe fica muito pálida. O rapaz de bigode loiro acha graça. O velhote abaixa o jornal. E a senhora guarda o menino. Passa-lhe a mãe na cabecita irrequieta.

— Como se chama?

— Roaldo.

— Quantos anos?

A mãe intervém.

— Já fez três. Foi no último agosto.

— Crescidinho, não?

— E ladino! — completa com o orgulho materno.

O cabelo do menino tem a cor do sol. Desse sol que atravessa o vidro e o deixa intacto. Mas a moça já se esqueceu da vidraça. Por isso Roaldo vai sendo acariciado.

Uma criança loura resolveria o silêncio de muita moça de boina...

Espetáculo

Damião desce correndo aquele pedaço de rua.

— A campainha já parou de tocar. Vai começar a coisa.

Cruza com o Durvalino. Vai pras bandas da Amelinha, com certeza.

— Que pressa é essa, menino?

Nem responde. Estuga mais o passo.

— Tomara que ainda não tenha começado.

Atravessa a porta grande. Estranha o velho Gregório ainda na bilheteria.

— Pronto, padrinho. Ele mandou dizer que sim.

Entra no salão, com o pulso alterado.

Não. A função não começara ainda.

— Que sorte!

Ninguém quase. No reservado da direita, o Doutor Paiva, soleníssimo. Na terceira fila o seu Pernambuco, mais a família, gozando a delícia da permanente. Um pouco para trás, uma dúzia de espectadores. Lá em cima, como sempre, o negro Fabiano com a molecada.

E bem na frente, rente à boca do palco, o Joca, afinando o instrumento.

— Coisa engraçada! Por que será que o pessoal não veio?

Juquita não compreende que o povo deixe de comparecer ao espetáculo do mágico.

— Ah! Quem sabe foi por causa da morte do Amâncio?

Acha que a razão é muito besta.

Publicado originalmente em *O Dia*. Curitiba, 17/12/1936.

— Meu Deus! Morre um homem e agora ninguém mais se diverte?

Pela cabeça do Damião passa, de atropelo, um punhadão de pensamento. Tem ímpeto de sair à rua e gritar:

— Pessoal! Ô, pessoal! Venha assistir ao espetáculo. Eu sei que o homem faz mágicas. Umas mágicas bonitas, eu sei.

E logo sente desejo de xingar o povo com os nomes mais feios do mundo. Detesta colossalmente, nesse momento, a gentalha da cidadezinha.

— Éguas! Bobalhões! Filhos da mãe!

Primeiro sinal. Música.

Segundo sinal. Silêncio.

Terceiro sinal. Aparece a cena, que é simples. Duas cadeiras. Uma mesa, com dois copos em cima. A caixa de papelão encardida.

Vem o artista, desenxabido, vestindo uma roupa de gala muito surrada. A mulher é deselegante. Mais gorda ainda que dona Vitória.

O homem parlenga dois minutos. Damião não entende bem. Só sabe que, a cada passo, ele solta:

— Cavalheiros... Damas...

As mágicas são bem bobas.

Umas coisas mais sem efeito, gastas, repetidas. O relógio que passa, invisivelmente, do bolso do espectador para a caixa de papelão. Um lenço branco que fica vermelho. O chapéu que vira passarinho.

No fim do espetáculo vêm aplausos tímidos, sem vontade. O homem se curva uma, duas vezes. A mulher agradece também.

Damião quer mais é derrubar o barracão, à custa de palmas. Só pra alegrar o mágico, que tem uns olhos muito tristes.

Diante da gaveta semiaberta, o velho Gregório, levantando a gola do casaco preto, aceita o fiasco com a resignação de sempre. E ainda troça, conferindo a aritmética da noitada:

— Está vendo? 25 pessoas. O delegado, o promotor, o Fabiano, os cinco moleques, o Pernambuco mais a família. Ao todo, treze pessoas que não pagaram. Doze entradas vendidas a 1$500 somam 18$000.

Conta redonda.

E articula, pausadamente:

— Dezoito mil réis.

O ilusionista foi ter com o empresário, no dia seguinte.

— O senhor ontem foi um pouco infeliz, não? — diz o velho.

— É. Não tive sorte, quase.

Faz um gesto de desalento:

— Já me aconteceu coisa parecida mais de dez vezes. Mas não faz mal.

— Paciência, amigo. A morte do Amâncio estragou a frequência. O senhor sabe. Povo do interior é assim. É muito respeitador.

O homem das mágicas tinha no rosto uma sombra de amargura infinita.

— Parece que não dá nem pra pagar o aluguel do teatro, não, seu Gregório?

Gregório levanta os ombros.

— Não importa. Perdoo o aluguel.

E fica pensando na coragem do homem em chamar aquilo de "teatro".

Damião, no ângulo da saleta, espia com piedade a figura miserável do ilusionista. Tenta justificar consigo mesmo.

— Ele sabe fazer mágica. Sabe mesmo. O desastre foi a falta de assistência. Povo besta!

O artista solta um suspiro longo.

— Muito obrigado, seu Gregório, por sua boa vontade.

— Não há de quê. Disponha.

Já na porta, o homem volta-se.

Fala, com brandura, humilde:

— Quando fui à sua casa, vi lá, num canto, uma pequena mala

desocupada. O senhor não poderia fazer presente dela?

— Pois não. Pode ir buscar.

— É só carregar as bugigangas. A minha está tão velha...

Fica atrapalhado. Não sabe como explicar.

— Desculpe, senhor. Desculpe.

Damião aproxima-se discretamente do velho. E cochicha.

— Padrinho. Dê vinte mil réis ao coitado. Dê.

Gregório atende o menino. O artista ambulante agradece comovidíssimo. E abala rua acima.

No trem das quatro, Damião vai à estação.

Lá estão, no carro de segunda classe, quietinhos, o mágico e a mulher.

Damião se despede.

— Felicidades, amigo.

— Obrigado, menino.

O trem apita. Arranca, devagar. E logo desaparece, soltando fumaça, do lado do paredão.

Noturno

Nota prévia: Um amigo me fez o favor de não gostar, por escrito, das publicações esparsas que venho fazendo de meus pobres livros. Ele acha que isso me está estragando muito (está estragando o meu "nome", como diz o amigo, com largo cavalheirismo, referindo-se a uma coisa que absolutamente não possuo ainda, nem no Paraná: um nome literário). A falta de continuidade — argumenta o colega — impede o leitor de compreender o sentido de minhas palavras. E o entrosamento da narração não pode ser percebido, palidamente sequer.

Ora, eu tenho um hábito muito feio. Gosto de fazer justamente aquilo que os outros acham que não devo fazer. Tenho prazer em contrariar os outros. Em ofender os outros. Em remar contra a corrente. Desde criança fui assim. Por isso — só porque me criticaram — atiro hoje, nestas colunas, mais um excerto. O qual, como os anteriores, não vai gozar o menor efeito. O leitor, aliás, pode fazer o juízo que quiser sobre estas "amostras" de minhas criações literárias. E quando, de futuro, vier a percorrer, por desfastio, as narrativas ordenadas em volume, reforce o juízo desfavorável ou modifique-o, da maneira que lhe aprouver. Pois, no mundo, há uma coisa com que absolutamente eu não me incomodo: a opinião alheia. Sobretudo em questões de literatura.

Aproveito a ocasião para explicar o seguinte: os erros de gramática que têm aparecido nos excertos anteriores correm, em sua maioria, por minha conta. E, em sua minoria, por conta do linotipista. Dos que correm por minha conta não me penitencio. Dona Gramática é uma

Publicado originalmente em *O Dia*. Curitiba, 18/12/1936.

senhora muito antipática e eu tenho prazer em destratá-la. Eu erro sem remorsos. Erro porque, muitas vezes, uma frase errada exprime, com precisão muito maior do que uma frase corretíssima, a emoção de tal ou qual personagem. Por exemplo:

Em uma das publicações anteriores, Damião ficou com vontade ser canalha. Ora, vontade ser, isso sim. Acontece, porém, que se eu dissesse que Damião estava com vontade *de* ser canalha, aquele *d*e iria estragar tudo. Iria artificializar o desejo do rapaz. E eu, em minhas narrativas, quero mais é fixar emoções e não demonstrar conhecimentos de linguística. No romance, dizem todos os críticos, o fato é tudo, a palavra é nada. E quando esse fato não é objetivo, mas psicológico, muito mais razão tenho para desconhecer a gramática. Nunca ninguém consultou previamente as leis da sintaxe e etc. ao sentir qualquer emoção, banal ou chocante.

Outra observação: de vez em quando aparecem aqui expressão ditas de "imorais" pelos puritanos. Ora, eu adoto conceitos revolucionários nesse terreno. Isto é: não admito a existência da imoralidade. Acho que as coisas verdadeiras não são imorais. Aliás, é fácil concluir que a moralidade também não existe.

Existe Moral, com M grande, uma coisa abstrata, longínqua, grande demais para merecer nossas conjecturas. Mas moralidade não existe. Isso é ficção. É invenção daqueles que se sentem com coragem de violá-la. Mas isso não vem ao caso. Queria dizer, apenas, que tenho empregado termos crus em meus escritos. Esses termos, porém, são crus porque há, por aí, convenções muito estúpidas, muito cretinas, e há no mundo muita gente hipócrita. Além do mais, se eu pronuncio esses termos, se você os pronuncia, se todos os pronunciam — que mal há em escrevê-los, com todas as letras? Se eu não tenho escrúpulos de falar ou ouvir um termo feio, não devo ter escrúpulos de escrevê-lo. O papel não é mais digno do que os meus lábios ou os meus ouvidos. E, nos livros, as pessoas devem falar do jeito que falam na vida. Na vida, quase sempre, nós falamos coisas tão sujas, tão torpes, tão amargas...

Largado no banco do jardim, meio encoberto pela sombra da palmeirinha, Boito percebe o ruído que vem da sala. A confusão de palavras e risadas cresce e diminui alternadamente. Às vezes chega ao pianíssimo, quase fica imperceptível, depois ondula, e de repente explode, decidida. Sinal de que a anedota terminou, e o comentário resolve tomar corpo, em todos os lábios.

Boito escuta, e machuca com os dedos uma folha muito verde. A luz que sai da sala caminha no terraço, insinua-se pelo gradil, vai projetar-se, de mansinho, no primeiro canteiro. Ali morre, de supetão. Morre justamente onde começa o pequeno rastilho do luar. Do luar que cobre toda a cidade, como uma bênção.

Dona Amélia, sorridente, gorduchona, é a primeira que sai, metida numa roupa de lã.

— Irá à novena? — pensa Boito. — Não há mais tempo...

Será que dona Amélia adivinhou-lhe o pensamento? Ela explica incontinenti à Virgínia:

— Vou fazer uma visitinha à Candoca. Dizem que está passando mal, já sabia?

As banhas da mulher se movimentam e atravessam o portão.

Agora são os rapazes que surgem.

— Tá esfriando...

— Vamos dar uma volta, Mendoncinha?

— Por meia hora, vamos. Preciso me aprontar cedo.

— Por causa do bate-coxa brabo na casa do Crespo.

— Ahn!

— Nem queira saber.

E Mendoncinha faz um gesto canalha, bem na frente dos outros.

— Quero deixar um arco na cintura da irmã dele. A pequena há de gozar oito vezes nos meus braços.

— Oito vezes? Não dá pra tanto. A fisiologia sexual, meu amigo...

E Gilberto desenrola a sabedoria dos compêndios.

Raras vozes na sala. O empregado limpa as mesas, em silêncio. Cresce um som de talheres e pratos, na cozinha. Dona Emerenciana dá ordens. Janelas se iluminam. Outras escurecem. O tenente sai, mais a mulher. Vão ruminar o jantar na rua, apesar do tempo. O Neves, tremendo-tremendo, custa a acertar a cadeira de vime.

Boito se assusta.

— Será ela? É mesmo. Não pode ser outra.

Dulce atravessa o jardinzinho. Nem olha para os lados. Está tristinha.

— Dulce.

— Ah! Você! Não tinha visto...

— Eu sou o Homem Invisível.

(E a inflexão de Boito é forçada, cheia de intenções).

— Lembra-se da fita? A cabeça enrolada, o nariz escondido assim, as orelhas, o queixo, tudo. Tal e qual.

— Já vem você com as histórias de sempre.

— Histórias? São fatos, minha nega. Ando ou não ando parecido com o homem da fita?

Dulce não desanima.

— É impressão sua. Quando você tirar os panos, ficará o que era antes.

— O que era antes? Coitado de mim! Então eu não tenho espelho no quarto? Estou com a boca torta. Eu sei.

— Exagero...

E Dulce resolve cortar o assunto.

— Bem, vamos parar.

(Muda o tom de voz)

— Como vão as meninas?

— Mais ou menos. Quer entrar?

— Não. Fico mais um pouquinho.

— Aqui você se resfria.

Pausa.

— Por que a Dorita não veio?

— Por nada. A coitadinha está muito aborrecida. Ficou chorando...

— Chorando?

— Ela quer ir à festa na casa dos Crespos.

— E não vai?

— Por falta de companhia.

— E você?

— Eu?

— Sim. Por minha causa não se prenda. Nós ainda não somos noivos. Vá a festas, divirta-se, faça o que quiser.

— Não fica bem.

— Fica, sim senhora. Pra tristezas, bastam as minhas.

— Mas, Boito...

— É isso mesmo. Vá. Divirta-se. O que é que tem?

— Prefiro não ir.

— Bobagem. Por minha causa não se prenda.

(Custa dissimular o nervosismo).

— Que culpa tem a Dorita de minhas loucuras? Nenhuma. Você deve ir. Acompanhe a coitadinha.

Dulce não sabe o que dizer. Para falar a verdade, é bem grande o desejo de ir.

— Que diabo! — pensa. — Eu sou moça, preciso me divertir.

Pergunta ao Boito.

— Se eu for, você não zanga?

— Claro que não.

— Prometo me comportar, não namorar ninguém...

— Ora!

— E saio cedo. Só pra contentar Dorita. É tão bobinha!

O diálogo se prolonga. Por fim, Dulce entra, a cumprimentar dona Emerenciana. Demora-se pouco. Na saída ainda fala.

— Olhe lá, Boito. Não zangue, viu? Amanhã venho contar tudo.

— Está bem.

Dulce caminha, no andarzinho leve de sempre. Está cada vez mais bonita. E Boito sente uma opressão... Tem medo de perdê-la. Ou por outra. Tem quase certeza de que Dulce não será sua, nunca mais...

Sobe ao quarto. Pensa, pensa. Por que diabo fora ele cometer aquela asneira? Que coisa estúpida. Ele próprio não sabe explicar bem. Fizera tudo inconscientemente, empurrado por mãos escondidas.

Vem uma vontade de chorar. Uma vontade impertinente, sem fim.

Vai à janela. Espia vagamente. O cérebro trabalha sem descanso. Mergulha no passado. Aflora no presente. Planeja. E rememora outra vez. E considera. E imagina.

Nem sente passar o tempo. Quando vê, a casa inteira está silenciosa. O relógio bate onze vezes.

Deserta a rua. O silêncio. O luar desenhando coisas oblongas na calçada. Um guarda apita. O colega responde no outro quarteirão.

Um casal passa. Ele, de casaca. Ela, de vestido comprido. Discutem baixinho. E seguem.

Chegam de longe, vez ou outra, sons perdidos, indistintos. É a cidade que arqueja de sono. São bailes principiando. Grandes farras que começam. E a noite fria, fria, insinuando conchegos misteriosos.

A criança do vizinho se põe a chorar. A mãe intervém. A criança silencia.

Damião passeia no quarto de baixo, lentamente. Tosse duas vezes. E continua.

A mocinha triste do seu Valério está sozinha na sala. Ela é romântica. Olha a lua e sonha. Sonha com os amantes que nunca teve — príncipes loiros e esbeltos talvez.

A mocinha, de repente, apaga a luz. Toma o violino. As cordas vibram. O arco desliza. Os dedos caminham, mansos, dóceis.

É muito conhecida a melodia. Um noturno. A mana Guguti toca isso sempre. Mas não atinge nunca a emoção da mocinha triste do seu

Valério. Não realiza, nunca, uma surdina assim. O noturno fica mais delicado, mais penetrante.

Lá embaixo, na calçada, passa um garoto de casaco esfarrapado. Segura a certinha. E grita, pra rua deserta:

— Mendoim torradinho... Quentinho, quentiiinho...

O violino não cessa. A música se torna mais angustiada. Parece um soluço feito harmonia.

O garoto já vai mais longe. Oferece outra vez, no esforço medonho de encontrar freguês.

E o pregão morre na noite quieta, longe, longe.

— Mendoim torradinho... Quentinho, quentiiinho...

Pensão familiar

Era uma novidade aquela pensão. Damião pensa que, se algum dia desse pra escrever romances, teria material de sobra. Só a dona Amélia valia uma novela. E daquelas bem complicadas. Bem cheias de notícias freudianas. E de outras notícias igualmente vergonhosas. Damião não suporta devoção tamanha. Mulher solteirona, beirando os quarenta — que aprecia demais estar entre rapazes, e vive na igreja, rezando sem parar, e cuida de numerosas obras piedosas, eficientes ou inúteis — é mulher estragada pelos recalques e digna, por conseguinte, de piedade. É mulher que procura encher, com devoções exaltadas, o vazio de glândulas insatisfeitas.

Quando Damião diz isso ao Gilberto, o Gilberto acha que Damião é um sujeito substancialmente imoral. São pontos de vista. Damião é substancialmente sincero apenas.

Outro caso curioso: o Mendonça Neto. Curioso, mas triste. "Um psicótico sem lesão cerebral", como diz Gilberto, que anda mastigando Maurice de Fleury, Achilies Delfas etc.

Mendonça Neto supõe-se cidadão excepcional. Anda sempre às voltas com gente graúda. Raro o dia em que não pede ou recebe telefonemas. Ninguém sabe o que se fala do lado de lá da linha. O fato é que Mendonça Neto, a princípio, responde coisas banais. E, depois, solta afirmações terríveis: "Prometi escrever um artigo violento a respeito". "Mas eu resistirei. Veremos quem tem mais prestígio". "O ministro então me perguntou". "Nós nos veremos hoje, na câmara, não é assim?"

Publicado originalmente em *O Dia*. Curitiba, 20/12/1936.

Foi o Gilberto quem lhe descobriu a deixa. O rapaz, quando atende qualquer conhecido ao telefone, conversa sobre o assunto desejado. E logo que o interlocutor se despede e interrompe a ligação, Mendonça Neto em vez de dizer "até logo" resmunga qualquer coisa, e continua a falar sozinho contando proezas magníficas. Faz assim porque sabe que, da sala de jantar contígua, todos o escutam, obrigatoriamente.

Damião se lembra daquela célebre viagem a Minas. Mendonça Neto anunciou:

— Vou a Belo Horizonte numa viagem rápida de suprema gravidade para o meu jornal.

E ausentou-se, de verdade, por três dias. Mas, em vez de tomar o noturno, foi descansar na chácara do tio, no outro extremo da cidade...

Damião sorri quando se lembra disso. Tem pena do Mendoncinha. Como tem pena do seu Neves, que sofre de uma doença muito feia. Gilberto gosta de explicar:

— É doença de Parkinson, também chamada paralisia agitante. Caracteriza-se por uma rigidez muscular, *fácies figé* (como dizem os franceses) e *tremblement*, mas sem supressão da faculdade vocal.

E, quando os ouvintes são hóspedes recentes, ainda completa com ares de professor da Sorbonne:

— Foi outrora considerada como uma nevrose. Mas não o é. Provém de lesões microscópias dos núcleos cinzentos do cérebro. Quanto ao tratamento do *tremblement* (ele aprecia muito este termo), pode ser feito com bromidrato de geopolamina, por exemplo, quer em injeções subcutâneas, quer por via oral.

No entanto, o Neves continua a sofrer, bem em frente da sabedoria do acadêmico de medicina. Ainda bem que a dona Virgínia, esposa amorosíssima, não larga o doente. São casados desde muito tempo. Tiveram um filho que morreu com 22 anos (dona Virgínia fala no filho e chora).

As refeições é que são engraçadas. Damião quase não fala. Escuta, apenas, as peripécias do Mendoncinha, a ciência do Gilberto, o vozeirão do Cardoso. E observa o Neves tremendo, dona Virgínia o servindo, a piedosa Amélia comendo depressa pra alcançar a novena, a mocinha magra conversando com o irmão, o tenente curtindo ciúmes da mulher e dona Emerenciana dando ordens ao garçom.

No cérebro do Damião se repete a ideia:

— No dia em que eu quiser escrever um romance, tenho material de sobra.

Na sala da frente, as moças da casa recebem visita, com cerimônia ensinada, a capricho, pela mãe. Dona Emerenciana não quer, nem de longe, que Carmita e Guguti pareçam filhas de dona de pensão.

Um cego subiu no bonde

Damião não gosta de ônibus. Pelo preço — ordem econômica. E pela pressa — ordem psicológica.

Um ônibus corre muito. Em três tempos, ei-lo já de trajeto cumprido. O bonde, não. O bonde geme e range. Estaca e arranca, dezenas de vezes. Dá sempre a impressão de cansaço. De trabalho e de ruína.

Damião trepa desastradamente. Esbarra e pisa. Afasta e incomoda. Isso faz parte da ética dos bondes. Da ética e da estética.

Senta-se. Não abre o jornal, que só estampa letras importantes. Damião sofre a pressão das realidades insignificantes. Insignificantes como a sua própria vida.

Considera. A vida é feita de coisas miúdas e graúdas. Miudezas pra uns. E grandezas pra outros. A sua só tinha miudezas. Era um bazar a vida de Damião. Mas um bazar muito ordinário.

O destino, quando quer, vira belchior. "Compra-se e vende-se qualquer objeto — Joias, caçarolas, sapatos." É desse jeito que, em sua rua, o judeu barbudo se anuncia, enrolando a língua. "Compra-se qualquer objeto." Damião pensa em comprar um: o esquecimento integral. Mas e o dinheiro? O dinheiro mal dá pra chegar em casa...

A vida — o grande belchior das emoções. Bonito título para um poema impressionista. Ele, Damião, com todos os seus poemas, só encontrou quinquilharia no balcão do mundo.

Publicado originalmente em *O Dia*. Curitiba, 24/12/1936.

No entanto, gostaria que acontecessem coisas extraordinárias. Queria alegrias colossais. Ou, então, amarguras extremas. Dessas que chegam a matar. Até a morte, porém, talvez não o impressionasse mais. Não impressionam os fatos cotidianos. Damião não é como os outros, que estão de boca aberta por causa do cego. O cego subiu no bonde com a maior segurança. Suas mãos privilegiadas valem por todas as leis do equilíbrio.

Caminha o veículo, e o novo passageiro fica na frente de Damião.

"Um cego subiu no bonde". O rapaz tem a mania dos títulos originais. Besteira!

O cego subiu... No cérebro de Damião saltitam ideias. É o seu grande defeito. Qualquer incidente banal, que todos esquecem em um segundo, fica vibrando dentro de si.

Existe algo de singular no fato de um cego subir no bonde? Não. Por que, então, essa teimosia que não cessa, essa impertinência que machuca?

Tem vontade perguntar ao vizinho da direita:

— O senhor viu o cego subir no bonde?

(O vizinho responderia que sim).

— Acha formidável?

(O vizinho repetiria a resposta).

— Sabe que há um significado oculto em todas as miudezas do mundo?

O vizinho, espantado, diria:

— O senhor é filósofo?

— Sou funcionário...

— Já comprou as apólices paulistas?

E o vizinho, solicitamente, começaria a falar sobre a grande oportunidade.

Mas não. O vizinho fala, mas é que com o companheiro. Fala sobre a Sul América. Bem que Damião tinha enxergado nele um jeitinho de agente de seguros. Os sintomas ali estavam, à evidência: a pasta, o olhar ligeiro, a palavra pronta...

Atrás de si, duas vozes femininas se digladiam.

— Nem me diga isso, Margot. O Clark Gable, sim. É homem de verdade. E que sorriso! Não pode haver sorriso mais encantador.

A outra protesta:

— Qu'esperança! Antes o Frederic March. É mais bonito. E não usa bigodes. Não gosto de bigode. Acho antipático.

— Pois é o meu fraco. Calcula você que...

E a moça se cala de repente, para dar sinal. Pretendia contar à amiga, certamente, qualquer cena muito feia passada no portão de sua casa.

Saltam as moçoilas. E sobe uma senhora gorda, heroicamente gorda, que ocupa, sozinha, o lugar das senhoritas — das senhoritas que tanto desejavam os rapazes de Hollywood.

Na fachada do cinema próximo, sobe um grande anúncio, com Clark Gable beijando furiosamente a Jean Harlow...

Estio

Frederico carrega ao alpendre a velha cadeira de balanço. Recosta-se, indolente.

— Mormaço, hein? Pergunta a mãe.

— É mesmo. Só que eu não estranho muito. O calor de lá me imunizou.

Dona Adelaide franze a testa.

— Já vem você com as coisas do Rio.

(Põe na voz uma intenção misteriosa).

— Você deve mais é esquecer aquilo. Cidade grande não presta. Cidade grande estraga a mocidade.

— Minha mocidade foi feita pra ser estragada. Não me interessa a velhice.

— Credo, menino! Deixe de blasfêmia! Então você quer morrer cedo?

— Mais ou menos.

Dona Adelaide fica perdida. Só sabe repetir.

— Deixe de blasfêmia. Deus castiga.

Frederico toma consciência da resposta imprudente. Iria amargar, inutilmente, o coração da velha.

— Desculpe, mamãe. Eu falava bobagens, só queria brincar.

— Logo vi. Isso não é coisa que se diga. A morte vem quando Deus quer. Ninguém morre na véspera.

Frederico fez que sim com a cabeça. Dona Adelaide se lembra:

Publicado originalmente em *O Dia*. Curitiba, 29/12/1936.

— Vou botar a canjica no fogo.

— A canjica? Boa ideia.

Olha o céu. Tudo limpinho. Sem uma nuvem. O sol apenas. Medonho, incansável. Tostando as folhas. E coriscando no rio sereno. E pondo diademas na testa do paredão grande.

Vem da outra esquina um som. A oficina do alemão em pleno funcionamento.

O martelo sobe e desce. A bigorna resiste. O ferro em brasas solta faíscas. E obedece: "ten-ten-ten-ten". Depois o som fica mais agudo: "tin-tin-tin-tin". O mesmo de vinte anos atrás.

"Tin... tin... ten... ten..."

Recorda a cena quotidiana da meninice. O mormaço pesando; o alemão bigornando, bigornando; e ele, de barriga pra cima, derramando na cama, estudando o céu, estudando.

No retângulo da janela, as nuvens se sucediam lentamente. Fixava uma com vontade. E a nuvem realizava morfologias engraçadas. Virava boi. Depois: montanha, navio, mulher, um leão de boca aberta, um santo puxando duas crianças, outra vez o boi, um leão de boca fechada...

Levava horas assim. Era mesmo que fita de cinema aquele pedaço do céu. A nuvem fazia tudo, desenhava tudo. Os urubus ajudavam de vez em quando. Os urubus descreviam curvas penosas, fechavam circunferências grandes e pequenas.

Um carro de boi canta monotonamente no extremo da cidadezinha. A cantiga do carro pesa, cansa, dá sono.

— Preciso fugir ao sono.

Busca um livro. O livro joga ditirambos à trepidação permanente das coisas, no dinamismo perene das espécies. O livro diz que o movimento é vida e acha que o espírito vive em função da inquietude. O livro exibe argumentos, discute. Mas o céu está sem nuvens. E os urubus, lá no alto, executam de repente uma *fermata* muito escura. E o paredão grande só sabe reluzir. E o rio é quieto, sonolento, mudo.

E a cantiga do carro cresce em monotonia. E a oficina do alemão não muda: “tin-tin-ten-ten...” E o mormaço desce, aborrece, abafa. “Tin-tin-ten-ten”... O carro... Os urubus... O céu limpinho, limpinho...

O livro joga ditirambos ao dinamismo permanente das coisas.

JOAQUIM

Um texto de Newton Sampaio

Ontem, eu transitava angelicamente pela Cinelândia (a pesquisar, nos olhos das morenas cariocas, a melhor solução para todos os profundos problemas da nacionalidade...) quando, sem o esperar, me defrontei com certo aborrecido cavalheiro nascido em qualquer distrito metafísico de Guarapuava. Fiz tudo para dar o forinha, inútil! O homem é pior que credor judeu... Acaba me carregando à mesa de um bar húngaro da Lapa. Pede cerveja preta e me pergunta de supetão:

— Sampaio. Sabe que se fundou uma Academia de Letras, no Paraná?

— Mais ou menos...

— Então por que você não escreve um artigo definindo os "imortais" da terra?

— Ando tão ocupado...

— Arranje um tempinho. Você poderia fazer com eles o que outros fizeram com a Academia Brasileira.

— Não seja generoso...

— Generosidade ou não, o fato é que o Petit Trianon da rua Aquidaban fornece inesgotável material epigramático.

— Não acredito, meu amigo. Tão pouco tenho vocação para epigramista...

— Não é preciso vocação. Veja por exemplo o Presidente da Casa. Não é nenhum Machado de Assis, chama-se Ulisses e mais se parece com Aquiles, porque seu talento está seguramente condensado no

calcanhar... Outra figura de relevo se assina Barreto, e talvez tenha parentesco com o Senador José de Sá. Esse Barreto, como ficcionista, lembra muito Balzac. Justamente porque a comparação do merecimento de ambos nos dá uma perfeita noção do infinito...

Há um Ângelo que, como escritor, é boa rima para Fasanelo... e nada mais.

O único Raul da trupe levou, certa vez, tunda mestra de Tristão de Athayde a propósito de suas ideias pedagógicas. Os amigos afiançam que o Raul se rejubilou com a crítica porque, mediante a palavra do Tristão, o Brasil tomou conhecimento de sua existência...

O Walfrido é fiel admirador do "Kilômetro". Não obstante, sua cultura histórica deve ser medida aos centímetros...

Asseguram que o João Cândido mereceu a poltrona acadêmica com o seguinte poema inspirado em Paul Verlaine (ou em Rimbaud, não sei bem): "Desdobramento das bulhas do coração" publicado em 1919. Com a sensacional novela árabe *Astasia-Abasia* produzida durante a guerra; com o notável trabalho de crítica sociológico-filosófica: *Influência de gravidez sobre as moléstias do coração*; com o vigoroso panfleto divorcista: *Influência do casamento sobre as cardiopatias*, e sobretudo com o seguinte dulcíssimo poema que mais parece música de Chopin: *Feridas do coração*, sem contar o admirável romance surrealista: *Lepra de forma siringomiélica*...

D. Alberto! Foi necessária a interferência do papa para lhe concederem uma vaga...

O Tasso e o velho Silveira sempre me trouxeram confusão. Dizendo que o Tasso é filho do Silveira Netto ou que este é o pai daquele, não sei a qual dos dois estou ofendendo...

Irmão espiritual de ambos é o Lacerda, que começou rusticamente bebendo na fonte meio simbolista, meio modernista. A fonte parece ter secado, definitivamente, matando à sede o talento do rapaz...

O Leôncio Correia é bem "o homem que foi amigo de Bilac", contrariando Agrippino Grieco que reclama o título para Gregório da

Fonseca. O velho Leôncio anda pelo mundo pensando que Bilac e Emílio de Menezes ainda bebem chope na Brahma, e isso lhe dá um aspecto algo fantasmagórico...

O Seraphim não é poeta nem na França, nem no Batel, e muito menos em Moçambique, terra de notabilíssimos vates afro-lusitanos (cujas produções, de resto, eu jamais li...)

O Euclides já foi uma vibrante bandeira desfraldada, hoje descansando a meio pau...

O genealógico Negrão está agora às voltas com a ascendência do governador e por isso pensa realizar uma expedição ao Lageado Liso...

O grande mérito literário de certo Leônidas é ter um y no sobrenome...

O Rodrigo publicou em 1908 o romance: *Um caso fatal*. Há uma predestinação nesse título...

Juram que o Sá Nunes é uma filologia em marcha. Diríamos antes que ele é simples pronome bem colocado. Bem colocado no Ginásio, na Escola Normal, etc.

O David ainda acredita em Augusto Comte e escreve numa ortografia interessantíssima. Talvez sua força em positivismo resida tão somente na ortografia...

Dario! Eis alguém que foi ilustre enquanto manteve a Grécia ali no Retiro Saudoso. O diabo é que as novas gerações não acreditam mais nem na Grécia...

Neste passo, manifesto meu tédio. O homenzinho interpreta o bocejo como um desejo de botar no papel tudo aquilo.

— Como é Sampaio? Escreve o artigo?

— Eu? Jamais! Acabam me crucificando no Paraná...

— Então você pertence à classe dos que não dizem o que pensam, dos que elogiam hipocritamente só para receber amáveis cumprimentos na Rua Quinze? Então você também perdeu o sentido da luta, adotando a indecorosa filosofia comodista?

Dito isto, se levanta, possesso. E sai do bar húngaro sem pagar a despesa...

Novamente me vejo só, na rua. Esqueço o incidente. Afinal de contas, para que descobrir mais inimigos?

No Paraná, ninguém admite a menor crítica. Se não se diz do confrade que ele é o maior humorista do sul do Brasil, o mais inspirado poeta do Universo, o confrade paranaense imediatamente corta relações conosco...

Além disso, tenho sobre a mesa, à minha espera, ainda fechado, o último livro de Chesterton. Chesterton, o inteligentíssimo, o admirável Chesterton, a mais sadia gargalhada do século XX! (Esse homem não me deixa pensar no humorismo de Correia Júnior...)

Para que falar mal dos escritores paranaenses? Dickens não me dá tempo... Mr. Pickwick e Mr. Micawber vivem dizendo suas coisas deliciosas entre as quatro paredes de meu quarto... Katherine Mansfield e Elizabeth Browning trazem até mim o perfume de suas almas se derramando em contos ou poemas inesquecíveis. John Keats as segue. E Tennyson me comove com aquele maravilhoso poema sobre as lágrimas. E Conrad me fala do mar, me leva para longas e ruces travessias. E *les sanglots longs des violons de l'automne* me enchem de Verlaine para o resto da vida...

Tanta coisa existe no mundo, essencial e bela! Há por exemplo Pirandello, cujas peças a gente lê, assiste e depois relê numa só festa da

inteligência. Há os mundos subterrâneos de Dostoiévski. E Wells nos desafiando para mergulhos fecundos no futuro dos povos. E Proust nos convidando para mergulhos abismais na alma dos homens.

E Kipling nos descrevendo a "sociedade heroica". Há Claudel, que já não pertence "a uma literatura", estando mesmo "acima da literatura" segundo o caracterizou Jacques Madaule (V. "Legênie de Paul Claudel"). E Benson, estudando Henrique VIII, Maria Tudor e Izabel em sua famosa trilogia de romances históricos. E o *Leaves of grass* de Walt Whitman. E Eça de Queiroz, curando o fígado luso-brasileiro com receitas do Conselheiro Acácio, do Pacheco, do Jacintho, do "Enguiço" do "Mandarin". E Manzoni, com seu puríssimo romance dos noivos. E a eterna substância de poesia, e de verdade das tragédias shakespearianas. E Ruskin, londrino meio maludo (talvez por excessos de inteligência e de idealismo...) esbanjando a fortuna paterna em experiências fracassadas e nos legando, sobre a arte, algumas das mais agudas páginas de crítica de seu tempo. E o *Ulisses* de James Joyce. E as corajosas definições sobre estética deste surpreendente Ernest Hello. E Leon Bloy, o "leão da polêmica" como já o apelidou alguém. E o *En-route* de Huysmans. E toda a galeria de almas a que o gênio de Balzac transfundiu perenidade e beleza. E a ridícula, a dolorosa história do amanuense Akakievitch narrada por Gogol. E Soloviev, o Newton russo, segundo a classificação da crítica oficial. E Tchekhov, amargurado mesmo quando tenta o cômico. E Sérgio Essenin, panteísta nervosíssimo, que se casou com Isadora Duncan e acabou dando um tiro na cabeça, em 1926, com 31 anos, (aliás, ruidosamente vividos). E Charles Péguy, morrendo com uma bala alemã em Plessy L'Eveque depois de surpreender Bergson e Psichari com sua inteligência privilegiada e atemorizar os padres franceses com sua altivez mental. E René Bazin, que escreveu *La Barriere*. E Selma Lagerlof, já em vias de ser traduzida para o português, segundo promete certa casa editoral, para satisfação da cultura nacional. E Sigrid Undset, nascida no mesmo trecho do mundo em que nasceram Ibsen e Andersen.

Ou (se quisermos citar gente de casa) há as sátiras de Agripino Grieco. E os ensaios de Tristão de Athayde. E o *ww* de Graça Aranha. E o *D. Casmurro* de Machado de Assis. E as páginas luminosas de Ronald...

Há tanta coisa essencial e bela no mundo! Como, pois, poderia meter-me a epigramista, escrevendo desamáveis coisas sobre os "imortais" paranaenses? Para que escrever o supérfluo se não se tem nem tempo de escrever o necessário, o obrigatório?

Decididamente o meu amigo do bar húngaro da Lapa não é companhia que se aproveite. Felizmente, ele já desapareceu no torvelinho carioca, restituindo-me à perfeita solidão (único momento em que eu realmente me sinto feliz).

Respiro fundo, procuro o cais da Glória. Ouço o mar e vejo a lua perambulando no céu, numa desesperada tentativa de comover os últimos românticos da cidade.

Mas o desespero do mar, como todos os desesperos, é perfeitamente inútil. Por isso me esqueço dele. Ou por outra. Me esqueço de tudo, de tudo. Porque é preciso esquecer, é preciso esquecer...

Este livro foi composto em tipos Dapifer e Abril Fatface e
impresso pela Imprensa Oficial sobre papel Pólen Soft 80g/m²
em outubro de 2014 para a Biblioteca Pública do Paraná.

“Na década de 30, um tempo em que o romance dominou a literatura brasileira como se fosse o único gênero literário possível, Newton Sampaio dedicou-se insistentemente ao conto. Seu primeiro artigo de crítica, publicado no jornal *O Dia*, de Curitiba, já tratava, com propriedade e conhecimento de causa, de um livro de contos de um jovem paulista radicado em Curitiba, O. Emboaba. Nesse texto, aos dezenove anos, Newton Sampaio apresentava uma visão bastante clara do que seria um bom conto, além de demonstrar já àquela altura ter conhecimento consolidado sobre o conto brasileiro.”

Luís Bueno

PARANÁ
SECRETARIA DA CULTURA
Imprensa Oficial
BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
ISBN 978-85-66382-14-3
9 788566 382143 >